

A high-contrast black and white photograph. On the left, a person is silhouetted against a bright light coming from a doorway. The person is sitting on the floor, leaning against the door frame, with their head resting on their hand, looking out towards the ocean. The ocean is visible through the doorway, with waves breaking. The right side of the image is dark, with the title text overlaid.

adeus,
**PRO
MES
SAS**

KRISTIN HALBROOK

PLATA
FORMA **31**



adeus,
**PRO
MES
SAS**

KRISTIN HALBROOK

Tradução LAVÍNIA FÁVERO

PLATA
FORMA 21

título original Every Last Promise

© 2015 by Kristin Halbrook

© Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras.

edição Fabrício Valério e Flavia Lago

editora-assistente Natália Chagas Máximo

preparação Raquel Nakasone

revisão Flávia Yacubian

direção de arte Ana Solt

projeto gráfico e capa Juliana Pellegrini

créditos das fotos da capa © donatas1205/www.shutterstock.com
e © osmanpek33/www.shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Halbrook, Kristin

Adeus, promessas [livro eletrônico] / Kristin Halbrook ;
tradução Lavínia Fávero -- 1. ed. -- São Paulo :
Vergara & Riba Editoras, 2016; 2Mb; Epub.

Star Books Digital

Título original: Every last promise.

ISBN 978-85-1512-995-8

1. Ficção juvenil 2. Ficção norte-americana I. Título.

16-02946 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Todos os direitos desta edição reservados à

vergara & riba editoras s.a.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel.| Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

Homecoming

Esta é uma história de heróis.

E eu não sou um deles.

PRIMAVERA

Voltamos das férias de primavera na Flórida – Jen, Selena, Bean e eu – bronzeadas. A Selena, bastante, porque ela fica morena só de sair no sol, e a Bean, que tem cabelo cor de morango, só com um douradinho leve. Foi nossa primeira viagem juntas sem nossos pais. Fizemos por merecer, porque somos boas meninas, de boas famílias, com boas notas e bom comportamento.

Lá na Flórida, a Jen e a Selena paqueraram uns meninos sem nem se darem ao trabalho de perguntar o nome. A Bean e eu vigiamos os copos das nossas amigas, para garantir que ninguém colocasse nada. Bebemos tequila direto de uma garrafa que a Selena convenceu um universitário a comprar. A gente ficou atirada na areia da praia por horas e horas, até a ressaca passar. E aí voltamos pra casa para ficarmos atiradas nas margens de um rio antes de o inverno chegar.

Era sábado à noite. Chegamos de avião pela manhã e, depois de termos passado horas no carro até a nossa cidadezinha, escondida de tudo (como um trecho bonito no meio de um livro medíocre), estávamos com preguiça. Mas a gente não ia perder uma festa no rio.

Quase metade do colégio estava lá, além de um pessoal mais novo e pessoas que tinham se formado recentemente. O sol tinha aquecido nossa pele. Mas, depois que ele se pôs atrás das colinas distantes, o frio começou a subir da água. A Selena estava tremendo.

– Que saudade do calor – ela disse, abraçando o próprio corpo.

– Você não devia ter vindo de tomara que caia, então – retrucou a Jen, levantando a garrafa de cerveja que tinha na mão e tomando um gole. Ela não estava tremendo tanto quanto eu.

– Tenho uma blusa no carro – falou a Bean, quando o vento começou a bater mais forte. Aí mordeu uma uva. Uma mecha de cabelo foi junto, e ela cuspiu para tirar os fios vermelhos do meio dos dentes. – Blergh! Aliás, é aquela blusa cinza que eu

trouxe de Paris.

A gente sabia que a Bean ofereceria a blusa, e que a Selena recusaria. Selena gostava de mostrar o corpo.

– É, sim... – disse a Jen. – Eu voltaria pra Panama Beach nesse exato momento.

Uma brisa vinda do rio fez seu cabelo voar na altura dos ombros. Eu me encolhi toda. A festa tinha lotado e se espalhado pela margenzinha onde estávamos. Música saía de vários carros atrás da gente, competindo por dançarinos. Havia isopores com cerveja e garrafinhas de Smirnoff Ice, e Steve McInnis tinha posto um barril de chope na traseira do seu carro velho e detonado. Nicole Wasserman e mais algumas líderes de torcida acenaram para nós, passando na ponta dos pés a caminho do seu pedaço de areia, com as sandálias numa mão e bebidas na outra. Uns caras caíram na gargalhada e começaram a bater as palmas das mãos sei lá por quê. Me deu vontade de sorrir. Por tudo isso.

– Estava legal na Flórida, mas aqui é o nosso lar – falei.

– Ai, meu Deus, não começa – disse Selena.

– Nossa pequena Kayla, campeã da cidade de Winbrooke, Missouri – completou Jen, revirando os olhos.

– Hum, todo mundo sabe que esse título é do seu irmão – retruquei, dando risada e inclinando o queixo na direção de uns carros onde o Jay, irmão gêmeo da Jen, astro do time de futebol americano do nosso colégio, estava observando a namorada tomar cerveja num copo de plástico.

Eu sabia que estava com os olhos enrugados, tão grande era o meu sorriso, e a Jen adorava debochar de mim quando eu fazia essa cara – sempre que eu começava a falar coisas poéticas sobre a nossa cidade. Sobre os longos e úmidos dias de verão, montada na minha égua, Estrela de Caramelo, e os longos e gelados invernos, com o lago Conner congelado, e o gelo brilhando como um torrão de açúcar quando patinávamos. Esse era um lugar onde existiam heróis de verdade vivendo sob o mesmo teto que você. Irmãos famosos e pais que levavam comida para os vizinhos que estavam enfrentando tempos difíceis.

Era o nosso lar.

Olhamos para os meninos dando mortais, pulando da plataforma flutuante ancorada mais para baixo, no meio do rio. As garotas sentadas na beirada das tábuas perceberam que estávamos olhando e acenaram. Jen ignorou, mas eu acenei de volta. Só para compensar a atitude da Jen, que estava caprichando na pose de menina má. Pôr panos quentes era uma coisa que eu fazia com muita frequência pela minha melhor amiga. Dei um cutucão nela e falei:

– Deixa de ser grossa.

Jen deu risada e deitou a cabeça no meu ombro.

– Eca! A Eve quer que eu fale bem dela para o Jay. Um: não sou a garota de recados dela. Nem dele. Dois: se meu irmão quisesse alguma coisa com ela, tinha ido atrás. Ela não se toca.

Do meu lado, Selenia mexia as pernas nuas. Seu cabelo castanho-escuro era tão comprido que, quando ela se inclinava para a frente, batia na coxa.

– Mas é corajosa, levando em consideração que o Jay está namorando a *irmã* da Bean. Oi? Por acaso isso é coisa que se faça com as amigas?

Me deitei, esmagando a grama primaveril com os ombros e virando a cabeça para minhas amigas. Fiz beicinho.

– Por que você está tão triste? – perguntou Jen.

– Porque, no ano que vem, tudo isso vai acabar.

– Então aproveita enquanto a gente ainda tá aqui – ela falou, se abaixando e se apoiando num dos cotovelos do meu lado, com uma expressão de provocação nos olhos e uma covinha funda na bochecha. – Tem um grilo no seu cabelo – completou, tirando o bichinho com cuidado. O inseto ficou na palma da sua mão por um instante, daí ela levantou a mão, e o bichinho saltou para a liberdade.

– Obrigada – respondi. – O que é que eu vou fazer sem você?

– Que bobagem é essa de “sem você”? A gente está aqui agora, não tá? E vamos ficar mais *um ano* inteirinho juntas. E depois? Provavelmente vamos nos candidatar às mesmas faculdades, assistir as mesmas aulas, participar das mesmas competições de equitação...

– Namorar os mesmos caras – cortou Selenia. – Comer a mesma comida, mijar unicórnios e arco-íris, tudo igualzinho.

Bufei enquanto Jen arrancava um punhado de grama e jogava na Selenia.

Metade caiu em cima de mim. Tive que cuspir uma folha que tinha ido parar no canto da minha boca.

– Ops, foi mal – disse Jen, tirando a grama da minha cara. – Ei, lembra aquela vez que a gente apostou com o Jay que ele não comeria grama?

Eu lembrava de cada pegadinha que a gente aprontou com o irmão dela. De todas as sessões de *brainstorming* tarde da noite, debaixo de uma cabaninha de cobertor, com lanternas ligadas no queixo para a luz no nosso rosto ficar apavorante. A gente teve várias ideias ótimas: prender a tampa da privada dele com *silver tape* no meio da noite, embrulhar seu carro todinho com papel-alumínio no primeiro dia de aula do ano passado... Quando a Jen e o Jay estão de bem, eles se amam muito. Mas quando estão de mal, são os piores inimigos um do outro. O Caleb e eu brigamos muito, como todos os irmãos, mas não é uma coisa intensa como a que existe entre os gêmeos Brewster. Os dois sempre têm alguma conta para acertar.

– Ai, meu Deus – falei, enrolando uma folha que tinha passado despercebida pela Jen entre o dedão e o indicador. – Isso aconteceu há séculos. Ele levou muito a sério e comeu um montão de grama de uma vez. A gente chegou a contar pra ele que tinha acabado de tirar cocô de cavalo daquela grama?

– Eu nunca contei.

– Ele mereceu mesmo ganhar aqueles dez dólares.

– Vou vomitar – disse Selena, fazendo som de quem está passando mal.

– Será que algum dia a gente vai encontrar alguém pra sacanear desse jeito?

– perguntou Jen. – Kaaaaylaaaa, você nunca vai me abandonar, né?

Fiquei olhando para a minha amiga fazendo biquinho e batendo os cílios. Jen falava como se estivesse brincando, mas sempre foi e sempre vai ser minha melhor amiga. Se eu tivesse escolha, ela seria minha irmã. A vida toda fizemos praticamente tudo juntas. Tinha certeza de que não era só eu que sentia um aperto no peito ao pensar em ficar longe por algumas semanas.

– Claro que não – respondi, baixinho. – Você é que vai *me* abandonar.

A Jen fez *tsc, tsc*, mas era verdade. Tudo o que eu mais queria era ficar ali. Tudo o que ela mais queria era ir embora para sempre. E eu não mudaria de ideia quando chegasse

a hora de mandar as cartas para as faculdades, por mais que a Jen insistisse.

– Madames... – disse Bean, com aquela vozinha de sempre. Às vezes, parecia que ela estava cantando. – A gente ainda tem *um ano* inteirinho. Parem com esse baixo-astral. Ainda é cedo para ficar triste.

– É. Podem parar – falou Selena, passando a mão na blusa. Vários caras ficaram olhando. Ela tinha peitos gigantes. – Bean, o que é que a sua irmã está deixando o Jay fazer?

Seguimos o olhar da Selena e vimos o Jay andando na direção do rio com a namorada, Hailey, pendurada no ombro. Seus gritinhos estridentes eram mais altos do que os outros sons. Ela socou as costas do Jay, mas ele deu risada e a atirou no rio, depois pulou atrás. Quando a Hailey reapareceu, estava sem ar, tentando tirar o cabelo do rosto. No início, fez cara feia e mostrou o punho fechado para o namorado, mas aí olhou em volta e se deu conta de que tinha um monte de gente olhando, baixou a mão e soltou uma risada forçada.

Bean enrolou uma mecha de cabelo no dedo, franziu a testa e falou:

– Acho que ela não estava *deixando* coisa nenhuma.

– Vai ver eles estavam brincando – falei, sem muita convicção. Estava menos preocupada em defender o Jay do que acalmar a Bean.

– Vai ver seu irmão é um cuzão – falou Selena para Jen.

– Estou careca de saber – respondeu Jen. Depois terminou a cerveja e jogou a garrafa para trás, na direção dos carros.

– Garotos como ele podem aprontar qualquer coisa sem nunca serem punidos – falou Selena, encolhendo os ombros.

Mandei um olhar de reprovação para ela. Não por causa da Jen – que não estava nem aí para o fã-clubes que o irmão tinha na cidade –, mas por causa da Bean. Não tocávamos muito nesse assunto, mas todo mundo sabia que o relacionamento do Jay e da Hailey... tinha seus altos e baixos. E, nas últimas semanas, a coisa estava mais intensa. Hailey ia para a faculdade no verão, mas o Jay ainda estava no mesmo ano que a gente. Eu sabia que ele queria ficar com ela, mas a Bean me contou que a Hailey estava a fim de terminar. Esperar o fim do namoro dos dois era como observar uma faísca se aproximando lentamente de uma caixa de dinamite.

– Por mim, garotos como o T.J. Brown podem aprontar o que quiserem –

falei, inclinando a cabeça na direção do gatíssimo colega de time do Jay.

– E o que, exatamente, você deixaria o T.J. fazer? – provocou Selena, espremendo os olhos e me dando um sorrisinho malicioso.

– Só coisas bem nojentas – gritou Jen, de repente. Em seguida, fez um som de peido com a boca encostada na minha pele. Me dobrei de tanto rir.

A Selena ficou de pé e passou a mão na bunda para tirar a grama. Os meninos ficaram observando isso também.

– Leva logo o cara pra cama.

– E você iria com a gente – falei. – E a Bean filmaria tudo. Já que ela é a *artista*.

Bean franziu o nariz, jogou aquele cabelo cor de morango para trás e disse:

– Eu não pinto gente pelada.

– *Ainda*. Quando você estiver na faculdade, aposto que isso vai mudar. Desculpa, senhoritas, mas vocês não fazem meu tipo – brincou Selena.

Ela inclinou a cabeça para o lado e ficou observando as pessoas que estavam dentro do rio. Tinha um cara muito parecido comigo, de cabelo loiro e sujo e queixo quadrado. Estava na plataforma flutuante, vaiando alguém. Tirou a camiseta, flexionou os bíceps e deu um beijo em cada um.

– Já o irmão da Kayla...

Tapei meus olhos com a mão bem na hora que meu irmão mergulhou. O barulho da água abafou a risada das meninas que estavam à sua volta.

– Eca, eca, eca. Nem começa, por favor.

– O Caleb está enlouquecido hoje – falou a Jen.

– Nada além do normal – respondi, encolhendo os ombros.

A Jen puxou um ramo de flores do mato pela raiz e juntou as duas pontas com um nó. Depois, equilibrou a coroa na minha cabeça.

– Pode até ser. Mas acho que ele está bem acelerado.

– O Caleb é acelerado – retruquei, colocando a coroa levemente de lado. – Nos últimos tempos, ele não para de falar desses grandes planos de terminar o colégio e sair de casa. Quase não veio na festa porque disse que tinha “coisas mais importantes pra fazer”.

– Pelo jeito, esqueceu de tudo – debochou Bean. – Mas, sei lá... Meio que consigo entender como ele se sente, sabe? Com todas essas coisas novas que

ele vai fazer. Todo um mundo novo para descobrir. É excitante. A Hailey, por outro lado, nem fala em sair de casa. Acho que é por causa do Jay. Porque os dois ainda não resolveram se vão ou não namorar a distância e tudo o mais.

– É melhor se resolverem antes da minha festa porque eu não vou ficar aguentando drama – falou Jen, fazendo careta. Então fez mais três coroas de flores, colocou uma na cabeça da Bean, outra na da Selenia e, por fim, uma em si mesma. – O último dia de aula merece, no mínimo, uma comemoração de proporções épicas.

– E vai ser épico – prometi. – Meninas de colar de flor, caras de saia de palha, dança da cordinha, drinques com aquelas sombrinhas fofas de papel...

– Adoro essas sombrinhas – falou a Bean. – E a cabine de fotos tá quase pronta. Só preciso pôr o glitter e recortar os enfeites.

– Vai fazer fila na porta, Bean. Tá ficando tão incrível. Mal posso esperar. Todo mundo vai e todo mundo vai falar que eu sou muito *sensacional*.

Dei risada, e a Jen fez pose, levantando o queixo e balançando a mão.

– Menos a Eve – comentou Selenia. – Que, oficialmente, não vai ser convidada.

– Ah, não seja má, Selenia – falou Bean, dando um abraço em nós três. Uma pétala de flor amarela desceu pelo seu rosto. Ela a soprou com um sorriso de canto e encostou a testa na da Selenia.

Senti uma coisa estranha. Que não tinha nada a ver com o clima daquela noite. Uma coisa parecida com tristeza. Olhei de novo para o meu irmão, que jogou água nas meninas da plataforma e depois nadou até a beirada, saindo do rio e sacudindo a cabeça para secar o cabelo. Maio estava chegando rápido. Sim, estaríamos juntas por mais um ano. Mas eu podia sentir uma mudança no ar. Sutil como um fio de lã solto, que eu sabia que ia aumentar, assim como quando a gente o puxa e a blusa inteira se desmancha. Eu queria ignorar isso o máximo possível.

Eu amava a minha cidade. Minha vida. Meus amigos. Os gatinhos de uniforme esportivo. As competições de cavalos. As caminhadas até o pico Fellows, onde a vista das colinas e dos vales do estado do Missouri se espalhava por quilômetros e mais quilômetros. As festas à beira do rio. Assistir a Selenia sacudindo aquela saia curta de líder de torcida para o

povo lotando os jogos do nosso time campeão de futebol americano. Conhecer todo mundo. Ser conhecida.

Uma hora, tudo isso iria acabar.

Cruzei o olhar com o da Bean, sentada do outro lado da rodinha. Ela sorriu de novo. Dessa vez, com doçura, como se adivinhasse o que eu estava pensando.

– Não se preocupa, Jen. Sua festa vai ter sensa-luau – falou Bean. Rosnamos para ela, que continuou: – Hulariantemente incrível? Com certeza nada aloha-orosa?

– Graças a Deus você sabe pintar, Bean – falei, quando nos soltamos do abraço.

Bean mostrou a língua para mim e ficou de pé. Peguei uma mecha do cabelo comprido da Jen e comecei a fazer uma trança bem fininha. Selena pegou outra bebida e foi andando até a beira do rio, sem parar de observar as bobagens que

o Caleb estava fazendo. Bean foi com ela, dando um tapinha no seu quadril para chamar a sua atenção, e começou a dançar. Selena levantou os braços e se mexeu no ritmo da batida que vinha dos amplificadores atrás de nós. Eu fiquei balançando os ombros e fazendo a trança na Jen. As estrelas brilhavam no céu.

Eu poderia continuar triste. Pensando no dia que não teria mais a Jen do meu lado, caminhando toda confiante pelos corredores do colégio. Quando não teria mais ninguém para fofocar durante as longas trilhas a cavalo. Quando nós quatro nos encontraríamos assim, na beira do rio, numa noite de fim de semana e preguiça, mais nas nossas lembranças do que de verdade.

Como sempre fazia quando esse tipo de pensamento vinha à tona, mandei-os de volta lá para o fundo da minha mente. Porque o agora, esse exato momento, era simplesmente perfeito.

OUTONO

O *banner* azul que anuncia o Homecoming, uma tradicional festa em homenagem aos ex-alunos, atravessado na rua principal, brilha como o rio numa tarde sufocante de verão. Um calor dourado e sem vento me dá as boas-vindas quando volto para casa. Apesar do suor que se acumula embaixo dos meus braços, o zíper do meu moletom está fechado até em cima, escondendo parte do meu rosto. Mesmo sem o casaco, eu teria dificuldade para respirar.

Já faz quase três meses desde a última vez que estive aqui. Em casa. E o mês de agosto parece igualzinho aos outros. Até o rosto estampado no *banner* do Homecoming é o mesmo do ano passado. Jay Brewster fez a Escola de Ensino Médio Grant vencer o campeonato estadual por três anos seguidos.

Passamos de carro por baixo do *banner*, mas tenho a sensação de passar por dentro dele. Sinto uma pressão na garganta e dou uma tossida. Minha mãe me olha pelo espelho retrovisor e viro o rosto para fugir das rugas de preocupação que se acumulam ao redor dos seus olhos. À medida que o sol vai mergulhando na linha do horizonte, minha respiração forma uma nuvem no vidro do carro, e fico feliz. Porque, neste momento, não consigo ver a cidade que adoro nem as pessoas que não querem que eu volte. Minha mala está aberta no chão, as roupas que levei para passar o verão na cidade caindo pelos lados. Toda vez que começo a desfazer as malas, paro. Estou esperando ser inundada por aquela sensação de permanência, de “isto é meu”. Mas ainda não aconteceu.

– Kayla, você recebeu o e-mail? – pergunta minha mãe, se aproximando da porta. Levo os braços para baixo da cama, tateando na escuridão que esconde todo tipo de tesouro antigo: elásticos de cabelo fora de moda, camisetas que já não me servem, papéis com grandes números impressos, das competições de equitação.

– Ähn-hän.

– Você recebeu os papéis das faculdades para fazer sua inscrição no

processo seletivo?

– Acho que ainda está meio cedo.

– Está? Bom, tenho certeza que vão chegar logo.

Por baixo da bruma da minha colcha, vejo seus pés se moverem na direção da escada e percebo que o tom da sua voz mudou uma oitava. É o tom de enfermeira. Aquele que ela deve ter treinado quando trabalhava no hospital, antes de ter que ficar em casa cuidando dos dois filhos em tempo integral.

É o tom que ela usou no dia seguinte ao acidente, quando finalmente recuperei a consciência. “Você vai ficar bem”, ela disse, enquanto eu me encolhia toda, e as luzes perfuravam meu crânio. Ela pediu que me dessem remédios para dor, para aliviar minha cabeça, que latejava, e chegou até a sugerir o medicamento e a dose para a jovem enfermeira. “Você vai ficar bem.”

Saio de baixo da cama com os punhos cerrados, segurando bolas de poeira e elásticos de dinheiro, com o cabelo na cara, todo bagunçado – uma cortina que suaviza a realidade das expectativas da minha mãe prestes a serem frustradas, eu sei, quando contar que decidi não me candidatar a nenhuma faculdade. Pelo menos, nenhuma além da faculdade comunitária da cidade ao lado, apesar das esperanças dos meus pais, apesar da certeza da Jen, que vive num conto de fadas. Depois de ter passado o verão fora, simplesmente não quero mais sair daqui.

– É, vão chegar logo sim – resmungo. Minha mãe sorri e desaparece pelo corredor.

Tento alcançar um caderno brilhante que está preso entre o colchão e o box da cama. Só tem um cantinho para fora, as cores da capa decorada com unicórnios, fadas e corações

desenhados com canetas de *glitter* foram arrancadas. Levanto as sobrancelhas porque o reconheço. Achei que tinha perdido esse caderno há muito tempo, que tinha jogado fora quando as criaturas mitológicas começaram a perder a graça em comparação com o mundo real de melhores amigas, gatinhos e longos dias de verão e preguiça.

Este caderno representa a menina que eu era, e deve ter sido por isso que o agarrei. Deve ter sido por isso que fiquei com a mão parada em cima do saco

de lixo, segurando o caderno, mas o puxei de volta rápido e não o joguei lá dentro. Abro uma página.

A Selenia beijou o Lance hoje. Disse que foi que nem beijar um sapo. A Jen quis saber como a Selenia sabe como é beijar um sapo.

Meu caderno é um lugar onde os segredos vivem. Se eu tivesse uma caneta neste momento, poderia escrever mais um. Em vez disso, enfio o caderno de novo debaixo do colchão. Para escondê-lo. Esconder todos os segredos. É o jeito que encontrei de voltar para minha antiga vida.

Vou até o outro lado do quarto, rápida e esperançosa de conseguir consertar o estrago que fiz, e ponho a mão no armário aleatoriamente. Ouço o ruído de uma sacola de papel. Dentro dela, as lantejoulas de uma regata arranham a palma da minha mão. Quando é que a sacola com as coisas daquela noite veio parar aqui?

Sinto um calor na nuca. Enfio a mão mais fundo, fingindo que não sei o que vou encontrar. Ou deixar de encontrar. Mas meus dedos tocam os cantos pontiagudos da realidade. Um celular. Com a respiração pesada, guardo a sacola no armário e fico de pé.

Meu rabo de cavalo fica preso nos cabides, que se chocam fazendo uma melodia monótona de madeira batendo. Passo a mão nas costas de um *blazer* de lã áspera. É pequeno para mim, faz dois anos que o tenho, mas o puxo e o aperto contra o peito. Tem cheiro de serragem e óleo para crina de cavalo. Ouço o *pocotó* dos cascos. Meu tornozelo dói. Dobro os dedos do pé, como se pudesse me livrar da dor fazendo um mero alongamento. Como se pudesse esquecer a noite em que meu tornozelo foi despedaçado.

Não ando mais a cavalo, mas isso não significa que esqueci o som do sino. Do sabor do ar das competições. Da sensação do vento batendo no meu cabelo enquanto corria pela pista de obstáculos e do jeito que minhas costas se curvavam e minhas pernas se flexionavam enquanto minha égua, a Estrela de Caramelo, passava voando pelos portões e muretas. Sempre me senti determinada, no controle da situação, e gloriosamente poderosa montada naquela sela. Como se eu pudesse conquistar qualquer coisa.

Será que o Jay se sente do mesmo jeito? Será que se sente o herói que as pessoas pensam que ele é? Será que, cada vez que respira, sente no ar o

agradável gosto da glória e da adoração da cidade inteira?

Será que, lá no fundo, sente uma fraqueza, um leve gostinho amargo por saber que alguém pode destruir tudo isso?

Alguém tipo eu.

Me encolho cada vez que ouço o rangido da corrente da bicicleta no silêncio da noite. Os donos das lojas estão em suas casas, já fecharam as portas há horas. Para os fazendeiros, está mais na hora de acordar do que de dormir. Na área onde os pequenos negócios da Third Street dão lugar aos postos de gasolina, antes de chegar à rodovia interestadual, deixo minha bicicleta cair na calçada.

Na maioria das cidadezinhas dos Estados Unidos, a Third Street seria chamada de Rua Principal ou Primeira Avenida. Fica bem no centro, é a artéria primordial que leva vida às fazendas à sua volta. Mas, neste momento, a esta hora da noite, está vazia.

Ando até o meio da rua e fico olhando para o *banner*. As letras brancas brilham, listando os eventos do Homecoming. O mascote da escola está desenhado no canto, congelado num movimento de dança no seu uniforme de guerreiro romano, a não ser quando o vento sopra e o pano balança ao ritmo de uma fanfarra silenciosa. O corpo de Jay, no meio de um passe, ocupa um terço do *banner*. Seu rosto está congelado num momento de pura concentração. Embaixo do capacete, que tem um moicano vermelho pintado no meio, a boca forma uma linha dura, um músculo do maxilar está tenso. O olhar está focado em algo distante. É aquela expressão que faz essa cidade acreditar em algo grande. Na ideia de que a determinação pode abrir as portas do sucesso. Que gente de um lugarzinho no meio do nada pode se tornar gigante. Eu sempre acreditei. Acreditava.

Fico observando por tanto tempo que meus olhos começam a encher de lágrimas, levando embora o vermelho piscante do semáforo.

Coloco as mãos em concha na frente da boca e respiro.

Um vento forte arranca o capuz do meu rosto. A poeira pinica minhas bochechas.

Uma lâmpada ganha vida lentamente no fundo do restaurante Mackleby's.

Abeline Mackleby deve estar na cozinha, com as mangas arregaçadas, passando o rolo de macarrão com aqueles ombros arredondados por cima da massa de seus famosos pães doces. Em uma hora, a Third Street vai ficar cheirando a levedura, canela e açúcar. Meu cheiro preferido.

Desde o sétimo ano, minhas melhores amigas e eu nos encontramos na manhã do primeiro dia de aula para nos deliciar com esses enormes e melequentos pães. Desta vez, nosso último ano, não vou sentar naquela mesa, fofocando sobre quem vai aprontar o quê, quem vai ficar junto e quem vai se separar, o que cada um vai vestir, como a gente vai esmagar nossos adversários no futebol americano e como a Selenia vai ficar linda ao lado do campo, liderando a torcida e ajudando nosso time a conquistar a vitória. Acho que não serei bem-vinda depois do que aconteceu.

Subo de novo na bicicleta e vou para casa. Sento na varanda porque está muito quente dentro de casa e penso na Jen, lá do outro lado da cidade, com as cobertas meio caídas, porque ela sempre se mexe muito quando dorme. Penso na minha tia, sozinha na sua casa, em Kansas City. Provavelmente, é assim que ela gosta de ficar. Ainda não respondi a mensagem de texto que ela me mandou: *Como foi seu primeiro dia de volta?*

Não sei como responder. São palavras demais para um torpedão só. Não existem palavras suficientes para preencher o espaço vazio por trás do cursor piscante, aguardando a minha resposta. Pensei em ficar em Kansas City para sempre. Esquecer dos meus amigos, da minha casa, que sou popular aqui. Dar as costas para um verão de mudanças, quando deixei essa cidade seguir em frente sem mim. Ficar longe da culpa que consome meus músculos. Longe do que aconteceu naquela noite, na profunda escuridão, atrás do celeiro dos Brewster. Longe do que fiz e longe do que deixei de fazer depois.

PRIMAVERA

A trena fechou sozinha na palma da minha mão e falei a medida para o meu pai, que anotou o número no seu caderninho de bolso. Nos degraus da escada nos fundos de casa, Caleb estava observando a gente trabalhar, com a camiseta e os jeans ainda empoeirados pelas tarefas matinais.

– Você bem que podia ajudar – falei. – Em vez de ficar aí sentado feito um inútil. Segura a ponta da trena pra mim.

Meu irmão sacudiu a cabeça. Seu boné virado para trás escorregou um pouco, e ele disse:

– Quem sou eu pra roubar a satisfação que um dia você vai sentir de saber que restaurou o barco completamente sozinha?

Subi na carcaça do barco e fiz uma careta para o Caleb no meio das tábuas apodrecidas, que precisavam ser trocadas.

– O pai está me ajudando – respondi.

– É, mas esse projeto papai e filhinha foi ideia dele.

O olhar de orgulho que meu pai lançou me deu vontade de sorrir. Mas eu sabia que era só em parte por minha causa. O barco que estávamos consertando trazia de volta suas lembranças do mar. Sei que ele sente falta dos seus dias na Marinha. Ele sempre quis comprar um barco, mas dizia que não tinha tempo para cuidar de um. Três meses atrás, numa competição de cavalos do outro lado do estado, vi esse no gramado da casa de alguém com um cartaz dizendo “DOA-SE”. Por sorte, o carro da Jen tem um engate de reboque. Meu pai não sabia se sorria ou se gritava quando entramos no pátio com o negócio, que parecia mais uma pilha de entulho do que um barco. Só falou que, já que eu tinha trazido aquilo para casa, ia ter que ajudar a deixá-lo navegável.

– E daí? – falei, arrancando um pouco de tinta descascada de uma tábua. – Vai me dizer que, assim que esse negócio estiver pronto, você não vai ficar

implorando pra andar nele todo fim de semana? *Kayla* – pus a tábua na pilha do material que ia ser reaproveitado e imitei a voz do Caleb –, me empresta o barco para eu me embebedar com os meus amigos até a gente se afogar no rio? Por favooooor.

Estiquei a trena, encaixei uma das pontas entre duas tábuas, estiquei mais um pouco e gritei a medida para o meu pai.

– Se fosse tão fácil os bêbados se afogarem naquele rio, metade da cidade já tinha morrido – Caleb tomou um grande gole da lata de refrigerante que estava do seu lado e me deu um sorriso maldoso.

– Ei, se comporta.

– Que horas você está pensando em ir para casa da Jen? – meu pai interrompeu.

– Assim que eu tirar mais uma medida. Aí, acho que já dá para gente encomendar tábuas novas.

– Deixa isso comigo – falou meu pai.

– Vocês deviam ter levado esse negócio para uma oficina de barcos – retrucou o Caleb, esmagando a lata com o pé.

– Claro. Até parece que aqui nessa cidade tem um monte de oficinas de barco, e a gente tem todo o dinheiro do mundo – falei. – Além disso, gosto de trabalhar nele.

Fiquei de pé e atravessei o quintal até onde meu pai estava. Troquei a trena pelo caderninho e anotei os últimos números que a gente precisava.

– Nosso barco está quase pronto. – Minha voz saiu mais alta do que precisava, já que meu pai estava bem do meu lado. Mas eu queria deixar bem claro.

Caleb deu risada e disse:

– Na próxima, eu ajudo. Quer uma carona até a casa da Jen?

– Pode ser.

Corri para dentro de casa, fiz um rabo de cavalo, saí e fui para picafe do Caleb. Quando chegamos na casa da família Brewster, corri até os fundos e encontrei a Jen com um sorriso meio bravo.

– Por onde você andou o dia todo?

Enrolei as mangas da blusa para não ficar com bronzeado de fazendeira.

- Estava fazendo umas coisas no barco.
- Por que eu te deixei levar aquele treco podre pra casa?
- Porque você me ama.

Ouvimos o barulho do motor da picape do Caleb roncando ao longe e entrei no estábulo para cumprimentar Estrela de Caramelo. Pus a sela na égua baía puro-sangue que meus pais me deram no meu aniversário de 14 anos e a levei para o lado de fora, para se aquecer. Quando estava pronta, dei um beijo no meio dos seus olhos e montei. Jen já estava no seu impressionante *trakehner* preto, esperando. Juntas, passamos as próximas três horas explorando os campos da parte de trás da fazenda dos Brewster, às vezes fazendo os cavalos correrem ou pularem uma cerca de madeira, outras deixando-os andar devagar, enquanto fofocávamos.

– Você ficou sabendo que a Maria e a Eve brigaram na sexta, depois do treino das líderes de torcida? – perguntei. – Dizem as más línguas que a Eve entrou escondido no vestiário masculino para tomar banho com o Jared. – *Eu* é que estava precisando de um banho. Meu cabelo estava todo grudado na minha nuca.

– Uau – disse a Jen, enrolando as rédeas na mão, devagar. – Faz semanas que a Maria gosta dele. E acabaram de anunciar que ela vai ser a capitã das líderes de torcida no ano que vem. Vai transformar a vida da Eve num inferno.

Sacudi a cabeça e continuei:

– Isso não se faz com as amigas. Principalmente se a amiga pode te mandar para base da pirâmide das líderes de torcida.

– Por falar na Eve e em não sacanear as amigas, você ficou sabendo que o Jay e a Hailey finalmente terminaram? – contou a Jen, quando a gente se aproximou da Nickerson Road.

– Até que enfim. Como ele está?

Jen encolheu os ombros e respondeu:

– Sei lá. Bem, provavelmente. Estou feliz que aquele drama todo acabou. Ele anda um porre ultimamente.

– O Jay estava meio estranho naquela festa no rio, nas férias de primavera. Tipo, meio puto, mas... – Olhei de lado para a minha melhor amiga,

esperando que ela completasse meu raciocínio. O que ela fez, como sempre.

– Mas tentando fingir que não era nada? É, também percebi. Jogar a menina no rio? O que foi aquilo?

– Vai saber... Mas aposto que a Hailey está se sentindo aliviada. A Bean falou que ela estava dividida entre ir embora e o Jay... Fiquei com pena.

– Fico com pena por ela ter se envolvido com o Jay, para começo de conversa.

Eu dei risada.

– Mas ela fazia bem pra ele.

– É, deixava meu irmão mais humano – suspirou a Jen. – Provavelmente, ele vai voltar a ser o galinha de antes. A Eve pode ajudar nisso.

Jen mal precisou se mexer para fazer seu cavalo parar, de tão sincronizados que os dois eram. Afinal de contas, adestramento sempre foi a sua especialidade. Comecei a virar Estrela de Caramelo na direção da casa da Jen.

– Ei – ela disse, e eu parei. – Parece que acabaram de asfaltar a Nickerson Road. – A irritação que sentia por causa do irmão sumiu com a brisa, e seus olhos se acenderam. Uma covinha apareceu na sua bochecha, e ela se virou para mim: – Você sabe o que isso significa.

Dei um sorriso e puxei as rédeas para Estrela de Caramelo voltar trotando até o estábulo.

OUTONO

Esse lugar parece um cenário de filme.

As duas pousadas exibem com orgulho reportagens em importantes revistas de viagem. Os parques verdejantes servem de palco para piqueniques no Dia da Independência e caça aos ovos de Páscoa para meninos de bermudas e casacos de linho e meninas de vestidos de organza em tons pastéis. As lojas da Third Street têm impecáveis cercas de madeira pintadas de branco e sininhos que tocam quando alguém abre a porta. É a cidade dos sonhos para se criar uma família. Pelo menos, é isso que as pessoas vão dizer. É nisso que você vai acreditar. Como eu sempre acreditei.

Mesmo numa cidade dos sonhos como essa, uma dor aperta meu coração, como a pressão do ar baixando antes de vir um tornado.

Entro no Toffey's Coffees, coloco a bolsa em cima de uma mesinha e fico observando pela janela as ruas ganharem vida. Tia Bea me manda uma nova mensagem de texto: *Você dormiu bem?*

Respondo rápido: *sim*. Não quero que ela fique preocupada como ficou todas aquelas noites depois do acidente, quando eu passava o maior tempo possível de olhos abertos porque fechá-los trazia de volta horrores que eu não queria ver. Aquelas noites em que a exaustão finalmente tomava conta de mim, e eu dormia só para acordar enroscada nos lençóis molhados, gritando e chorando, e tia Bea corria para o meu lado.

Respondo *sim* porque quero que seja verdade.

Erica Brewster, esposa respeitada, mãe e promotora, dá passos largos em direção ao prédio onde fica seu escritório, no fim da rua. A última vez que a vi, ela disse que confiava em mim, e pediu para eu ficar de olho em todo mundo na festa da Jen. Que eu garantiria que todos se comportariam e não fariam nenhuma bobagem. As coisas eram assim, as pessoas podiam contar comigo para esse tipo de coisa.

Minhas pálpebras caem, eu pisco lentamente.

Aquela pressão implacável fica mais forte. Quando respiro, ela diminui um pouco, bem devagar.

Pego a carteira e deixo todo o resto em cima da mesa, sabendo que estou atraindo os olhares dos poucos fregueses que estão ali àquela hora da manhã – a maioria é de velhos fazendeiros aposentados, que não conseguem se livrar do hábito cultivado a vida toda de acordar antes de o sol nascer –, e vou até o balcão fazer meu pedido. Será que estão me olhando porque me reconheceram? Murmurando uns para os outros: “É aquela menina, aquela, que matou aquele garoto na primavera do ano passado”. O ar fica mais espesso, parece que estou respirando debaixo d’água.

Engulo em seco um gosto ácido e passo os olhos pelos nomes das bebidas especiais na lousa. O Vingança Maia não está no cardápio, mas eu o conheço. É uma daquelas informações secretas, internas, que eu só sei porque, dois anos atrás, o Caleb namorou a barista que inventou a bebida. Canela moída, cacau em pó e pimenta-de-caiena misturados com três doses de café, xarope de baunilha e de amêndoas, com espuma de leite por cima. Pedir um desses me ajuda a sentir que estou em casa. Sei de algo que alguém de fora não saberia. Um segredo da cidade.

A ex do Caleb não trabalha mais aqui, e fico imaginando se o rapaz que está na minha frente sabe como preparar a bebida. É Noah Michaelson, aluno do último ano, como eu. Sua pele dourada está mais escura por ter passado o verão trabalhando no campo, e seu cabelo loiro está caído na frente do rosto. Eu o conheço. A vida inteira. A fazenda da família dele fica a mais ou menos um quilômetro e meio da minha casa. Brincá-

vamos juntos quando éramos crianças, mas não lembro muita coisa além de piscinas infláveis e dele puxando minhas marias-chiquinhas. Depois disso, o Noah não fez mais parte do meu mundo. Principalmente depois que a gente entrou no Ensino Médio. Falava com ele de vez em quando, de passagem. Uma das vezes, logo antes da festa da Jen, na primavera do ano passado. É um cara quieto, meio estranho, que gosta de...

música *folk*. Ou algo do gênero. Mas não imagino que tocar banjo seja o motivo por trás daqueles bíceps que deixam as mangas da sua camiseta esticada.

Quando pergunto se sabe preparar um Vingança Maia, Noah faz que sim e fica olhando para baixo, para a caixa registradora, para o pote das gorjetas. Vira-se para trás e confere as pilhas de copos descartáveis. Olha para qualquer ponto, menos para mim.

– Me dá um, então. De 500 ml.

Noah escreve meu nome com todo o cuidado no copo descartável, terminando a letra “a” com um movimento preciso para baixo. O sininho da porta toca e, quando me viro, vejo a Selenia entrando. Ela se dirige a uma mesa do outro lado do café, sem sequer olhar na minha direção. A não ser que eu me vire e vá embora agora, sem café e sem minhas coisas, ela vai me ver.

Não posso me esconder para sempre. Não quero. Mas também não consigo me livrar do medo que consome minhas entranhas. Da necessidade de fugir do que fiz. Da ansiedade de ter destruído todos os meus pilares sem ter como reconstruí-los. Passei a vida inteira como um peixinho nas águas do colégio, cercada de amigos, da minha família e da minha casa, até aquela noite de maio, quando, de uma hora para outra, fui pega pelo anzol do pescador, fiquei pendurada e sem ar.

Quero voltar para a água.

O som do vaporizador de leite não é suficiente para abafar a certeza de que a Selenia está bem atrás de mim. Cruzo os tornozelos, descruzo. Me apoio no balcão, pressionando o quadril contra a fórmica preta, a costura dos bolsos da minha calça jeans cortando minha pele.

Noah empurra a bebida para mim e põe o cabelo atrás da orelha. Entrego uma nota de cinco dólares e jogo o troco no pote das gorjetas.

– Ei – ele diz, em voz baixa, quando me viro. São as primeiras palavras que me dirige. – Seja bem-vinda.

Minhas palavras ficam presas na garganta. Inalo a pimenta-de-caiena polvilhada na espuma do meu café, o que desperta meus sentidos, e começo a tossir. Dou um sorrisinho para o Noah. Porque, apesar do jeito que as pessoas estão me olhando, apesar do medo que tenho de encontrar a Selenia, apesar do Noah não ter a menor importância para mim, suas boas-vindas significam *tudo*.

– Valeu.

Dou um gole no Vingança Maia, meus lábios pinicam. A corrente que dança pelas minhas veias me dá arrepios até se tornar uma queimação agradável descendo pela minha garganta. Mas não é o suficiente para me fazer esquecer onde estou. Para eu parar de me perguntar se a Selenia já me viu.

E o que está pensando, se me viu.

Selenia sempre foi a melhor amiga da Bean, como a Jen era a minha. Mas era raro nós quatro nos separarmos assim. Estávamos unidas por segredos femininos, divididos sob céus estrelados. De quem a gente estava a fim. Chorando juntas por nossos corações partidos, ou por briguinhas bestas que nunca duravam muito. Como seria nossa vida depois que terminássemos o colégio. Jen falava que ia abrir o próprio negócio para observá-lo crescer da janela de um arranha-céu em alguma cidade grande. Bean queria ser professora de arte, estava sempre brincando que iria deturpar as mentes da próxima geração. Selenia morria de vontade de estar diante das câmeras, ser repórter de esportes. E eu sempre dizia que ficaria para trás, porque não conseguia suportar a ideia de sair de casa. Estudaria enfermagem na faculdade comunitária. E sempre teria um quarto reservado para quando as minhas melhores amigas viessem me visitar.

Coloco meu café em cima do balcão bem devagar, me viro e encontro o olhar de Selenia.

Ela levanta da cadeira e, à medida que se aproxima de mim, meu estômago vai se revirando. Está com uma expressão cuidadosamente neutra, mas isso não impede meu sorriso de aparecer e crescer, indo dos meus lábios para o meu coração. Pego meu café.

– Selenia... – digo, quando ela chega ao balcão.

Ela olha para o cardápio e me empurra com o quadril.

Dou uma cambaleada para trás, meus calcanhares batem no chão de lajota, tento me equilibrar. Derrubo o café quente, que encharca meu moletom e queima minha pele. Tiro a blusa rápido, meio sem ar. Lágrimas pinicam o canto dos meus olhos. Mordo a língua e tento segurá-las. Os outros fregueses seguram suas canecas de café, olhando para mim e para

os seus companheiros de mesa, depois para mim de novo, sem saber o que fazer. Um deles levanta, meio indeciso, aí muda de ideia e senta de novo. Selena olha direto para a frente. Noah pega um pano molhado e dá a volta no balcão. Acho que vai se abaixar e limpar a poça que ficou no chão, mas não. Oferece o pano para mim.

Sacudo a cabeça e deixo o copo no balcão, com as mãos tão trêmulas que tenho certeza de que o barulho do copo pode ser ouvido do outro lado do café. Meu rosto queima.

A última coisa que posso fazer é chorar, então volto para minha mesa, me segurando para não correr. Um buraco negro se abre no meu peito. Quero me enrolar dentro dele e me esconder.

Enfio minhas coisas de volta na mochila amassando papéis e quebrando a ponta do lápis porque meu corpo não consegue parar de tremer. Vou embora. O maldito sininho da porta avisa todo mundo que estou fugindo. O som fica martelando na minha cabeça muito tempo depois de o sino ter parado de se mexer.

Kayla Martin. Fugindo de novo.

Não ligo. Saio correndo. As pessoas estão me olhando. Meus movimentos são desajeitados, pontudos como uma janela quebrada. Meus sapatos batem com força no concreto da calçada. Queria que a minha pele fosse mais grossa, densa ao ponto de não me importar com o que os outros estão pensando. Com o que todo mundo está falando.

Sobre a menina que matou um garoto e depois fugiu da cidade.

Um soluço escapa, meus ombros começam a chacoalhar. Não consigo me controlar. Queria conseguir. Não quero compaixão.

Não quero.

Quero ir para casa.

Quero tanto ficar nesse lugar.

Mas eles não querem que eu volte.

PRIMAVERA

– Quase que eu me esqueço de contar. Convidei o Noah Michaelson para sua festa. Disse pra ele trazer o banjo – falei para Jen enquanto a gente observava o T.J. parar o carro dele do lado da SUV do Jay.

– E desde quando você fala com ele?

– Lá pelo terceiro, quarto ano. Séculos atrás, ele me pediu fotos de equitação para pôr no anuário e queria me contar que acabaram fazendo uma página dupla. Ele é legal.

– Ele é um *nerd*. O meu irmão não bateu nele na época do Fundamental?

– Nele e em todo mundo. E daí? Toda a galera vai na festa, não vai?

Desci da varanda para encontrar o T.J. na entrada de carros.

– Acho que sim – respondeu a Jen quando virei de costas.

Como tinha tomado banho e vestido uma camiseta que deixei na casa da Jen na última vez que dormi lá, não estava me sentindo como se minha égua tivesse me arrastado pelo chão.

O T.J. notou. Me olhou da cabeça aos pés, com cara de satisfação. Me segurei para não sorrir.

– Posso ir com você?

– Você acha que dá conta desse *bad boy*? – Ele ergueu uma sobrancelha e deu risada.

– Você está falando do carro, né?

– Óbvio.

– A Selenia e a Bean vão juntas, e a Selenia vai dirigir, então vou com vocês dois porque ela é louca – falou a Jen, saindo de casa e batendo a porta. – Mas vocês precisam parar com essa paquera enquanto eu estiver por perto.

– Grossa – falou o T.J. – Tudo bem, mas eu escolho a música. – Depois sacudi as chaves que tinha no bolso.

– Não – retruquei, lançando um olhar divertido para Jen. – Eu escolho a

música.

– Quem estamos esperando? – gritou Jay pelo vidro.

Jay já tinha dado partida no carro, cheio de garotos do time de futebol americano gritando para ele ir logo. Atrás do Jay estava o Steven McInnis, com mais quatro caras enfiados em seu carro. Todo mundo adorava andar com o Steven porque ele sabia, sem sombra de dúvida, que seu carro era um lixo, e ele mandava ver no cascalho escorregadio.

Bem nessa hora, o carro da Bean virou a esquina, com a Selenia na direção. Bean nunca dirigia quando a gente saía de carro, e Selenia não tinha carro mas adorava dirigir, então as duas trocavam de lugar em noites como essa. Bean estava de cinto de segurança, encolhida no banco do passageiro, e Selenia começou a gritar pela janela quando se aproximou.

– Só falta o Pete e sei lá mais quem que vem com ele, mas o cara vai ter que encontrar a gente lá. Cansei de esperar! – gritou a Jen, enquanto eu entrava no carro pela porta do passageiro. Jen entrou logo depois de mim, bateu a porta e sorriu. Seu cabelo castanho-claro estava coberto por um chapéu de *cowgirl* turquesa, e ela gritou:

– Segura, peão!

T.J. entrou e deu partida no carro velho. Saímos cantando pneu atrás do Jay e do Steven. A Selenia e a Bean vieram correndo na nossa direção, por último. Uns quatrocentos metros depois da casa da Jen, viramos à direita e seguimos para

as ruas cobertas de cascalho. Como a Jen dissera, tinha máquinas na pista e placas laranja-fluorescentes avisando “ASFALTO FRESCO”. Os trabalhadores já tinham encerrado o dia, estávamos lá sozinhos.

Rolei o *dial* do rádio entre os dedos, parando em uma estação de rock que pegava mal.

– Por que você não troca esse rádio? – perguntou a Jen, subindo o vidro para seu cabelo não voar tanto.

– Porque é *vintage* – respondeu o T.J.

Bufei.

Mas eu adorava o carro velho dele. A pintura meio azul-calcinha, meio marrom-avermelhado de ferrugem, a rachadura comprida no para-brisa.

Gostava até das maçanetas manuais. E o jeito como o cara que o dirigia combinava com o carro, com sua camiseta e seus jeans perfeitamente desbotados.

– Ah, tá – disse a Jen. – Só espero que esse troço não quebre aqui, porque o carro do Jay vai ficar fedendo com todos aqueles meninos lá dentro, e eu *não* quero voltar pra casa com ele.

– Essa é uma máquina muito amada – disse o T.J.

Jen revirou os olhos e falou:

– Encosta a sua máquina. O Jay vai na frente.

T.J. foi até o acostamento, parou atrás do Steven e desligou o motor. Ficamos observando a SUV do Jay ganhar velocidade e aí, assim que os corpos lá dentro foram jogados contra as portas, ele deu um cavalinho de pau. Os caras gritaram e puseram a cabeça para fora do vidro enquanto o carro girava. Quando a SUV parou, o Jay voltou para o meio da estrada e saiu correndo na escuridão, dando uma segunda volta mais para a frente. Steven ligou o carro e foi atrás das marcas de pneu do Jay, girando também, pegando tanto ar que conseguiu ficar sobre duas rodas por um centésimo de segundo. Quando voltaram para o chão, os passageiros socaram o teto do carro.

Aí chegou a nossa vez.

T.J. deu partida. Seu pé pisou mais firme no acelerador. O carro roncou, jogando nossas costas contra o banco, indo cada vez mais rápido. Minha pulsação acelerou com a emoção de estar a 90, 100, 115 quilômetros por hora. O cascalho saiu voando atrás da gente, borrando a visão que eu tinha de Selen e Bean pelo retrovisor. Quando chegamos perto de onde o Jay e o Steven tinham dado o cavalo de pau, senti que precisava de ar.

– Troca de lugar comigo! – falei para Jen.

Joguei o corpo por cima da minha amiga, e ela deslizou embaixo de mim. Nossas pernas e nossos braços se enroscaram por um instante, mas então nos libertamos, e Jen ajeitou o chapéu. Agarrei na maçaneta do vidro e fui rolando. À medida que o vidro abria, o ar fresco, a temperatura entre inverno e verão, foi tomando conta do interior do carro.

Antes que eu pudesse pensar muito, segurei no teto e ergui o corpo para sentar na esquadria da porta. Meu coração batia acelerado nos meus ombros e

no meu pescoço. Ao longe, brilhavam as luzes suaves da cidadezinha onde nasci. O cheiro inebriante de *diesel* quente subia pelas minhas narinas e pesava nos meus pulmões.

– Kayla! – gritou Jen. A luz do painel iluminava seu rosto com um tom de verde. – Te mato se você cair!

– Segura as pernas dela! – gritou T.J., sem tirar os olhos da estrada, com uma expressão de absoluta concentração. Senti os braços da Jen em volta de mim. O vento assoviava na parte superior do meu corpo, enchendo meus ouvidos com um som tão alto que eu mal conseguia escutar o riso descontrolado da Jen nem os gritos de choque que vinham dos outros carros.

Meu cabelo loiro e comprido batia no rosto e no pescoço, o vento perfurava a minha pele. Me senti livre, parecia que estava flutuando. Joguei o queixo para cima e vi um céu negro salpicado de estrelas do tamanho de uma cabeça de alfinete. O sangue foi subindo à minha cabeça à medida que eu ia me jogando mais para trás, expondo minha garganta para a noite.

– Girando! – berrou o T.J.

Depois dessa deixa, me agarrei no carro com todas as minhas forças. T.J. girou o volante e, como num passe de mágica, os pneus pegaram óleo o suficiente para nos mandar em uma espiral pelo cascalho. Eu me sentia leve, como se não pesasse nada. Flutuando. Fechei os olhos para me concentrar naquela tontura gostosa que crescia dentro de mim. O pessoal buzinou, aprovando. Dentro do carro, a Jen ainda estava dando risada. Com ela segurando minhas pernas, eu me sentia segura. E, mesmo que me soltasse dela, o céu que se espalhava acima de mim com certeza me seguraria se eu sáísse voando. Me pegaria no colo com cuidado. No momento em que pareceu que o tempo tinha parado, que nada de ruim jamais poderia me acontecer, não naquela cidadezinha, não com aquelas pessoas me segurando tão forte, me soltei do carro, levantei as mãos para o céu e gritei de alegria.

OUTONO

Kansas City é uma cidade movimentada. É um lugar barulhento, cheio de concreto e vias expressas com mais de duas pistas, e tia Bea mora numa rua onde as casas ficam de costas para as que estão do outro lado, onde os gramados são quadrados e impecáveis. Eu já sabia que era uma menina do interior, nascida, criada e feliz de estar lá. Não conseguia ouvir naquela cidade. Não conseguia pensar. Respirar. Quando meu sono não era cheio de pesadelos, sonhava com campos que se estendiam infinitamente e com o pôr do sol de outono com seus mil tons de laranja e dourado.

Quando acordava suando, lembrava que estava a centenas de quilômetros de casa, num quarto quase vazio, sem nada que pudesse identificá-lo como meu: troféus, embalagens de sombra meio usadas, fotos cobrindo quase todo o espelho. Minhas e dos meus amigos, eu montada na minha égua, toda orgulhosa, eu com o rio ao fundo ou o céu de verão de um turquesa infinito.

Centenas de quilômetros e milhares de mundos de distância do meu lar.

* * *

Minha mãe me leva para a aula no primeiro dia, com aquelas linhas de preocupação em volta dos olhos com as quais estou começando me acostumar, cada vez mais profundas. Não dirijo desde maio. Só de pensar meus músculos travam.

Parada na frente da porta da sala de matemática, a aula do primeiro período, fico olhando para uma carteira vazia ao lado de Pete Sloan, sem saber se é ali que devo sentar. É bem no meio da sala e, em volta dele, está cheio de gente. *Minha gente*. Era uma vez... Meus antigos amigos, aqueles que me rodeavam para me proteger de qualquer coisa que o mundo quisesse fazer comigo. Até o Pete, que nunca foi especial para mim. Era só mais um cara do time. No ano passado, eu teria sentado ali, bem no centro das atenções, sem nem pensar duas vezes.

Agora, meus antigos amigos me olham e logo viram o rosto, ou ficam me

encarando por muito tempo, com petulância e nojo nos olhos. Tento conter as lágrimas. Tento conter a vontade de sair correndo. De novo.

Fico mordendo a ponta da caneta, depois atravesso a sala de cabeça erguida, jogo minha mochila na mesa ao lado do Pete, sento e foco minha atenção no gancho de parede à minha esquerda, como se aquilo fosse a coisa mais interessante que já vi. Pete para de falar com a pessoa que está do outro lado e sei que está olhando para mim, com as sobrancelhas juntas, perplexo.

– Jesus! – diz. – Você voltou.

Ele poderia ter dito coisa pior.

– Voltei.

Eu voltei. Estou aqui. Neste colégio, nesta aula, sentada no meio da sala, com todo mundo olhando para mim, com a pele arrepiada, tentando não engasgar com o nó que sinto na garganta.

Ele fica me encarando por alguns segundos. Um tempo desagradavelmente longo. Será que está mapeando o rosto de uma assassina? Está imaginando que, se me falar mais alguma coisa, vai se prejudicar?

– Estou guardando esse lugar para o T.J. – diz, olhando para frente da sala, como se o lugar de cada um estivesse escrito na lousa.

– Ah. Desculpa.

Por algum motivo, meu corpo não quer se mexer, e me dou conta de que estou morrendo de vontade de conversar com alguém conhecido. Nossa conversa dispara uma sensação que tenho medo de não sentir mais. Um gostinho da menina que eu era, aquela, amiga de todos, que não tinha nenhuma preocupação nesse mundo.

Só que o Pete fica me olhando, e eu giro a caneta, passando-a nos lábios. Tenho vontade de pôr os braços do lado do corpo, puxar os joelhos para perto do peito e ficar tão pequena que ninguém possa me ver. Mas preciso me espichar, ocupar meu espaço. Falar para todo mundo: “Estou aqui, não vou mais embora”.

Pete se inclina para o corredor, para o meu lado. A cada inspiração, sinto seu cheiro no ar: cheiro de suor e capim. Ele fala alguma coisa, mas eu não faço a menor ideia do que é porque, de repente, começo a ouvir um zumbido. Sinto um aperto forte no peito e me inclino para a frente, para esconder

minha necessidade de respirar como uma garotinha presa nas águas de um rio escuro. Todas as manhãs, até eu me formar, vou ver essas pessoas no primeiro período, no segundo, no terceiro. Quanto tempo vai levar para eu parar de me sentir desse jeito?

Viro para Pete de novo, as têmporas latejando, e interrompo sei lá o quê que ele estava dizendo:

– Eu troco. Não quero roubar o lugar do T.J.

Suas sobranceiras repuxam. Levanto num pulo e pego minha mochila bem na hora que o T.J. entra pela porta e me vê sentada no seu lugar.

– Fala sério, ela voltou?

Sua voz chega até o fundo da sala. Um coro de barulhos – tossidas, palavras incompreensíveis – se levanta atrás de mim. Será que o T.J. ainda se lembra daquela noite que a gente deu cavalinho de pau no carro dele, das centenas de cantadas que ele me passou?

– Kayla Killer. Rá. Não precisei nem me esforçar pra inventar essa.

Killer. Sensacional (e assassina). Encontro o olhar de Pete novamente. Sua expressão está mais leve. Ele faz uma careta, olha para o T.J., depois para mim, hesitante. Como se não quisesse concordar com o T.J., mas também não quisesse enfrentá-lo. Os ossos esmigalhados do meu tornozelo travam, engulo uma onda de emoção.

– Não... deixa quieto.

Levanto e vou sentar em outra mesa, na última fileira. Espero não ter roubado o lugar de ninguém.

Killer.

Como se eu tivesse feito de propósito.

Bean está sentada ao meu lado, na outra fileira. Quando a vejo, sinto gosto de serragem, do ar seco de uma competição de cavalos. Queria que minha égua estivesse comigo, para eu poder montar na sela e fugir. Ver a Bean me faz esquecer por

que voltei para casa. Me faz ter medo das coisas que sei, das coisas que testemunhei. Ela fica me encarando, com olhos arregalados que parecem tentar me enviar uma mensagem que me recuso a receber. Não sei por que, mas a Bean parece diferente. Feita só de cores, sem forma. Uma nuvem

vermelha, um muro verde. Está mais pálida do que de costume, mas suas bochechas e lábios estão mais vivos, parecem uma raspadinha colorida derramada na neve. Só que a Bean nunca usa maquiagem, não consigo olhar para ela desse jeito, toda vermelha.

– Oi – ela sussura.

Olho em volta, para todo mundo que está fingindo não me ver.

– Oi – digo, com os olhos fixos no quadro branco.

Minha língua se enrosca nas palavras que quero dizer – “Senti saudade”, “Quero fazer perguntas e não quero saber a resposta” –, então, em vez de falar, pego um pedaço de papel e fico desdobrando-o e alisando-o em cima da mesa, para parecer que tenho o que fazer. Olho para cima e vejo que Pete ainda está me observando, virado para trás, com aquele rosto de traços duros parecendo mais suave, com uma mistura de curiosidade e tristeza. Não quero isso.

Selena entra na sala, e eu me encolho na cadeira. Mesmo quando a gente era amiga, ela tinha seus ataques. Tinha uma personalidade forte, como uma panela de água fervente. Mudava de humor a cada bolha que estourava. Mas sempre foi leal aos amigos. Eu tinha esperança de que talvez ela tivesse deixado de me odiar pelo que fiz.

Mas é claro que não. Eu nunca tinha testado sua lealdade desse jeito.

Quando me vê, Selena fica parada entre Bean e eu.

– Você voltou *mesmo* – solta.

– Voltei – digo, com um tom esperançoso demais. Ela parte para o ataque:

– Você devia ter ficado lá. Ninguém quer você aqui.

Eu sei disso. E saber faz minha respiração vir lá do fundo do pulmão e sair com dificuldade. Odeio demonstrar fraqueza na frente da Selena, da Bean e de todo mundo que está olhando para a gente. Em outro mundo, nós observaríamos outras pessoas passando por esse tipo de coisa – aquelas pessoas sobre quem a gente poderia passar dias e dias fofocando. Nunca imaginei que eu seria a personagem principal dessas histórias.

Bean passa o dedão num canto da mesa. Está ouvindo, só que toda encolhida sobre a madeira. Se escondendo.

– É melhor você ir andando, então – digo. Minha voz é fraca. Mordo os

lábios por dentro e tento lembrar que eu é que estou errada. Fui eu que fugi. Fui eu que matei um garoto. E agora, em vez de implorar para as minhas amigas me aceitarem de volta, estou empurrando todas ainda mais para longe de mim. Respiro fundo, bem devagar, e estico as mãos abertas na sua direção. – Olha, Selenia...

– Pode parar – ela corta, abruptamente. Selenia olha em volta. Quando vê a expressão de aprovação no rosto dos nossos colegas, levanta a voz e continua: – Você fez uma coisa horrível. Não consigo nem falar com você.

Então se afasta, e eu fico olhando para a minha mesa, enquanto todo mundo começa a falar de novo. Selenia disse o que tinha que dizer. As palavras provam que está do lado deles, não do meu. Mas ela não está errada. Eu fiz *mesmo* uma coisa terrível. Olho para o outro lado. Encontro o olhar da Bean, finalmente. Seu pescoço está cheio de manchas vermelhas. Não é exatamente estranho o jeito que ela ficou sentada ali, quieta, enquanto a Selenia me dizia aquelas coisas. A Bean nunca provocou nem tirou sarro de ninguém na vida. Não faz o estilo dela. Mas não ter cortado a Selenia, não ter falado para ela parar de ser má ou mesmo dizer que eu não valho a pena?

A Bean está agindo como se a Selenia não fosse sua melhor amiga.

Está agindo como se as duas nem se conhecessem.

Ela olha para o chão. Fica puxando um fiozinho solto na bainha da saia. Curva o corpo todo, como se pudesse encolher. Como se pudesse desaparecer...

A caneta que seguro com o punho cerrado desenha uma pequena forma oval no papel, através do papel, fazendo um buracozinho na minha mesa. Rabiscar loucamente é o único jeito que tenho de fazer minhas mãos pararem de tremer.

Fico de cabeça baixa até o zumbido nos meus ouvidos parar, e meu cérebro mandar meu peito subir e descer cada vez mais devagar... devagar... tão devagar que eles não podem saber se ainda estou respirando, como estou me sentindo, se sinto alguma coisa. O torpor, quando toma conta de mim, é um alívio. Dobro o papel em quadradinhos, na esperança de que os próximos minutos façam todo mundo esquecer o que a Selenia acabou de me dizer.

Meus pais chamam o que aconteceu de “acidente”, tanto que até eu

comecei a acreditar, acreditar que foi algo sobre o qual não tive controle.

Voltar para casa significa ter que rasgar a palavra “acidente” e encarar a verdade, seja lá qual for. Escondo o pedaço de papel quando a aula começa. Quando finalmente levanto a cabeça, fico surpresa ao ver que a Bean está olhando para mim.

– Deve ser esquisito – ela sussurra, e o jeito como está me olhando fixamente, o jeito como endireitou as costas de novo, com o corpo inclinado na minha direção, faz eu me dar conta de que ela não está tentando me evitar. Está procurando alguma coisa. O quê? Não, eu sei o que é, mais ou menos. Mas o quê... *exatamente*? Como não consigo olhar nos seus olhos, não quero saber o quê exatamente, fico ligando as sardas que ela tem no nariz como se fossem constelações. – Estranho... não se lembrar de algo que aconteceu com você.

O delegado devia estar acampando no corredor do hospital, porque apareceu no meu quarto minutos depois de eu ter acordado, no dia seguinte ao acidente. Fez perguntas, e eu respondi da melhor forma que consegui. Minha melhor forma não foi muito boa. As cenas da noite anterior eram uma confusão dolorosa. Falei a verdade naquela época e disse que os acontecimentos estavam quase completamente enevoados na minha cabeça. Ele foi compreensivo. Deu um tapinha na minha mão, fez um comentário sobre cascalho com óleo e me desejou uma rápida recuperação, depois foi embora.

– Amnésia é uma coisa estranha – respondi, rolando a caneta entre os dedos.

– Você acha que algum dia vai... lembrar?

– O médico disse que é possível.

– Quando? – Seus dedos não estão esfregando mais nada. Estão agarrados nos lados da mesa. – Quer dizer, se você recuperar a memória.

– É difícil saber. O cérebro demora pra sarar.

– Mas ele *vai* sarar.

– Não sei.

Bean fez um barulho com a garganta e puxa o cabelo para a frente, por cima do ombro. Fico esperando ela enrolar uma mecha nos dedos ou, quem

sabe, penteá-lo como se nada estivesse acontecendo, coisas que faria meses atrás, se estivéssemos só conversando, mas ela não faz nada disso. Fica só segurando o cabelo grosso com os punhos cerrados. Como se o gesto a segurasse. Faz careta e fala:

– Isso deve ser frustrante.

– Frustrante – repito. – Ähn-hän.

Ela solta o cabelo. Sua voz fica mais baixa:

– Às vezes, as coisas acontecem pra melhor. Talvez não lembrar... seja uma coisa boa.

Minha pulsação começa a acelerar. Se ela está dizendo que eu não devia lembrar o que aconteceu naquela noite, significa que existe uma possibilidade de eu estar fazendo a coisa certa ao voltar para casa, guardar meus segredos. Que, apesar de estar em silêncio porque quero, não sou a única.

Mas a Bean é exatamente o tipo de pessoa que manteria coisas ruins em segredo, só para poupar alguém da dor de cabeça de enfrentar a situação. Será que é isso que está acontecendo? Se sim, significa que sou um certo tipo de pessoa. Não só uma menina que mata alguém. Uma menina que deixa os outros se darem mal por sua causa.

Não é assim que quero ser.

Mas tenho medo de perguntar e descobrir a verdade.

– Talvez eu lembre. Algum dia.

Bean fica completamente ereta na cadeira.

– Mas talvez não. O cérebro é uma coisa esquisita.

Dou um golpe com a ponta da caneta na capa do meu livro. *Quero ir pra casa.*

Bean se encolhe de novo e fala:

– Desculpa, Kayla. Essa conversa deve estar te deixando chateada.

– É...

Puxo uma mecha de cabelo. Ela não sabe por que isso está me deixando chateada. Não os motivos *todos*. Mas também não sabe o que sei – o que lembro. Ou seja: tudo. E isso me faz pensar qual de nós duas deveria estar mais chateada.

Tenho que levar a conversa para longe daquela noite. Para qualquer outra

coisa. Abro o livro e finjo ler a introdução.

– “Introdução ao cálculo” deve ser bem difícil, né? E o sr. Klein é um animal. Não estou nem um pouco animada.

Bean morde o lábio e olha para baixo, com um certo ar de decepção cobrindo os traços do seu rosto. Mas eu tiro isso da minha cabeça e começo a fazer anotações.

É, eu falei a verdade naquela época.

Agora, nem tanto. Mas será que contar para Bean que lembro claramente o que aconteceu naquela noite é a coisa certa a fazer? Ou será que ela quer enterrar isso, fingir que nunca aconteceu, tanto quanto eu?

Consigo passar pelas próximas duas aulas, de cabeça baixa, só falando quando absolutamente necessário, até vê-los. As silhuetas – os irmãos – paradas perto do meu armário são tão conhecidas quanto tudo o mais na minha casa. Jay Brewster, com a jaqueta do colégio que só quem se destaca tem, e Jen Brewster, com o cabelo loiro-claro caindo nas costas. A blusa dela é nova, as alças contornando seus ombros fortes, mas a calça jeans *skinny* é velha. Perfeitamente desbotada. Um ano atrás, essa seria uma combinação que teríamos escolhido juntas. Agora, ela me olha de cima a baixo, absorvendo minha imagem sem qualquer mudança na expressão. Impenetrável. Não sei o que Jen está pensando – o que seria impossível na primavera do ano passado – porque, ao contrário de todo mundo que tinha algo horrível para me dizer depois do acidente, a Jen não disse nada. Não mandou torpedos nem e-mails nem ligou. E isso foi a pior coisa que poderia ter acontecido entre a gente.

E o Jay... está apertando os lábios. Segurando a mochila com força. O que será que está passando pela cabeça dele, agora que está frente a frente com a menina que matou um dos seus amigos? A menina que sabe as coisas terríveis que ele é capaz de fazer. Jay balança a cabeça uma vez na minha direção, não exatamente *para mim*, e depois se afasta.

Mas a Jen... Espera até eu me aproximar dela, com a expressão dura como uma pedra, fazendo com que um ruído branco inunde meus ouvidos. É o mesmo zumbido que tem me perseguido desde aquela noite de maio, os mesmos sons que acabei de ouvir na aula de Matemática do primeiro período:

metal retorcendo, chuva quente caindo no asfalto. Cascalho caindo em cima da terra.

Ela não me dirige a palavra, mas espera até meus passos a alcançarem.

Falei um milhão de vezes para a Jen Brewster que ela é minha melhor amiga. Desenhei milhares de corações em bilhetinhos que a gente trocou. Uma vez, disse que não sabia o que seria sem ela.

Por meses, fiquei sem ela, e tinha medo de ela que estivesse aqui, me desprezando com a mesma intensidade que eu a amava.

Amo.

Tento adivinhar o que vai sair da sua boca, mas não faço a menor ideia do que ela vai dizer. Não tenho para onde escapar, jurei que não sairia correndo de novo.

Fico procurando uma palavra, as palavras certas. Mas nada aparece. Paro na frente do meu escaninho. Escondo os dedos embaixo da alça da mochila.

– Você voltou – diz a Jen.

Não consigo saber se está brava ou curiosa, sendo condescendente ou feliz. E, entre nós, as coisas nunca foram assim. Antes, eu sabia o que ela estava pensando só de olhar. Me sinto enjoada.

– É. – A palavra sai seca, cheia de lágrimas não derramadas. – Como você tem passado?

Sua boca se repuxa, consigo ouvir o que ela não diz: “Quem é você pra me fazer essa pergunta?”. Mas, em vez disso, fala:

– Fiquei sabendo que você tinha voltado. Estranho.

Meu coração afunda tanto que vai parar nos meus pés, esmigalhado. Ela nem está sendo má, não há um traço de amargura na sua voz. Está sendo controlada, objetiva. Não há *nada* na sua voz.

– Voltei.

Olho para as pessoas que passam pela gente, encarando, sem se darem ao trabalho de esconder o interesse na minha conversa com a Jen. Querem uma cena no primeiro dia de aula para poder comentar. Eu sei, porque era isso que eu queria no ano passado. Agora, quero que nossa cena suma dentro da parede.

– Ouvi dizer que você estava em Kansas City. É legal lá?

Engulo em seco.

– É diferente.

– Deve ter sido legal. Depois de tudo o que aconteceu. Ir pra um lugar diferente.

– Eu precisava... – O que eu poderia precisar que não fosse óbvio, que a Jen já não soubesse? – ... voltar.

– Achei que foi uma boa ideia você ir embora.

Seguro a mochila perto do ombro, me recusando a deixá-la escorregar pelo braço do mesmo jeito que eu queria escorregar para baixo daqueles armários.

Ela se mexe. Menos de um centímetro. Um movimento microscópico com a sola do sapato, uma repuxada no tornozelo. Algo que só alguém que a *conhece* conseguiria notar.

– Jen...

Por que é tão difícil dizer? “Estou com saudade.” Mas minha língua fica dançando em volta das sílabas, se enrosca como um nó de marinheiro no “estou” e não solta mais. Sentir essa vulnerabilidade com a Jen é algo novo. Desagradável. Apavorante.

Jen olha para um ponto por cima do meu ombro e espreme os olhos. Me viro devagar, sem saber o que esperar. Bean está parada a vários metros de distância, nos observando com uma mão na porta do seu escaninho.

– A gente se vê por aí – diz a Jen, atrás de mim.

Quando me viro de frente, ela já está se afastando.

– Espera...

– Não, Kayla. Eu tive que esperar por você. Agora você pode esperar por mim.

Fico parada ali no corredor, olhando para as costas da Jen. Sinto uma mão bater no meu ombro e ouço risadas. Uma voz aleatória que não consigo reconhecer murmura:

– Kayla Killer.

Killer.

Até parece que fiz de propósito.

Só que eu... fiz.

PRIMAVERA

Nós quatro estávamos enroladas debaixo de uma pilha de cobertores, os dedos gordurosos de pipoca com manteiga. Selena estava falando havia quinze minutos que, como agora éramos quase do último ano, só ia namorar meninos que estivessem na faculdade. Bean revirou os olhos para mim. Trocamos um sorriso secreto, paciente, nosso cabelo misturado nos travesseiros, parecendo correntezas amarelas e vermelhas. Jen lambeu os dedos para limpar a manteiga e ficou mexendo nos vidros de esmalte que eu tinha trazido do meu quarto para a sala.

– O Steven McInnis teve a cara de pau de me mandar um torpedo ontem à noite – disse a Selena. – Tipo, à uma da manhã. Está me achando com cara de perigete? Nem sei como ele conseguiu meu telefone. Otário.

– Ele estava com o Jay ontem à noite – falou a Jen. – Meu irmão devia estar bêbado e passou seu número.

– Por que é que eles são amigos, afinal de contas? – eu perguntei. Ninguém gostava muito do Steven McInnis, só quando ele estava com o Jay.

– É a grande irmandade do futebol americano – respondeu a Jen. Aí baixou o tom de voz dramaticamente e sacudiu as mãos: – No passado, os homens ficavam pelados nos grandes coliseus de Roma e lutavam até a morte. Banho de sangue em nome da honra. Agora, se escondem embaixo de camadas e mais camadas de equipamentos de proteção e ficam jogando uma bola idiota de um lado para outro do campo.

– É uma pena que as coisas tenham mudado tanto. Eles passavam óleo no corpo também – completou Selena, e a gente deu risada. – Músculos brilhantes. Isso sim. Agora, a gente tem sorte quando os rapazes não têm cheiro de porco.

Eu bufei.

– Você vê muito filme de gladiador. Tenho certeza de que esses caras de antigamente também fediam. Ainda não tinham inventado o desodorante

naquela época.

– Para sorte das meninas daquela época, também não tinham inventado a colônia. Odeio quando os garotos tomam banho desse troço. Urgh – disse a Jen. Depois enfiou uma mão cheia de pipoca na boca e abriu um vidro de esmalte.

– Prefiro um pouco fedorento do que cheio de óleo e pelado – falou a Bean, franzindo o nariz. – Pra falar a verdade, não ia querer ver os... *negócios* deles balançando para todos os lados durante a luta. Eca.

– Você não tem imaginação – falou Selenia, dando risada. Aí fez cócegas nas costelas da Bean. – Eu não ia querer ver o pau de ninguém dessa cidade. Mas dos gladiadores? Ah, sim. Encaro um homem de verdade a qualquer hora.

– Blá-blá-blá, garotos da faculdade. É, a gente já ouviu isso antes. Essa cidade não é um completo lixão no quesito meninos – falei, empurrando a Selenia de volta para o lugar dela. Um caroço de pipoca ficou preso no meu dente, parei para tirá-lo.

– Você está falando do T.J.? – perguntou a Selenia. – Só ser gato não adianta.

– Por enquanto serve – respondi, encolhendo os ombros. – Não estou tentando encontrar minha alma gêmea, um homem para casar nem nada.

– E o Jay? Consigo imaginar o gato em um combate de gladiadores – completou a Selenia.

Jen fez cara feia, e o pincel do esmalte escorregou pelo dedo dela, fazendo a maior bagunça.

– Dá para gente não falar do meu irmão e de óleo ao mesmo tempo? Vou vomitar.

– Vocês dois formariam um casal fofo – continuou a Selenia, cutucando a Bean. – Ele sempre senta do seu lado na hora do almoço.

– Sério? – Bean lançou um olhar de incredulidade para Selenia. – Ele acabou de terminar com a Hailey. Vai ser tipo trocar saliva com a minha própria irmã.

– Que nojo – concordei.

Jen soprou as unhas para o esmalte secar e ficou nos olhando, sem dizer

nada.

– Essa cidade precisa de sangue novo – disse a Selena, suspirando. – Por acaso você convidou alguém que eu não conheça para sua festa, Jen?

– Convidei todo mundo que interessa – respondeu a Jen, fazendo careta para as próprias unhas e pegando uma bolinha de algodão para tirar o esmalte vermelho.

– Então, estamos na mesma – retrucou a Selena.

– Tem uns caras legais aqui – falou a Bean. – E o Noah Michaelson? Você não convidou ele, Kayla?

Selena levantou os ombros do chão só alguns centímetros para olhar feio para a Bean.

– Ele é esquisito. Será que sabe falar? Acho que você não me ama mais.

– Olha quem fala. Não foi você que acabou de sugerir que o Jay... – Mas aí a Bean ficou quieta, seu sorriso foi sumindo, e ela olhou para Jen.

– Fala sério!– disse a Jen, escolhendo um novo esmalte. – Até parece que não sei a verdade sobre o meu irmão. Mesmo que não fosse meu irmão, jamais namoraria com ele.

E aquele silêncio estranho e pesado caiu sobre a gente. Até que a Selena finalmente o quebrou pegando o controle remoto e apontando para a TV.

– Esse filme é uma merda. Vamos dançar.

Todas respiramos ao mesmo tempo. Fiquei tonta por um momento. Corri escada acima para buscar meu laptop e coloquei umas músicas dançantes, depois sentei no sofá do lado da Jen e abri bem devagar o vidro de esmalte dourado com *glitter*.

Pensei no tempo em que eu era a fim do Jay Brewster. Devia ter 10 ou 11 anos, e ele estava começando a ganhar músculos naqueles braços magrelos. Ele já tinha saído daquela fase estranha que todos os meninos da nossa idade estavam passando e parecia tranquilo com isso. Mas minha paixão por ele passou rápido. Mesmo naquela época, Jay Brewster sabia que era especial, e seu ego deu um estirão do mesmo jeito que seu corpo.

Quando a Hailey começou a sair com o Jay, no outono do ano passado, a gente achou estranho. Ele costumava namorar meninas que o idolatravam, mas a Hailey não era o tipo de garota que tinha paciência para isso. Ela era a

irmã mais velha da Bean, e a gente a admirava como um exemplo de independência e força de vontade, a melhor aluna da turma durante todo o Ensino Médio, que tinha conseguido vaga em faculdades renomadas e era artilheira do time de hóquei. Mas, ao longo do ano passado, o Jay ficou um pouco mais mole. Parecia que a Hailey era uma boa influência. Até as semanas que antecederam o término do namoro dos dois.

Uma vez, em fevereiro, estava descendo as escadas da casa da Jen e ouvi o Jay dizendo para o Steven que sempre conseguia o que queria. E o Steven estava concordando. Quem conseguiria controlar esses garotos? Eles deram risada. Não dei importância, na época. Era fácil falar que era o tal. Não era para ser levado a sério.

Mesmo assim, me senti compelida a pegar os biscoitos que tinha ido buscar e subir correndo pelas escadas, de braços cruzados porque estava usando uma camiseta justa sem sutiã.

Selena ficou balançando a cabeça e os braços no ritmo da música. Sua reação a como se portar sem sutiã e aos garotos era diferente da minha. Ela tinha me mandado um sonoro “nem ligo” naquela noite mesmo, quando falei que meu irmão estava em casa e era melhor ela vestir alguma coisa além de um top de ginástica e um shorts de menino, mas eu sabia que ela ligava, e muito, porque seus olhos não paravam de ir da porta de casa para cozinha, como se estivesse esperando que o Caleb aparecesse e visse o quanto ela era bonita.

Afinal de contas, meu irmão estava quase na faculdade.

Era sempre divertido ver a Selena e a Bean dançando. Como as duas eram diferentes. Parecia que o lugar da Selena era em cima do palco de uma boate. A Bean se mexia como se estivesse ouvindo uma música diferente. Seus movimentos eram meio fora do ritmo, mais lentos. Uma hora, eu pensei que a Bean parecia uma garotinha. Mas aí, num piscar de olhos, ela balançou o quadril para a esquerda e pareceu tão confiante que ficou distante, mais velha, mais perto de ser mulher do que qualquer uma de nós. Mais parecida com o que seu nome verdadeiro, Sabine, sugeria. Apesar de ser a única das quatro que ainda era virgem.

Passei o pincel do esmalte na unha do meu dedão e pensei de novo sobre o

último ano que íamos passar juntas na nossa cidade. Como eu queria que fosse especial. Às vezes, parecia fácil determinar o papel de cada uma no nosso grupo. Jen, a líder. Selena, a guerreira. Bean, a conciliadora. E eu?

Do outro lado da sala, minha mais recente faixa conquistada em uma competição estava em cima da lareira. Uma coisa azul enorme, cheia de babados, que eu ainda não tinha levado para o estábulo de Estrela de Caramelo, nem guardado com as outras faixas e troféus que ganhei ao longo dos anos. Jen tinha tirado o primeiro lugar em adestramento, mas não tinha ficado entre as três primeiras nos saltos. Quando lhe dei os parabéns, ela disse:

– A gente foi bem, mas eu simplesmente não consigo sair do chão como você consegue. Você é tão mais forte. Tem muito mais firmeza na sela.

E talvez esse fosse o meu papel. Forte, mas firme. Eu sabia, por algum motivo, que depois que terminasse o Ensino Médio eu é que nos manteria juntas. Eu é que insistiria para a gente se encontrar, insistiria para elas virem regularmente, para se reconectar. Sem meu esforço, nós nos distanciáramos.

Só que isso não ia acontecer. Eu não deixaria.

OUTONO

Espero o ônibus chegar a muitos metros de distância dos grupinhos de dois ou três alunos, com a gola do casaco puxada até em cima, os ombros encolhidos até as orelhas, apesar de fazer um calor escaldante. Meus dedos procuram bolinhas de poeira dentro dos bolsos.

Fico olhando a Escola de Ensino Médio Ulysses S. Grant para não ter que olhar para as pessoas à minha volta. Para não ter que encarar o olhar delas. Adivinhar o que estão falando, já que ninguém se dá ao trabalho de cobrir a boca enquanto fofoca sobre mim. Kayla Killer, o apelido tão sagaz que o T.J. me deu, pegou. No começo, me dava vontade de vomitar toda vez que o ouvia. Na boca dos meus antigos amigos. De pessoas que eu mal conhecia. Agora, meus ouvidos começaram a abafá-lo, como se fosse um ruído de fundo.

E isso é só o começo, eu sei. Oscilo entre me sentir lentamente destruída e encorajada pelas atitudes deles, como se suas palavras fossem uma penitência que tenho que suportar antes de fazer parte do círculo novamente.

Tenho três aulas com Jen e Jay Brewster. Três horas por dia para ficar sentada no canto, lá no fundo, fingindo que sou invisível enquanto as pessoas olham para trás a cada cinco minutos para ver como estou. Três horas para ficar assistindo a Jen conversando e rindo com as suas amigas – nossas amigas –,

e o Jay dando sorrisinhos para os professores quando eles chamam sua atenção por estar conversando durante a leitura do programa da disciplina no primeiro dia de aula. Até os professores que fazem careta para ele deixam passar batido, ainda que relutantes. Meninos são assim mesmo, e o Jay é a estrela em cuja órbita todo mundo brilha um pouco mais.

A Bean está parada no gramado da escola, na frente da pedra que tem o desenho do mascote gravado, com outra menina, alguém que não conheço, que deve ter se mudado para cá no verão ou vem de ônibus de uma das quatro

cidadezinhas ao redor da nossa. Não sei direito se fico feliz ou triste pela nova amizade da Bean. Por ela, por mim. Pela Jen e pela Selena. Parece que ela sente meus olhos observando-a, porque vira o rosto para a menina, e a expressão que faz quando me vê é diferente da expressão que os outros fazem. Não tem hostilidade. Não tem nada para eu interpretar nos seus olhos, na sua boca, na sua linguagem corporal serena.

Fico olhando para Bean por tempo demais. Meus pensamentos começam a formular questões que eu já estava quase conseguindo ignorar. Por um momento, imagino se ela está pensando a mesma coisa que eu: O que será que ela sabe? O que será que ela lembra? Escondo essa possibilidade em um canto da minha mente, viro de costas para o prédio, e de frente para a pista expressa.

Seguro a mochila com mais força. Com a outra mão, levo uma mecha de cabelo para trás da orelha, passo o dedo na gola da camiseta e, por fim, deixo-o parado como um idiota em cima da coxa.

Dou um pulo quando ouço uma voz bem no meu ouvido. Noah Michaelson para ao meu lado.

– Por que você está parada aqui sozinha?

Parece que ele não se incomoda de falar com a pária da escola. Estudo seu rosto: pele dourada, bochechas marcadas, olhos escuros, amendoados, lábios com uma expressão séria. Seu pai é branco, e sua mãe, filipina. Lembro que ele passou um ano nas Filipinas durante o Ensino Fundamental. Quando voltou, estava diferente. Alguma coisa estava diferente. Mas eu não o via mais com tanta frequência para saber exatamente o que era. Como não respondo sua pergunta, ele enfia a mão na mochila e tira uma barra de chocolate.

– Quer? – pergunta.

– Estou de boa – respondo.

Noah olha para a pedra com o mascote. Quando começa a enfiar o chocolate no bolso, fico mexendo no zíper do meu casaco de moletom e vou me afastando, com o peito doendo muito mais do que eu queria por causa dessa interação de três segundos.

– Está feliz de estar em casa? – quer saber o Noah.

Olho de canto para rua, procurando o amarelo característico do ônibus escolar.

– Não sei.

Não sei direito o que me compele a ser sincera com o Noah Michaelson. Talvez seja por ele ter vindo falar comigo primeiro. Ou por não ter me chamado de Kayla Killer. Ou porque agora nós dois somos meio excluídos.

– Bom te ver – diz.

Ainda bem que meu rosto está meio coberto pela gola, porque meu queixo treme quando ele fala isso. Engulo em seco e não consigo responder.

O papel do chocolate farfalha de novo. As sobrancelhas escuras do Noah estão franzidas, mas aí ele olha para mim por baixo dos cílios e me dá um sorriso fraco.

– Valeu – digo finalmente.

Passo os olhos pela multidão à nossa volta, e meu olhar para, de novo, na Bean. Ela ainda está me observando, sinto alguma coisa me repuxar por dentro. Ajeito a alça da mochila no ombro quando o ônibus vem chegando e falo:

– Até mais, Noah.

– Até.

Subo no ônibus, o alívio tomando conta de mim quando vejo um lugar vazio. Me jogo no banco e olho pela janela. O Noah acena para mim com o chocolate na mão, e o ônibus se afasta da escola.

PRIMAVERA

Acordei cedo no domingo de manhã antes de a escola fechar para as férias de verão. Fiz todas as minhas tarefas correndo. O tempo já estava esquentando, e o clarão do sol me obrigou a apertar os olhos quando voltei para casa. Meu pai estava enchendo a caneca de café na cozinha quando passei lá, em direção à escada.

– Como é que vão as coisas com as tábuas novas? – perguntou, colocando a cafeteira no lugar e tirando o boné do balcão.

– Muito bem. Parecem impermeabilizadas, desde que a gente curvou de novo aquela que estava meio torta, mas só vou ter certeza quando colocarmos o barco na água. Agora só falta lixar e pintar. A gente deve conseguir andar no rio no final de junho.

– Mal posso esperar. É melhor pensar logo num nome, então.

Fiquei em silêncio por um tempo e falei:

– Eu?

Meu pai pôs o boné e fez que sim.

– Foi você que o trouxe pra casa...

– Para você – interrompi.

– ...e foi você que deu duro para consertá-lo. Acho que a honra deve ser sua. – Meu pai me deu um sorriso e foi para fora, se esquivando da minha mãe, que tinha entrado na cozinha.

– Você vai subir? Diz para o Caleb guardar a roupa limpa em vez de jogar no chão, por favor? A gente vai sair pra visitar os Patterson em uma hora.

Concordei com a cabeça, mas estava pensando em nomes para o barco. *Filha do Fazendeiro? Peregrina do Rio?*

– Pode deixar.

No andar de cima, o Caleb estava esparramado na cama, terminando a lição de casa. Suas meias limpas estavam arrumadas em bolinhas, espalhadas pelo chão.

– A mãe disse para você guardar suas roupas. Porco.

– Depois eu faço isso. Preciso terminar meu trabalho.

Espiei o caderno em que ele estava escrevendo.

– Lição de casa? Eu nem estou fazendo mais.

– Não, não é lição de casa, sua tonta. Parei de fazer isso no momento em que recebi minha carta de aceitação da faculdade. – Ele fez uma anotação sem olhar para mim. – É a lista de garotas sortudas que podem experimentar a gostosura aqui chamada Caleb antes de eu ir embora.

Peguei uma bola de meia que estava perto dos meus pés e joguei na cabeça do meu irmão.

– Nojento.

– Você fala que eu sou nojento, mas já vi suas amigas me olhando. Ninguém resiste a este material aqui. – Ele deu um sorriso e jogou a bola de meia em mim. Desviei.

– Fica longe das minhas amigas! – gritei, olhando para trás, a caminho do banho.

Caleb saltou do carro antes de parar completamente, cruzou o quintal correndo, colocou o Eric, irmão mais novo da Bean, no ombro e o levou até a cama elástica que ficava nos fundos da casa. Foi fácil, porque o Eric é o menor menino de 15 anos que já vi, apesar de ele jurar que seu estirão de crescimento chegaria logo logo. E aí, todo mundo se arrependeria.

Encontrei a Bean na varanda e entreguei a torta de pêssego que eu tinha feito.

– Irmãos – falei.

– O Eric gosta mais do Caleb do que de qualquer outra pessoa no mundo – disse a Bean. – Vai ser uma droga quando ele for embora para faculdade.

– Não pra mim. Nossa casa vai ficar bem menos fedorenta.

Bean deu risada, e entramos na sua casa para arrumar a mesa. Desde que minha mãe ajudou no parto da irmã mais velha dela, Hailey, uns dois meses antes de o Caleb nascer, ela e a mãe da Bean eram grandes amigas. Quando o tempo estava bom, nossas famílias se juntavam em volta de uma mesa cheia de comida. Os adultos ficavam lembrando da época em que tudo era mais fácil, e a gente ficava arrepiada só de pensar em um mundo sem internet.

Hoje, com o calor do fim da primavera queimando a terra, o pai da Bean estava no quintal, fazendo hambúrgueres na churrasqueira.

Peguei uma latinha no isopor que estava no chão e abri o lacre, olhando por cima dos ombros dele, depois me virei para Bean e perguntei:

– O que você vai comer?

– Acho que salada de batata e torta – respondeu. – Minha mãe foi no mercado ontem e disse: “Bean, como você não come carne, vou comprar um frango pra você, ok?”. – Minha amiga revirou os olhos. – Eles não entendem.

Dei risada e fui com ela até os fundos da casa. Passamos pela cerca de madeira e seguimos para o campo, andando com cuidado para não pisar nos montinhos deixados pelas vacas.

– Ah, Bean, você é a esquisitona favorita da nossa cidade.

– E olha que eles levam na boa quase qualquer outra coisa. Quer ser artista? Vamos transformar o mezanino do celeiro em um estúdio para você! Quer ser vegetariana? Pronto, coma frango. Não é carne, certo? – Ela jogou as mãos para o alto e balançou a cabeça. – Mas o Eric não liga. Ele come todas as sobras.

– Eu como seu hambúrguer hoje, Bean.

– Tá. Valeu.

– Estou aqui pra ajudar.

Bean abriu as portas de correr do celeiro. Subi as escadas que levavam ao mezanino e me joguei no futon que estava na frente do cavalete. A tela ainda não tinha sido terminada. Era meio que uma paisagem, achei, mas com cores inesperadas. Magenta e azul-petróleo. Olhei pela janela, percebendo ecos das terras lá de fora na pintura da Bean.

– Como está a Hailey?

– Está bem. Deve chegar do trabalho já já. Ela tá cumprindo o aviso prévio.

Bean pegou um pincel e bateu na lateral de um pote de vidro. O cheiro de solvente veio até mim, devagar. Peguei a almofada de *patchwork* do meu lado e levantei os pés.

– Achei que ela ia passar o verão aqui.

Bean sacudiu a cabeça.

– Ela vai trabalhar de babá para uma família da Carolina do Sul em junho e julho. Resolveu que precisa do dinheiro. Está doida pra ir embora daqui...

– Não consigo entender.

– Sei que não – falou a Bean. – Às vezes, também não consigo me imaginar indo embora. E outras, mal posso esperar. Depende... sei lá. Do quanto estou inquieta, acho.

– Aqui é tão lindo. – Pela claraboia, fiquei observando o céu mudar de cor lentamente. Um pouco de violeta. Um pouco até do magenta que a Bean tinha usado no quadro.

– Tem um monte de lugar lindo no mundo. E eu quero ver todos. E depois pintá-los.

– Vou ficar aqui cuidando do seu estúdio pra quando você tiver vontade de voltar.

– Que bom. – Bean se virou e ficou de frente para mim, com a mecha de cabelo que tinha se soltado do seu coque cobrindo seu rosto, e sorriu. Então disse: – Vai ser legal voltar para casa e te ver de vez em quando.

– É sempre legal voltar pra casa – falei, afofando a almofada e colocando-a atrás da cabeça.

OUTONO

Fico de cabeça baixa, fazendo anotações o tempo todo, mesmo quando não tem ninguém falando, meus pés sempre se movimentando rápido pelos corredores, virando esquinas. Só respiro normalmente quando consigo me esconder no banheiro na hora do almoço. Meu escaninho se transformou no lugar preferido para colarem chiclete velho, mascado. Carrego lenços de papel para limpar o puxador antes de abrir a porta.

Os bilhetinhos enfiados no meu escaninho dizem *Odeio você!!!*.

Dizem *Vai para o inferno, Kayla*.

Parece que não enjoam de me chamar de *Kayla Killer*.

Lá pela quarta-feira, virei mestre na arte da visão afunilada, mantendo meu olhar cristalino focado na minha frente e borrando todo o resto ao meu redor. Não sinto quando batem no meu ombro nem quando cospem tabaco nos meus pés. Não olho para cima quando me perguntam como é ser uma assassina, nem mesmo quando meus professores me chamam para terminar uma questão de matemática ou ler em voz alta na aula de inglês.

Mas noto quando abro meu escaninho e outro bilhete dobrado cai. Minha mão se estende automaticamente para pegá-lo. Seguro um suspiro. Deveria jogar isso fora. Mas não jogo. Abro-o, como fiz com todos os outros bilhetes. Está digitado. Muitos são assim, porque o anonimato permite a crueldade.

Você o matou de propósito.

Minhas narinas se abrem, e meus ombros tremem quando solto o ar.

Não.

Uma série de possíveis reações passam pela minha cabeça.

Poderia jogar o bilhete no chão, como se fosse lixo.

Pôr de volta no escaninho e fingir que isso não me atinge.

Surtar pra caramba.

Sei que não posso olhar para cima, para a minha volta, para o corredor, porque minha nuca está pinicando, e essa sensação me diz que, seja lá quem

foi que deixou esse bilhete, deve estar me observando.

A Bean?

O Jay?

Ninguém pode saber o que eu sei. O que estou escondendo... como estou fingindo. E, mesmo que alguém soubesse, o que teria a ganhar me provocando desse jeito? Não é um segredo que o Jay quer que seja revelado. A menos que seja um aviso: se eu ficar quieta, ele vai ficar quieto.

Tem um leve brilho de suor na minha mão, de ter segurado o bilhete com muita força por muito tempo. Preciso reunir cada gota de autocontrole para inclinar a cabeça como se não estivesse entendendo, encolher os ombros, estampar um sorriso no rosto e arregalar os olhos inocentemente quando me viro. Não procuro a pessoa que deixou o bilhete, mas fecho meu escaninho batendo a porta e jogo o papel no cesto de lixo mais próximo. Minhas mãos trêmulas batem na lata, fazendo um barulho alto.

– Você está bem?

Bean está do meu lado, segurando uma pilha de livros contra o peito. Sua boca se retorce numa expressão de preocupação. Ela sempre se preocupou com todo mundo. É a menina mais legal que já existiu.

Respiro fundo. Limpo a garganta. Limpo a cabeça de todos os pensamentos. Não quero olhar para ela com cara de suspeita. Não quero que ela olhe para mim com curiosidade. Esperando uma reação. Quero fingir que o bilhete nunca existiu.

– Estou. Por quê?

– Você parece meio... – Uma mão se estende na direção do meu rosto. Faço-a desistir, pressionando minha própria mão contra a bochecha. Está gelada.

– Estou bem – digo, soltando a mão.

O cartaz de volta às aulas na parede atrás da mim chama a minha atenção. Ainda faltam semanas para o jogo oficial do Homecoming, mas as outras atividades para celebrar a escola vão começar logo. Meu olhar se fixa no evento de abertura, o jogo pó de arroz do sábado, do qual só as meninas participam.

– Estava conferindo o horário do jogo de sábado – falo, sem nenhuma

emoção na voz.

Bean enrugou a testa, depois se virou e leu o cartaz. Então levantou as sobrancelhas claras.

– Você vai? Você... acha que é uma boa ideia?

Fiquei olhando para as pontas dos meus dedos, segurando meus livros com tanta força que ficaram brancos. Como se ela pudesse ver, sentir, o jeito que meu estômago se revirava só de pensar em ir ao jogo. Mordo a boca por dentro para as lágrimas não escaparem.

Um ano atrás, quando estávamos no penúltimo ano do colégio, nós quatro sentamos nas arquibancadas do jogo de futebol anual e torcemos para o time da irmã da Bean.

– A Hailey ficou com todo o talento esportivo da família – suspirou a Bean, quando sua irmã marcou mais seis pontos, fazendo o segundo *touchdown* do primeiro quarto do jogo. O Jay, na linha lateral do campo, corria toda vez para levantar a namorada e sacudi-la no ar, como se não conseguisse suportar ficar de fora. Apesar de já ter tido seu próprio momento de glória, muito maior, mais ou menos um mês antes.

– No ano que vem, vocês podem ser nossas líderes de torcida particulares – falou a Jen, passando a mão no meu ombro. – A Kayla e eu vamos mandar ver no jogo de futebol.

Ser competitivo era uma marca registrada da família Brewster. Não conseguia me imaginar competindo com a Jen por atenção – dessa cidade, dos meus pais. Retribuí aquele meio abraço, dei um soquinho no ar e soltei:

– Vamos acabar com elas!

– Vocês são umas bobas – debochou Selena, sacudindo os pompons no ar ao nosso lado.

– Não se preocupe, vamos deixar um pouco de glória para você – disse a Jen, subindo e descendo a sobrancelha. – Os rapazes da faculdade gostam de meninas safadas.

– E todo mundo sabe que a Selena odeia os meninos do Ensino Médio – falei, dando risada.

– Eles são porcos! – gritou Selena, olhando para o jogo.

Uns meninos sentados mais para baixo viraram para ver quem estava

gritando, e Selena mostrou a língua para eles.

– Pobrezinhos dos meninos do Ensino Médio – lamentou a Bean, balançando a cabeça.

– Pobrezinhas das meninas do Ensino Médio que não vão entrar no nosso time no ano que vem, você quer dizer. A gente vai acabar com elas! – gritou a Jen. Depois uivou, e eu uivei mais alto até que, por fim, acabamos caindo na gargalhada.

As meninas da organização do Homecoming sempre tiravam cara ou coroa antes do jogo pó de arroz para decidir quem seriam as capitãs dos times. No ano passado, a Jen e eu tínhamos esperança de sermos eleitas para a organização, mas combinamos: se nós duas fôssemos escolhidas como capitãs, Jen declinaria e deixaria outra menina ser capitã do segundo time. E ela seria a primeira pessoa que eu chamaria para entrar no meu time.

Agora, nós duas sermos capitãs não é mais um problema. Agora, vai ser um milagre se alguém me quiser para jogar no seu time.

E duvido que a Bean vá torcer por mim ou pela Jen.

Tiro os olhos do cartaz e olho para a Bean de novo. Sua boca está com uma leve expressão de compaixão. Não posso ficar perto disso. *Dela*. O jeito como se preocupa comigo, e o jeito como não sei direito se agi errado ou não com a minha amiga.

O jeito como estou mentindo para mim mesma. Como não fiz tudo o que poderia ter feito. Como quero que ela diga que matar um menino é tudo o que eu poderia ter feito. Os sacrifícios que quero que a Bean faça para eu poder voltar para casa.

A culpa. A culpa que *não é grande o suficiente*.

– É... – digo, enquanto me misturo com o rio de alunos indo de uma sala para a outra. Correndo. Desesperadamente. – ...é uma boa ideia.

O cheiro de barriga de porco curada e defumada toma conta da minha casa no sábado de manhã. O barulho de fritura fica ao redor, perto de mim, relegado ao espaço onde a gordura estoura e queima pequenos pontos no meu braço quando viro os pedaços de carne. Prefiro sentir a dor a pensar no que vai acontecer daqui a algumas horas, no jogo pó de arroz.

– Que cheiro bom – diz meu pai, se aproximando do forno. Olha para a

frigideira com uma expressão esperançosa. – Está cozinhando para um batalhão?

– Não exatamente.

– É um lanchinho bem grande.

Ele é péssimo em entender indiretas.

– Estou com fome. Preciso de energia para o jogo de hoje.

Meu pai não percebe como meu tom de voz está sem emoção, como estou instintivamente na defensiva. Não quero que me pergunte sobre o jogo, sobre meus motivos para ir. Sobre as primeiras vezes que interagi com a Jen, com a Bean e com o resto das pessoas. Ele vai querer ouvir que tudo está bem. Que minhas amigas estão do meu lado. E, como não vou poder confirmar tudo isso, meu pai vai ficar preocupado com o que os outros estão falando. O que podem fazer comigo no jogo. Vai querer me proteger.

Mas sou eu que quero protegê-lo. Ele não precisa ficar preocupado comigo porque tem que se ocupar da administração da fazenda, principalmente porque é a primeira colheita sem o Caleb aqui para ajudar.

Jogo uma fatia de bacon na frigideira, a gordura derretida me acerta bem na cara.

– Como foi voltar pra escola? – pergunta, me estendendo um pedaço de papel-toalha.

Limpo a bochecha devagar, observando o bacon terminar de dourar. A pergunta é inevitável, percebo.

– Ok.

– As pessoas não estão sendo...?

– Tudo certo.

O bilhete anônimo que deixaram no meu escaninho foi o único a fazer referência direta ao que aconteceu naquela noite, com exceção dos que me chamam de assassina. E parou por ali. Não sei se os nós que sinto no estômago são por não saber quem mandou – e o que querem que eu faça a respeito – ou por causa do jogo de hoje.

Meu pai balança a cabeça devagar e talvez acredite que está tudo bem. Ou talvez não. Seja como for, ele deixa para lá, e eu fico agradecida.

– Certo. Você precisa que eu te leve para o jogo?

– Vou de bicicleta – respondo, colocando as tiras de bacon num prato forrado de papel-toalha. – Mas valeu.

– Aproveite seu lanchinho.

Aí ele pega duas fatias, jogando o bacon quente de uma mão para a outra para esfriá-lo, e sai pela porta dos fundos.

Fico observando seus passos longos e decididos até desaparecer, depois sento na mesa da cozinha com meu prato.

Ainda consigo ouvir a voz sem emoção do meu pai quando me contou que iam me mandar para casa da sua irmã em Kansas City. Um eco interminável de decepção. Agora que voltei, passamos os dias como se nenhum dos dois se lembrasse dos detalhes: eu, do que aconteceu naquela noite, e ele, daquele desespero urgente de se livrar de mim. Isso cria uma tensão estranha, torna impossível a gente se olhar no olho.

A reação da minha mãe em maio do ano passado foi diferente. Quando o resultado do exame de nível alcoólico chegou, provando que eu não tinha bebido, que outra coisa tinha causado o acidente, ela só disse:

– Eu sempre soube.

É esse tipo especial de fé que as mães têm que torna a vida suportável. O público do jogo pó de arroz nunca é tão grande quanto o do verdadeiro jogo do Homecoming.

– É porque eles chamam de “pó de arroz” – Jen costumava dizer, com amargura. – Como se a gente ficasse lá naquele campo com nossa *nécessaire* de maquiagem. – E aí revirava os olhos, com aquela cara de “o que a gente pode fazer?”.

Mesmo assim, as arquibancadas do lado sul, onde o sol do fim da tarde aqueceu o metal, estão quase cheias de espectadores. Os mais barulhentos são os ex-jogadores do time de futebol americano, tomando goles das garrafinhas que trazem escondidas na frente das calças. Como sempre, prontos para fazer comentários sexistas.

– Faz um *touchdown* pra mim, Selena! – grita alguém de voz grossa.

– Aproveita e me faz todinho! – completa o cara do lado.

A frase não faz muito sentido, mas ele nem liga.

É uma das primeiras vezes no ano letivo que as ofensas não são dirigidas a

mim. Esses caras não ligam nem vão ligar para mim. A menos que, em algum momento, eu tire a blusa.

Selena cruza os braços na frente do peito e vira de costas para a arquibancada, fazendo careta e retorcendo a boca.

Mas os meninos continuam gritando:

– A vista ficou melhor ainda!

Termino de prender minha trança. Meu sangue está quente de raiva pela Selena. Por todas nós que estamos aqui, só querendo jogar.

Mas daí as meninas que estão no campo percebem que cheguei, e os olhos de Selena se iluminam. Ela atravessa o gramado na minha direção e se planta tão perto que consigo sentir o cheiro do que comeu na janta.

– Você tem muita coragem de vir aqui hoje – diz.

Seu cabelo longo e escuro está preso em um rabo de cavalo e uma faixa elástica envolve sua cabeça, mas uma mecha escapou. Não consigo parar de olhar os fios soltos, se espalhando pela sua bochecha saltada.

– Tenho todo o direito de estar aqui.

Ponho as mãos nos quadris, abrindo meu corpo para Selena. Provando que não tenho medo. Só que ela não pode ver que estou pressionando os dedos dos pés contra os tênis para não perder o equilíbrio. Não pode sentir meu estômago revirando.

Num breve instante, tão rápido que penso que foi só minha imaginação, um lampejo de preocupação faz as suas sobrancelhas se juntarem. Selena hesita, procurando as palavras certas. Estamos sendo observadas. Ela está sob pressão.

Está travando uma batalha interna. Por um breve segundo.

De repente, empurra as mãos contra o meu peito.

Cambaleio para trás e recupero o equilíbrio já quase agachada, como se minha vida dependesse de não cair no chão. Meu tornozelo ameaça ceder, mas o obrigo a se comportar. Sei que estou parecendo uma imbecil. Ouço risadas. Me sinto minúscula com os comentários das pessoas... se pudesse ir embora sem maiores consequências, com certeza iria. Mas virar as costas significa que eles ganharam. Significa que nunca mais serei a Kayla que eu

era.

– Você vai para o chão, vaca – ouço alguém dizer.

– Cuidado, você tá falando com a Matadora – diz alguém.

– Se cuida – Selenia fala baixinho, o suficiente para só eu ouvir. Não consigo distinguir se o aviso é maldoso ou se ela está mesmo preocupada.

Do outro lado do campo, Jen nos observa, ajustando o cordão do short. Sem participar. Mas também sem impedir. Estou tão longe de adivinhar o que ela está pensando que é difícil acreditar que já fomos melhores amigas.

Dou mais um passo para a frente, mais para perto de Selenia.

– Você também.

A organização do Homecoming – formada por Jen, Selenia e outras duas meninas, e não eu – é chamada até o campo, e todos param de prestar atenção em mim. Fico correndo no mesmo lugar para me aquecer enquanto escolhem as capitãs. Jen é uma delas e está segurando as bandeiras amarelas com as duas mãos.

O resto de nós forma uma fila na linha de 50 jardas e fica esperando. Quero que a Jen olhe para mim. *Lembra da promessa que a gente fez no ano passado?*

Ela não olha.

Mas a Maria, a outra capitã, olha. E é ela quem vai escolher primeiro.

– Kayla Martin – chama, sem hesitação.

Finjo que entendi e vou correndo até ela, sob as vaias e zombarias vindas do campo e das arquibancadas. Pego minha bandeira vermelha e prendo na cintura. Como meu rosto está ardendo, olho para o chão, para ninguém perceber. Talvez a Maria tenha feito isso por pena. Ou quer alguém que sabe pegar uma bola de futebol americano. Provavelmente ela me escolheu para servir de saco de pancadas.

Os times começam a se completar. Jen escolhe primeiro a Selenia. Meu time faz uma rodinha antes de a gente ocupar nossos postos no campo. Todas passam o braço no ombro da colega, menos no meu.

A sra. Armstrong, nossa professora de Educação Física, espera, com o apito prateado pendurado na boca.

– Ok, senhoritas – diz Maria para a nossa rodinha de meninas, recuperando

o fôlego. – Eu vou ficar no ataque, de *quarterback*. Hannah, Riley, Fiona, Sarah e Mel, vocês jogam comigo, no bloqueio. Patsy, quero que você fique na defesa. Kayla, você vai jogar de *wide-receiver*, quero te ver infiltrada na defesa adversária recebendo passes e conquistando jardas. O resto... encontrem alguma coisa de útil pra fazer. Vamos nessa.

Batemos palma, e a rodinha se desfaz. Vamos para nossas posições enquanto a Hannah pega a bola e fica quase agachada. Me posiciono na extrema esquerda da nossa linha e olho para a jogadora do time adversário que foi designada para me marcar.

É a Jen.

Minha boca fica seca. Jogo o peso na parte da frente dos pés e me obrigo a desviar os olhos da sua expressão dura, de desafio.

A sra. Armstrong apita, e as arquibancadas vibram com os gritos da torcida. A veia do meu pescoço lateja, o sangue passa correndo pelos meus braços e pelas minhas pernas. Estática e palavras saem a todo volume do sistema de som. Mas abafo os ruídos enquanto traço com os olhos a rota que vou fazer no campo.

– Vai! – grita a Maria.

Corro direto até a Jen, fingindo que estou bem, bato na sua mão esquerda sem querer e olho para trás quando a Maria joga a bola na minha direção. Estou completamente livre. Pego a bola, enfio embaixo do braço e viro para a zona final do campo. E é bem neste momento que sinto duas mãos agarrando meu tornozelo. A dor sobe pela minha perna, começo a ver pontinhos brancos e pretos. Caio, de corpo inteiro, no chão, quase sem fôlego, mas não largo a bola.

A sra. Armstrong apita com toda a força.

– Desculpa, sra. Armstrong – fala Jen, levantando do mergulho. – Estava tentando pegar a bandeira. Não consegui.

– Você está bem, Kayla? – pergunta a professora.

Fico de pé e passo a mão pelo corpo, para tirar a grama, movimentando o tornozelo em círculos lentamente até ter certeza de que posso apoiar meu peso sem mancar. A algumas jardas de distância, Maria me observa, a boca uma linha dura, e então eu entendo. Ela me escolheu porque sabe que vou

fazer qualquer coisa para ganhar. Para ser aceita de novo.

Balanço a cabeça, puxo o ar para dentro e digo, entredentes:

– Estou.

– Kayla Martin conquistou 18 jardas – diz a voz pelo alto-falante. – Vantagem para o seu time, que ganha a oportunidade de fazer a primeira descida na marca de 32 jardas.

Limpo as mãos no short e volto para a posição onde a jogada terminou, entre a linha defensiva e a de ataque. A grama é grossa, mas foi cortada bem rente. Fico observando o verde até conseguir recuperar o fôlego, aí levanto os olhos e encontro o olhar de Jen.

Manda ver.

A tarde vai passando com uma série enevoadas de jogadas que levam Jen e eu para o chão. O apito da sra. Armstrong não tem sossego. Os espectadores percebem que alguma coisa está acontecendo e gritam mais alto toda vez que a Jen ou eu nos machucamos. Um hematoma nas costelas dela causado por uma cotovelada minha. Um arranhão no meu queixo causado pela rasteira que ela me passou, e eu saio voando pela grama.

Mas nem eu nem ela pedimos trégua. Estamos acertando as contas, e estou muito inclinada a sair por cima.

Meu time está perdendo por um *touchdown* na linha de oito jardas, faltando quatro minutos para terminar o último tempo, e estou pronta para empatar. A Maria ficou com a bola nas últimas jogadas mas, quando a gente se junta, ela diz:

– Continua livre, Kayla. E não ouse derrubar a bola.

– Sem problemas.

Tomo minha posição na frente da Jen. Ela parece cansada. Seus joelhos estão com um tom feio de rosa. Em carne viva. Parei de sentir dor – parei de sentir qualquer coisa – no meu tornozelo ruim.

– Vai!

Passo zunindo pelas meninas na linha entre o ataque e a defesa, e depois corro no meio delas na diagonal, dando tudo o que posso nessa explosão de velocidade. Vejo Maria levando o braço para trás e me preparo para o passe. Quando

a bola voa pelos ares, alguém puxa minha trança. Minha cabeça é jogada para trás. Giro, com os pés firmes no chão, minhas mãos ainda clamando pela bola. Vejo de relance o rabo de cavalo da Jen na minha direção, o que esconde seu punho cerrado.

Cinco duros nós dos dedos de Jen encontram o osso da minha bochecha, fazendo barulho. Por fim, caio no chão. A bola pousa inocentemente no final do campo e sai rolando.

O apito da sra. Armstrong enlouquece. Minhas companheiras de time gritam e gesticulam, bravas. O público vai à loucura, batendo os pés nas arquibancadas. Meu rosto está latejando. Sangue escorre pelo meu nariz e entra na minha boca. Limpo com as costas da mão.

– O que está acontecendo aqui? – grita a sra. Armstrong, correndo na nossa direção.

Jen estica o braço para mim. Seus olhos castanhos têm uma expressão dura, mas também estão perdidos. Não sou só eu que estou sofrendo.

– O campo é muito escorregadio – diz a Jen.

Fecho os dedos no seu pulso, e ela me ajuda a levantar.

– A gente não para de escorregar – concordo, sem ar.

Porque é assim que se faz. Eu aceito a surra, é uma prova da minha dedicação a ela. Ao seu irmão. A essa cidade.

– Você precisa sair do campo até parar de sangrar – diz a sra. Armstrong. Dá para perceber que ela quer dizer mais alguma coisa, mas, antes que consiga, o barulho do público chega a um volume ensurdecedor.

Todas olhamos para a lateral do campo. Jay Brewster está desfilando, seguido por metade do seu time. Não para de dar aquele sorrisinho com ar de “que merda tudo isso”, sua marca registrada, passando a mão no cabelo loiro e jogando casualmente a bola para cima e para baixo. As pessoas descem da arquibancada para aclamar os heróis do futebol americano. Os caras ficam se dando socos no ombro, batendo os punhos cerrados, dando encontrões com o peito. Começam a se espalhar pelo campo. E, apesar do local estar reservado para nós até as sete horas, sabemos que eles estão ali para tomar posse do seu território.

Jen e eu somos as primeiras a desviar o olhar deles. Nossa expressão, tenho

certeza, é igualzinha, de pura irritação.

A vida da Jen sempre foi assim.

Mas ela se recupera num piscar de olhos.

– Acho que o jogo acabou – anuncia, com uma risada forçada. –
Ganhamos!

Seu time se joga no chão, formando uma grande e barulhenta pilha humana, e o nosso fica por ali, querendo que o jogo tivesse sido mais justo. Maria e o resto das meninas do meu time estão putas. Não comigo, pelo menos. Elas não me falam nada. Enquanto combinam de ir comer pizza depois do jogo, vou pegar minha bicicleta para voltar para casa.

Só que a bicicleta não está no lugar onde deixei.

Uma menina de uns 9 ou 10 anos está brincando por ali. Quando percebe que estou procurando alguma coisa, aponta para as lixeiras, e depois volta a fazer seu castelo de areia. Meu pneu traseiro está aparecendo no alto de uma lixeira de metal enorme. Solto um suspiro.

– Não sei por que você foi jogar. – Noah Michaelson aparece atrás de mim, me oferecendo uma camiseta velha.

Eu a pego e limpo o rosto devagar. Não lhe devo explicações.

Noah encolhe os ombros.

– Te ajudo a tirar a bicicleta dali. Quer dizer... quer que eu te leve para casa?

Jogo a camiseta na sua mão estendida e faço que sim.

PRIMAVERA

Era segunda-feira, e meu sanduíche de salada de ovo tinha se desmanchado na mochila antes de eu chegar à mesa da cantina.

A Jen espremeu os olhos e mostrou a língua enquanto eu tentava tirar o conteúdo esmagado do saquinho plástico com uma careta.

– Se você comesse sanduíches normais – disse –, não teria esse problema.

Fiquei olhando para minha amiga com cara de paisagem, até ela dar uma mordida enorme no seu sanduíche de geleia e pasta de amendoim, depois falei:

– Desculpa, que foi? Não ouvi.

– Eu zissse... – Ela enfiou a língua na maçaroca de pão presa no céu da boca e pegou a garrafinha d'água, engolindo a comida e dando risada. – Que você é uma bosta.

– Você me ama.

Dando de ombros, levantei para buscar um garfo.

Enquanto procurava o talher no fim da pilha, senti um dedo cutucando meu ombro.

– Ei, Kayla... – Era o Steven McInnis, que ficou olhando por cima da minha cabeça em vez de olhar para mim. Ele pode fazer isso. É o garoto mais alto do colégio. O mais musculoso também, provavelmente. O melhor jogador da linha defensiva do time de futebol americano. E defende o Jay de tudo. – Você tem aula de Física com a Olson, certo?

– É.

Ele pegou uma bandeja laranja do meio da pilha, derrubando as duas de cima no chão. Quando se abaixou para pegá-las, falou:

– Sei que é meio em cima da hora, mas será que você poderia me ajudar a estudar para a prova dessa semana?

– Não vou fazer essa prova – respondi, pegando uns guardanapos. Os olhos do Steven ficaram passeando, e ele tamborilou os dedos na bandeja. – Tirei

dez, então não preciso fazer a última prova. Uma decisão que fez a Olson virar minha professora preferida esse ano.

– É, ela é legal. Mas eu preciso fazer a prova – falou, acompanhando a fila do almoço e me obrigando a ir com ele.

Olhei para a minha mesa. Selenia estava contando uma história para as meninas, gesticulando muito. As histórias que ela contava gesticulando eram sempre boas. Eu estava perdendo a paciência.

Mas o Steven insistiu:

– Você acha que pode me ajudar a estudar para essa prova mesmo assim? Por favor? Você tirou dez, e eu preciso passar pra...

– Cara... – Jay Brewster apareceu do nosso lado. Steven se moveu para eu sair do meio dele e do bufê, e o Jay deu uma tapinha no seu ombro. – A gente já conversou sobre isso. Ninguém vai te deixar na mão. Deixa comigo.

Steven ficou observando a funcionária da cantina servir macarrão no seu prato, olhar para ele, e depois servir mais.

– Eu sei, cara, mas é como eu te falei: quero mesmo aprender esse negócio.

– Você teve o semestre inteiro pra aprender – falou o Jay. – Devia ter feito isso antes. Não quero que ninguém do meu time seja eliminado por causa de notas.

– Devia mesmo. – Steven atirou o prato na bandeja e se abaixou para pegar duas caixinhas de achocolatado. – Mas não aprendi. Tenho que tirar 9,5 nessa prova só para passar. A Kayla falou que vai me ajudar.

– Hmm? Quê? Não falei, não. Não tenho tempo.

O garfo que eu estava segurando quebrou. Fiz careta e me afastei deles para pegar outro.

Só que o Jay levantou a voz, se sobrepondo sobre a balbúrdia da cantina.

– Você também não tem, cara. Os treinos de primavera vão começar, e vai ser todos os dias depois da aula. Você não pode correr o risco de faltar. Tem tipo uns seis moleques querendo entrar no seu lugar. Já te falei, deixa comigo.

Eu não queria saber como o Jay ia dar um jeito na nota ruim do Steven e, para falar a verdade, não ligava. Mesmo diante dos olhinhos de desamparo que o Steven me lançava, enquanto o Jay mexia nos sacos de salgadinho,

procurando seu sabor preferido.

Com meu novo garfo na mão, voltei para a mesa e fiquei mexendo na minha maçaroca de salada de ovo.

– O Steven está indo mal em Física – contei, entre uma bocada e outra. – Quer que eu estude com ele para prova. Será que a gente conhece alguém que poderia fazer isso?

– Não – respondeu Selenia imediatamente. – Cada um com seus problemas. – Ela sacudiu o rabo de cavalo na altura do ombro, espetou uma folha de alface com o garfo e comentou: – Odeio salada.

– Então não come – falou a Jen.

– A Maria está causando uma guerra por causa dos uniformes das líderes de torcida do ano que vem. Quer que a gente volte a usar saia de pregas. E essa bundinha aqui? Não fica nada bem de pregas.

– Você fica linda com qualquer coisa – cortou a Bean. Depois, se voltou para mim: – Eu ajudaria o Steven se estivesse fazendo aula de Física. Quem sabe o Leo Marshall?

Encolhi os ombros e respondi:

– Quem sabe. Vou falar do Leo quando encontrar o Steven de novo, mas não vou ficar caçando ninguém pra ele. Como bem falou o Jay, ele teve o ano todo para aprender essa matéria.

As várias pulseiras da Jen tilintaram quando ela levantou o braço para comer seu iogurte. Estava calor, mas o colégio não permitia usar regata. Jen e eu estávamos com blusinhas de manga japonesa. Era o máximo que a gente podia usar sem desobedecer as regras.

– Que mais que o Jay disse? – perguntou a Jen.

– Que ia dar um jeito na situação.

– Minha nossa! – Aí ela bateu com a colher na mesa, e alguém mais na frente deu um pulo. – Sério? Meu irmão acha mesmo que consegue livrar o Steven dessa só porque é a porra do Jay Brewster? Ele não tem a menor noção da realidade. Não dou conta.

– Relaxa – disse a Selenia, fazendo cara de susto com o ataque súbito de raiva da Jen. – É pura conversa.

– É. O Steven sabe que é só falação. É por isso que está procurando alguém

para estudar com ele – falei. Aí cutuquei o ombro da Jen com o meu, e ela revirou os olhos. Na maioria das vezes, ela percebia suas reações exageradas por causa do irmão. Mas a verdade é que ele se safava de muito mais coisas do que a minha amiga. Eu também ficaria frustrada. – Aliás, acho que você vai ficar linda com saia de pregas, Selena. Não se preocupe.

Selena jogou o garfo dentro da embalagem de salada, ficou de pé e respondeu:

– Que bom. Porque nada vale ficar comendo essa merda.

Bean sacudiu a cabeça, e a Selena foi levar seu almoço para a lixeira.

– Eu gosto de vegetais.

– E eles choram em silêncio quando você os escolhe? – provocou a Jen.

Bean era a única vegetariana que eu conhecia. E também era a única cuja família criava o próprio gado de corte. Tinha certeza de que essas duas coisas estavam relacionadas. “As vacas são tão bonitinhas”, falava. “Têm aqueles olhões e aquele cabelo bagunçado. Simplesmente não consigo comê-las.”

– Há! Há! – disse a Bean.

Steven se enfiou em um lugar vago ao lado da Bean, do outro lado da mesa. Quase todo mundo era maior do que ela, mas o Steven, com aquelas pernas compridas e atarracadas, era ainda mais.

– E aí, você vai me ajudar a estudar para prova, Kayla? – começou, mas eu logo cortei.

– Você já pediu ajuda para o Leo Marshall?

– Ele falou que não vai me ajudar. Ainda está bravo por causa daquele lance do ônibus.

– Você está falando do *bullying* que fez com ele no ônibus o ano passado inteiro? Lembro o apelido que deu para ele... Era Marshall Marshmellow?

O Steven bufou e passou a mão na nuca.

– Era. Está, tudo bem. Foi o T.J. que inventou. Ele que é bom de apelido. E isso é *passado*. A gente superou.

– Pelo jeito, o Marshall não.

Steven fechou os olhos e respirou fundo.

– Anda, Kayla. Me ajuda, por favor? Estou implorando.

Peguei as sobras do meu almoço e pus de volta no saquinho de papel.

– Não tenho tempo, de verdade. Tenho um monte de coisa para fazer em casa e treino de equitação a semana toda, depois preciso ajudar a Jen a preparar a festa dela.

– Você vai, não vai? – perguntou a Jen.

– Se não ficar de castigo pra sempre – respondeu o Steven.

Aí pressionou as palmas das mão contra a mesa por um instante. Sua jaqueta de couro estava folgada nos ombros, parecia que ele tinha emagrecido durante o inverno. Eu sabia que

tinha começado a trabalhar para ajudar em casa depois que sua mãe pediu aposentadoria por invalidez. Não sei como o Steven ia fazer para dar conta do emprego e do treino de futebol. Senti uma pontada de culpa apertar meu peito. Ele queria mesmo passar naquela matéria.

Soltei um suspiro.

– Olha, não posso fazer nada até quarta-feira, mas se você for lá em casa e me ajudar a terminar minhas tarefas, te ajudo a estudar para essa prova.

Seu dente torto apareceu no canto do lábio quando ele sorriu. Depois, se levantou com um pulinho.

– Vou terminar essas suas tarefas rapidinho. E vou estudar tudo o que eu puder até lá. Você salvou minha vida, Kayla. Te devo essa.

– Vou te passar as tarefas mais nojentas – falei quando ele me deu as costas.

– Isso foi legal da sua parte – disse a Bean, olhando para mim com um sorrisinho estampado no rosto.

– Legal *demais* – falou a Selenia, já de pé, com as mãos no quadril. – Como você bem disse, o Steven já teve a chance dele. Mas você que sabe. Tenho que correr para reunião das líderes de torcida. Alguém tem que tentar derrubar a saia de pregas.

– Vou com você – falou a Bean, colocando uma perna para fora do banco. – A srta. Norris está comentando nosso portfólio se a gente for falar com ela na hora do almoço.

– Eu também vou – completou a Jen, terminando o iogurte. – Encontrei uns livros que peguei da biblioteca no começo do ano. Mandeí bem no tempo, né? Posso pegar mais uns antes de o ano acabar. Você vem, Kayla?

Sacudi a cabeça.

– Vou ficar com a minha bunda sentada aqui pelos próximos vinte minutos, depois vou lá para o pátio porque não tenho aula agora. Tirei 10 em física, afinal de contas. – Não consegui disfarçar um sorriso convencido.

– Preguiçosa – disse a Selenia.

– Invejosa – retruquei.

Minhas três melhores amigas deram risada, desviando das mesas da cantina a caminho dos corredores do colégio. Peguei um livro e tentei me concentrar. Depois de ler o mesmo parágrafo cinco vezes seguidas, me dei conta de que a única voz que ouvia na minha cabeça era a do Jay Brewster.

“Deixa comigo.”

OUTONO

Jogamos minha bicicleta na traseira da picape do Noah.

– Foi um belo jogo – ele diz, enquanto remexo o porta-luvas à procura de um lenço de papel para enfiar no meu nariz, que ainda está sangrando.

– Valeu.

Meus músculos estão tensos. Estou toda machucada. Uma sensação de enjoo está acabando comigo. Passo o dedo por uma rachadura no painel do carro.

Noah limpa a garganta e me olha de canto.

– Por que você jogou?

– Todo mundo tem direito de ir e vir – falo, mirando o horizonte. Não sei bem o que estou procurando, só sei que o Noah não tira aqueles olhos castanhos de mim e não quero olhar para ele. Não sei por que ele está sendo legal comigo.

– Não foi isso o que eu quis dizer.

Noah gira o volante, acertando os pneus num buraco da rua. Nós dois pulamos no banco e batemos a cabeça no teto do carro. Me seguro para não rir.

– Tá.

Sei o que ele quis dizer. Mas não posso contar que aquele jogo era o motivo por eu ter feito o que fiz e o motivo por eu ter voltado. Ele não entenderia. Noah Michaelson nunca

fez parte da turma como eu fiz. Nunca se importou com esportes ou com o Homecoming nem com festas às margens do rio.

Passo a mão na cabeça e fico olhando para fora. Vejo um grande campo, escuro e baldio, e imagino brotos verdinhos surgindo naquela terra apática. Promessa de uma primavera precoce. De mudança e de renovação.

Tiro minha franja comprida do rosto, imaginando se as sombras escuras das minhas olheiras escondem os tons de verde e amarelo dos meus olhos

castanhos, e fixo os olhos na vista do lado de fora, tentando adivinhar quando um prédio vai aparecer para estragar a paisagem. Aqui, neste pedaço de terra entre casas e estábulos, consigo enxergar muito além, a primeira luz trêmula parece estar tão longe quanto a lua.

Andamos em silêncio por mais um quilômetro e meio. A poeira voa atrás dos pneus da picape, criando uma nuvem que se ergue e serpenteia atrás de nós, formando uma grande bola. Noah vira em outra estrada de terra. Neste canto da cidade, as estradas de terra se cruzam infinitamente, como as linhas de um novelo de lã.

– Moro em Sunview – digo.

Noah hesita antes de responder, e me dou conta de que ele já sabe. Porque também sei onde ele mora. Todo mundo sabe onde todo mundo mora numa cidadezinha como esta. Só que mais alguma coisa vem à minha memória: brincar com o Noah quando éramos crianças, muito tempo atrás. O cheiro da comida que ninguém mais sabe fazer, só a mãe dele. Mas ele não toca nesse passado há muito esquecido. Só diz:

– Ah, ok.

Quando estamos perto, aponto para a minha casa. Não há necessidade, mas, por algum motivo, preciso ter esse controle. Preciso fingir que o Noah não faz parte da paisagem dessa cidade. O fato de ele ser diferente me atrai, a ideia de que ele não vai – não pode – me odiar tanto quanto os outros me atrai. Me atrai porque o Noah não é igual a eles? Ou porque é igual a mim? Não sei qual das alternativas é a correta. Nenhuma das anteriores provavelmente.

Talvez o Noah seja só uma boa pessoa, só isso.

Sua mão está firme no volante quando paramos no portão da minha casa. Vejo algo se movimentando na janela da frente. Ella, o basset da minha família, nos observa, com seus olhos escuros cheios de interesse. Demoramos muito para sair do carro, e ela começa a latir com melancolia. Tamborilo um ritmo aleatório na maçaneta, silenciosamente, loucamente.

– Ok, chegamos – ele diz, depois de um tempo. Depois: – Você está cheirando a bacon. A bacon sujo e suado.

Dou risada como há muito não fazia.

Minha gargalhada abre um espaço entre nós dois, que o Noah preenche com um sorriso. É um belo sorriso, que ilumina seu rosto, chegando até o canto dos seus olhos. Seus ombros relaxam.

– Lembro de você sempre montada num cavalo. Você ia muito até a minha casa. Você cavalgou lá em Kansas City? – perguntou.

Aqueles eram dias tranquilos, quando Jen e eu andávamos a cavalo, sem rumo, pelas estradas e trilhas que passavam pela casa do Noah, a mais ou menos um quilômetro e meio da minha. Consigo ver a pintura amarela com molduras brancas. Sua mãe cuidando do jardim no quintal da frente, usando um chapéu de palha de aba larga. Uma mulher pequena. De cabelo preto e pele da mesma cor da do filho.

O tempo em que eu realmente o conhecia parece tão distante. Mas quase consigo enxergar dentro da sua casa. A cruz na parede. Os tapetes grossos debaixo dos nossos pés descalços. Não lembro nada dele dos últimos anos, é como se ele tivesse se escondido em algum lugar escuro e silencioso. É como se pessoas como minhas antigas amigas e eu o tivessem colocado lá.

Olho para o Noah de novo, surpresa mas também grata por ver uma expressão de bondade em seus olhos.

– Não. Não ando mais a cavalo. Perdi o interesse.

– Ah. Achei que você adorava isso.

Eu *amava*. Amava o jeito como o vento penteava meu cabelo, como se tivesse dedos invisíveis, quando a Estrela de Caramelo e eu corríamos pelos campos, e como parecia que eu criava asas quando pulávamos cercas, desafiando a gravidade. Amava a dor gostosa no meu abdômen e meus músculos definidos. Amava a volta, recuperando o fôlego, enquanto eu massageava lentamente os lados do corpo dela.

Mas agora meu tornozelo machucado dói só de pensar em andar a cavalo.

E meu coração dói porque minha égua mora na casa da Jen.

– Sabe que matam os cavalos de corrida que quebram o tornozelo?

– Mas você não é um cavalo – ele diz. – Você é a cavaleira.

Minhas costas ficam duras.

– Não é tão simples assim.

– Claro que é. É que nem andar de bicicleta, certo? É só subir e...

– *Não posso mais fazer isso.*

O silêncio toma conta da cabine da picape. Corrijo meu tom. Abro a porta.
Digo, envergonhada:

– Obrigada pela carona, Noah.

Ouço ele dizer “sem problema” e bato a porta do carro.

PRIMAVERA

Meus principais motivos para aparecer no colégio naquela última quarta-feira de aula eram: entregar meu último trabalho de inglês e pedir para assinarem meu anuário. Jen, Selena, Bean e eu nos juntamos em volta do livreto na hora do almoço, olhando primeiro as fotos da nossa turma – demos risada porque a Bean não estava olhando para a câmera, mas para cima dela – e depois contando quantas vezes aparecíamos nas fotos das atividades paralelas e eventos sociais.

Selena bombou na página das líderes de torcida, e Jen e eu aparecemos num especial de página dupla sobre equitação na Escola de Ensino Médio Ulysses S. Grant.

– Obrigada, Noah Michaelson – disse a Jen.

A foto da Bean recebendo o prêmio de arte do condado por um desenho em lápis pastel de uma vista do pico Fellows no outono foi tirada de perfil.

– Bean – eu disse –, você é daquelas que acreditam que se olhar diretamente para câmera ela rouba sua alma?

– Talvez. Isso explicaria muita coisa sobre vocês três. – Então enfiou as mãos nos grandes bolsos quadrados que tinha na frente da saia rodada. Puxou um tubo de tinta acrílica branca pela metade, olhou-o, surpresa, e colocou de volta no bolso encolhendo os ombros.

– Bom, eu não acredito em almas – falou a Selena.

T.J. atravessou a cantina e sentou do meu lado, pegando o fim da frase dela.

– Por que não? – perguntou.

– Porque é inconveniente. Minha alma católica está destinada a queimar no inferno se eu fizer qualquer coisa errada. Não vale a pena a ansiedade de acreditar quando é muito mais libertador *não* acreditar. Se eu fosse me confessar, o padre morreria de choque.

– Duvido – debochou o T.J.

– Fala logo que concorda. – Jen virou a página do anuário e ficou olhando

para os integrantes do Clube de Francês. – A Selena tem uma reputação a zelar.

Tirei o anuário das mãos da Jen e fui para as últimas páginas, com as fotos espontâneas. No meio de uma página, estava uma foto grande de nós quatro, emoldurada com espirais pretas. Tirada na festa do Homecoming do ano passado. Jen e eu estávamos do lado esquerdo, Selena e Ben, no direito. Mas estávamos bem juntas, nos abraçando. Selena usava seu uniforme de líder de torcida. Bean, um vestido de renda creme. Jen, shorts e camisa florida com uma camiseta por baixo. Eu estava com uma calça jeans de cintura baixa e regata. Nós quatro tínhamos um sorriso estampado no rosto. Até a Bean estava olhando para a câmera. Atrás de nós, o sol formava uma auréola em nossa cabeça, em um clarão amarelo-avermelhado.

Olhar para foto me fez sentir cheiro de fritura e feno e a brisa ficando mais gelada à medida que escurecia. Aquela foi a noite que o Caleb jogou seis vezes na brincadeira do tanque de água, acertando a bola e fazendo a Tory Worth mergulhar de novo e de novo porque estava com vergonha de convidá-la para sair. Desde aquele dia, a Tory odeia meu irmão.

– Essa é a minha foto preferida – falei, apoiando o livro na mesa e passando a mão na página. – Devo ter entregado para o Noah junto com as nossas fotos de equitação.

– Adorei – disse Jen, baixinho.

– Noah... Michaelson? Ele frequenta a minha igreja – comentou Selena. – Cara esquisito. Quietão.

– Achei que você não acreditava em igreja – lembrei.

– Não acredito em alma – corrigiu ela. Aí encolheu os ombros. – Mas a igreja é... *algo*. Ser católica numa cidadezinha como a nossa. Todo mundo se apoia porque é uma *comunidade* ou qualquer coisa do gênero. – Em seguida, baixou a cabeça para ver melhor a foto, endireitou o corpo dando um sorriso presunçoso e cutucou o ombro da Bean. – Falando nisso, nossa teoria sobre a sua alma foi por água abaixo. Acho que você só não se lembra de olhar para câmera.

Bean encolheu os ombros e sorriu.

Atrás dela, Jay, Steven e os outros garotos que estavam sentados do outro lado da nossa mesa se levantavam.

– Ei, Steven. Que horas você vai passar lá em casa? – gritei.

Steven enfiou um último punhado de batatas fritas na boca e sacudiu a cabeça. Ainda estava mastigando quando abriu a boca para me responder:

– Ah, é. Esquece. Já resolvi.

Depois, pôs o resto do leite na boca, bochechou e engoliu.

– Você encontrou outra pessoa pra te ajudar? – perguntei.

– Tipo isso. Preciso correr. Até mais.

Então derrubou a bandeja da mesa, ignorando o fato de que metade da comida tinha caído no chão, e saiu da cantina atrás do Jay.

– Imbecil. Não recolhi o esterco do galinheiro da minha mãe até hoje porque achei que ele ia lá.

– São todos uns imbecis – falou a Jen, como quem não quer nada. Fechou o anuário e me devolveu, com uma covinha profunda na bochecha. – Bom, adorei essa foto. Estamos gatas.

Guardei o livreto na mochila e fechei o zíper.

– Falando em Física, ainda não resolvi qual matéria de Ciências vou fazer no ano que vem. Acho que devia fazer Ciências da Saúde porque tem mais a ver com Enfermagem, mas aque-

la aula de Ciências Forenses que a Olsen começou a dar no ano passado parece tão divertida.

– Quero fazer essa matéria também – falou a Jen. – Mas acho que devia fazer Biologia Avançada, que depois conta como crédito na faculdade. Quero tirar da frente o máximo de matérias que conseguir. A menos que exista Ciências Forenses Avançadas, estou fora.

Enruguei o nariz e falei:

– É o Harvey que dá aula de Biologia Avançada. É difícil.

O sr. Harvey era mais velho que a Terra e gritava porque não conseguia ouvir a própria voz.

– O Harvey dá todas as aulas de Ciências Avançadas – corrigiu Jen. – E, sim, é uma bosta. Também queria pegar a Olson.

Terminamos de almoçar ouvindo um ruído de vozes cada vez maior, como

aconteceu a semana inteira. Todos estavam inquietos nos últimos dias de aula. Interroguei as meninas mais uma vez sobre nossos planos para o verão. Selenia tinha que ir para o acampamento das líderes de torcida em agosto mas, antes disso, tinha planejado trabalhar o verão inteiro. Bean passaria um mês na casa da tia, na Califórnia. Jen e eu planejávamos visitar seis estados para participar de competições de equitação, e depois nos encontraríamos com os pais dela em um cruzeiro pelas Bahamas.

– Sei que ainda faltam séculos – falou a Jen –, mas a gente pode dar uma olhada em uns biquínis quando for no shopping amanhã comprar o vestido para festa.

– Parece bom. – Recolhi minhas coisas e coloquei a mochila no ombro. – Tenho que ir. Vou ver se consigo falar com a minha orientadora antes do fim do almoço e pedir a opinião dela sobre minha matéria de Ciências do ano que vem.

Os corredores estavam lotados de grupinhos assinando anuários. Uns rapazes do último ano estavam fazendo um “toca aqui” – provavelmente por causa de uma frase no livreto

que acharam especialmente engraçada. Três meninas sorriam olhando para as próprias fotos, com lágrimas correndo pelo rosto. Hailey Patterson e sua melhor amiga, Ingrid, apontavam para uma página. Ingrid inclinou a cabeça para o lado, dando um sorrisinho, mas Hailey fez careta. Olhou para cima e me pegou observando, mas virei rápido para o outro lado. Fiquei imaginando se era a foto tirada no último jogo pó de arroz, em que Jay a levantava no ar em um gesto de vitória, que fez Hailey espremer os olhos daquele jeito. Também não consegui parar de olhar quando vi aquela foto pela primeira vez.

Fui me acotovelando até a secretaria e verifiquei a lista de espera da minha orientadora. Ela estaria ocupada nas próximas duas horas, mas sabia que conseguiria me encaixar no sexto período, então peguei o lápis e pus meu nome no papel. Tinha acabado de escrever “K” quando um “quê?” bem alto me fez levantar a cabeça.

Atrás das escrivaninhas das secretárias, quatro silhuetas faziam sombra nas vidraças jateadas da sala do diretor. Começaram a falar mais alto lá dentro,

mas, agora que eu estava prestando atenção, consegui ouvir outra voz, mais baixa, pedindo para todos se acalmarem. Por um instante, achei que alguém ia me pedir para assinar logo a lista e sair dali, mas as secretárias estavam com os dedos parados no ar, sobre os telefones e as teclas do computador. Todo mundo queria ouvir o que estavam falando lá dentro.

– ...não posso tomar essa decisão... sou a professora? – disse uma voz feminina.

– Nova... entenda... – falou o diretor Brady.

– Seu programa da disciplina é incompleto... não podem penalizar um aluno... ter responsabilidade.

– Aquele programa foi aprovado por você, Chuck – disse a voz feminina, mais alta que as outras, se dirigindo ao diretor Brady. – E isso não tem nada a ver com futebol americano! Ele está indo *mal*!

A porta da sala do diretor se abriu. Baixei a cabeça rápido, levando um minuto para escrever o último “a” do meu nome.

– O Steven ainda tem chance de passar, não é, srta. Olson?

– Ele tem que tirar 9,5 na prova de amanhã – respondeu ela.

Só dava para ver sua mão e a ponta do seu sapato de salto vermelho perto do batente da porta. O diretor Brady ainda não tinha olhado na direção da secretaria.

– Me avise quando ele fizer isso – disse uma voz maliciosa. Era o treinador Hillyer.

– Se o Steven conseguir, será um prazer – falou a srta. Olson. – Quero que meus alunos se saiam bem.

– Olha – disse o treinador –, estou do seu lado. Não quero brigar. Se ele não passar na prova, vou fazê-lo trabalhar nos vestiários. Vamos chamar de “anatomia”, você dá uns pontos para ele, tudo vai se resolver.

Finalmente, eu podia ver a srta. Olson por inteiro. Estava com a boca espremida, seus olhos queimavam de fúria.

– Não vou passar esse menino só porque você mandou. Anatomia não tem *nada* a ver com Física. E não é você quem decide se meus alunos ganham pontos ou não. Tenho meus princípios. Largo essa escola antes de permitir

que você mande em mim.

Ela saiu, esbarrando no diretor Brady, e bateu a porta perto das escrivatinhas das secretárias. Não olhou para mim ao passar.

Na sala do diretor, o treinador fez algum comentário, dando risada, sobre ele ter o verão inteiro para encontrar um professor substituto. O vice-diretor Green ficou no meio dos dois, passando o dedo indicador e o dedão nas rugas profundas que tinha na testa.

Olhei para o meu nome na lista. Tinha escrito tão devagar que os traços eram grossos e escuros. Com um suspiro, virei o lápis de ponta-cabeça e apaguei. Nada de Ciências Forenses para ninguém. Porque eu sabia muito bem como as coisas funcionavam ali, mesmo que a srta. Olson não soubesse. A menos que deixasse o Steven passar, ela e seus princípios não voltariam no próximo ano.

No corredor, Jay Brewster estava encostado na parede perto de um bebedouro, esperando o Steven terminar de tomar água. Olhou para mim e sorriu.

– Ei, Kayla. Acho que você se livrou de ter que estudar com o Steven. Ele vai fazer um negócio aí com o treinador para ganhar uns pontos.

Steven levantou e passou as costas da mão na boca, devagar. Quando cruzou o olhar com o meu, vi uma mistura de resiliência e vergonha na sua expressão. Ou talvez tenha sido só a minha imaginação. Ou talvez tenha sido uma expressão triunfante. Ou nada disso. Era só o jeito como as coisas funcionavam.

– Que pena – falei. – Tinha reservado o galinheiro da minha mãe pra você limpar. Agora vou ter que limpar sozinha – completei, fazendo beicinho.

Jay se apoiou no quadril e desencostou da parede, cruzando o corredor. Alguém tinha desenhado corações, flores e símbolos da paz com uma caneta azul nas costas da sua mão. Uma menina que estava a fim dele provavelmente. Seu sorriso envergonhado deixava os dentes brancos e perfeitos à mostra.

– Sinto muito. Quer saber? A gente vai limpar mesmo assim. Não é, Steve?
– acenou Jay, de costas para o amigo. E completou: – O galinheiro é do lado da sua casa, né? Deixa o material lá fora que, depois do treino, a gente passa

lá. Vamos deixar o lugar mais limpo do que nunca. É o mínimo que a gente pode fazer, já que você foi tão legal e quis estudar com o Steve, né, cara?

– Claro. – Steve enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans e fez que sim.

Eu queria ficar irritada. Era difícil que o peso do programa de futebol americano tinha no colégio me afetasse. Mas também não queria ficar recolhendo esterco do galinheiro.

Jay esticou o braço pelo meu ombro e cumprimentou umas líderes de torcida que passaram balançando a cabeça, enquanto fiquei pensando. Será que eu queria argumentar, falar alguma coisa que deixaria o Jay puto? Ou queria deixar passar batido, sabendo que nada do que eu dissesse importava? Pus a mão na mochila e fiquei brincando com um caderno. Pelo menos ele se ofereceu para limpar o galinheiro.

Bufei e disse:

– Vou deixar o material lá fora para vocês. Mas espero que o lugar fique brilhando.

– Você é uma menina legal, Kayla. Vamos dedicar a próxima temporada pra você, ou algo assim – falou o Jay, apertando meus ombros.

Revirei os olhos e fui para o pátio.

OUTONO

Viro de barriga para baixo, estendo o braço para conseguir arranhar o chão e olho em volta pelo meu quarto. Está uma bagunça, e ainda não saí da cama, apesar de meu pai já estar trabalhando no campo há horas.

Minha mãe fez café da manhã. Sei disso porque sinto o cheiro, porque ouvi quando ela subiu as escadas e abriu a porta do meu quarto, preparada para me convidar para descer. Eu não estava dormindo. Só fingindo.

Sem treino de equitação, tenho os fins de semana completamente livres. Quando estava na minha tia, ia a um parque a poucas quadras da casa dela e passava horas deitada na grama. Ou ia explorar o centro da cidade, tentando desenhar um mapa na minha cabeça. Qualquer coisa que preenchesse meus pensamentos. Só que aqui, depois de terminar minhas tarefas, não tenho muita coisa para fazer. Mas isso não significa que quero ficar na cama o dia todo. Meus dedos dos pés balançam no chão gelado enquanto eu levanto e me visto.

Lá embaixo, minha mãe está organizando as conservas na despensa. Abro a lava-louças e começo a tirar os pratos limpos.

– O que o pai quer que eu faça hoje? – pergunto para ela, de costas para mim.

Minha mãe coloca a cabeça para fora da despensa e me dá uma olhada.

– Obrigada por me ajudar. Mas acho que ele não está esperando que você fique em casa hoje. Você deveria tirar umas semanas de férias. Relaxar. Sua tia Bea ligou hoje de manhã, falei que você estava indo com calma. Não quer me transformar numa mentirosa, quer?

Fico pensando na terceira mensagem de texto que a tia Bea me mandou ontem, depois que o Noah Michaelson me deixou em casa. Pedindo para eu ligar e dar notícias.

– O que mais você falou?

Ouço uma lata pequena – de feijão ou arroz – se movendo.

– Falei que, pelo jeito, seus pesadelos não estão te incomodando. – Outra lata se mexe. Nunca contei dos meus pesadelos para os meus pais, a tia Bea deve ter contado. Mas minha mãe não me pressiona. Fala como se sua frase fosse um fato conhecido e muda de assunto. – Você tem lição de casa para fazer este fim de semana?

– Um pouco. Não muito. – Guardo os pratos na prateleira acima de mim com todo o cuidado. – Eu podia arrumar os fardos de feno...

– Não. – Minha mãe se afasta da despensa e fecha a porta. – Relaxa, Kayla.

– Está bem.

Termino de tirar a louça da máquina, pego um refrigerante na geladeira da garagem e saio para ver o barco. Está exatamente como o deixei, meses atrás. Com as tábuas que foram substituídas aguardando para serem lixadas. E não é só isso que me aguarda lá fora.

– O que você está fazendo aqui? – pergunto para o Noah Michaelson, parado ao lado do meu barco. Uma linha de suor escorre por sua têmpora, e ele levanta a camiseta para limpá-la. Fico olhando, na maior cara de pau, para a fina linha que percorre seu abdômen, até ele soltar a camiseta, com um leve tom de vermelho começando a aparecer nas bochechas.

– Vim ajudar o seu pai a guardar o feno. Preciso muito começar a juntar dinheiro para faculdade. Acabei. Vi o barco quando estava saindo. É legal.

– Eu poderia ter ajudado meu pai com o feno. A gente não precisava de você.

Noah levanta as sobrancelhas escuras, e eu encolho os ombros.

– Desculpa ter sido grossa.

– Um pedido de desculpas com refrigerante é mais legal.

Dou uma bufada sem querer, e um líquido laranja sai voando pelo meu nariz. Limpo o rosto e digo:

– Tem na geladeira da garagem. Pode pegar.

Sento, pego a lixadeira e a coloco no chão de novo quando o Noah volta com o refrigerante.

Em vez de ligar a ferramenta, entro no barco e encosto a cabeça no banco. Pergunto:

– Você já andou de barco?

– Claro – responde Noah, encolhendo os ombros. – Férias no lago. Sempre que vou para as Filipinas. Meus tios são pescadores.

– Você gosta? De estar na água?

– Tomo remédio pra não ter enjoo. Mas fora isso... é legal.

– Ah, não tinha pensado no enjoo. Hum.

– Tenho certeza de que você vai ficar bem. – Ele dá um gole no refrigerante. Fica em silêncio por um minuto e pergunta: – Por que você voltou, Kayla?

Levanto a cabeça e olho para ele, protegendo meus olhos do sol forte com a mão.

– Não deveria ter voltado?

– Não sei – responde, olhando para baixo. – Deveria? Não presto muita atenção no que os outros dizem, sabe? Pode chamar de mecanismo de defesa, depois de tantos anos de... – Ele tira o lacre da latinha e enfia no bolso em vez de terminar a frase. – Então, por que você voltou? Por que foi embora, pra começo de conversa?

– Acho que todo mundo sabe por que fui embora. – Fico em silêncio por um tempo. Os gritos dos trabalhadores do campo me distraem, tenho dificuldade para organizar meus pensamentos. – Voltei porque... não sei direito. Porque aqui é a minha casa. – Fico em silêncio de novo. – E mereço estar aqui.

– Porque você não pode permitir que os outros te afastem do que é seu – diz ele.

– É. Tipo isso.

Noah fica se equilibrando na proa do barco e fala:

– Foi um acidente.

– É o que dizem. Algumas pessoas.

Giro a lata de refrigerante nas mãos, trazendo-a mais para perto do rosto para ler os ingredientes. Nada muito animador. Nada de fruta de verdade.

– A tia Bea é muito legal – continuo. – Me recebeu mesmo sem saber o que fazer comigo. É mais velha que meu pai e não tem filhos. Aí, uma sobrinha aparece pra ficar lá. Para se esconder. Depois de ter feito uma coisa terrível. Mas ela nem se incomodou. Falou que foi um acidente. Que em cidadezinhas

como a nossa... as pessoas precisam de um tempo.

– E foi um acidente?

Minha cabeça pende na direção do Noah. Fico encarando-o por um tempo, tentando desacelerar minha mente, que não para de rodar.

– E foi um acidente? – sussurro.

Seu rosto não esboça nenhuma expressão. Tento me lembrar do Noah na festa da Jen. Quando ele apareceu, com quem foi. Mas nada me vem à cabeça.

Parece que ele lê meus pensamentos. Enquanto tento repassar as lembranças daquela noite, diz:

– Fui embora antes. Tinha que levar alguém para casa. Por isso não ouvi o que os outros falaram. Só fiquei sabendo depois.

O que os outros falaram. O instante em que ficaram sabendo que uma picape tinha destruído o carro do Steven McInnis. O instante em que ouviram barulho de sirene vindo a toda velocidade pela estrada. Mesmo naquela hora as pessoas questionaram se tinha sido mesmo um acidente. É o que as palavras do Noah sugerem. Aperto a lata até amassar.

– As únicas pessoas que sabem se foi ou não foi um acidente estavam dentro do carro. De qualquer modo, o T.J. tem razão. Eu matei uma pessoa.

Quando falo isso, quero que o Noah perceba o quanto estou sendo sincera. O quanto a culpa me consome. Tanta culpa. *Matei* uma pessoa.

– Um acidente – repete ele.

De uma hora para outra, meus olhos começam a pinicar, minha cabeça começa a doer. Fico observando o Noah passar o dedo no ponto onde duas tábuas se juntam. Em outro campo, um motor ronca, ganhando vida. Uma brisa entra e sai do barco.

Noah levanta a cabeça e olha para mim. A expressão de seu rosto é suave, compreensiva. Diferente da expressão séria da minha tia, do desconforto hesitante do meu pai, da confiança inabalável da minha mãe. É uma expressão gentil, de compaixão, exatamente o que preciso.

Tento não engasgar quando pergunto:

– Você acha que, algum dia, as pessoas vão me perdoar? – Noah fica em silêncio por muito tempo, e eu solto um suspiro. – O povo daqui é tão

teimoso.

– Eu não sou – fala.

Levanto os olhos e encontro seu olhar, mesmo querendo esconder as lágrimas que estão se acumulando. Porque quero uma prova do sentimento que acho que ouvi em sua voz. E a prova está ali, no jeito do seu maxilar se mexer, no jeito como olha firme para mim: com esperança. Uma força que empurra meus pés para a frente quando estou tão cansada de nadar contra a corrente de pessoas que me odeiam, que não entendem. Minha esperança, combinada com a do Noah, me faz sentir que posso aguentar a cidade inteira e tudo o que fiz de errado.

De repente, ele estica o braço e aperta o dedão contra a minha mão. Quando pisca para mim, com o sol morrendo no horizonte, seus cílios pretos projetam pequenas sombras no alto de suas bochechas.

Sinto a pressão do seu dedo na minha mão muito tempo depois que o sol se pôs no estado do Missouri. Antes de pegar no sono, é o seu rosto que me vem à cabeça e me faz sentir que amanhã pode ser diferente. Melhor. Mas, na manhã seguinte, tudo o que me resta é a convicção de que ele estava enganado.

Arrasto os pés pelos corredores do colégio, passando pelos olhares furtivos e os sussurros que atravessam minha pele. Toda vez que respondo a uma pergunta durante a aula, Selena me olha com cara de nojo. E o que é pior: Jen me ignora, como se eu não tivesse dito nada.

Às vezes, algum escândalo menor no colégio ou alguma piada desvia a atenção de mim. Mas depois ela sempre volta. Os xingamentos voltam, as caretas, os murmúrios que me rodeiam quando fico na entrada da cantina na hora do almoço, procurando desesperadamente uma mesa vazia, o cheiro de salada de ovo subindo da minha mochila e fazendo meu estômago roncar até eu correr para o banheiro e cuspir na pia.

Hoje, o Esquadrão dos Guerreiros, o comitê encarregado da Semana de Orgulho do Colégio, que coincide com o Homecoming, está entregando brindes para os jogadores de futebol americano. Eve Karlova traz três no meu primeiro período de aula. Um para o T.J. e um para o Pete Sloan. Então para,

aperta os lábios e olha para mim. Lembro a última vez que a vi, na festa da Jen. Jay e Hailey tinham terminado; Eve não perdeu tempo e se jogou em cima dele. Sua risada sedutora e estridente fere meus ouvidos agora, enquanto ela atravessa a sala, fazendo careta, jogando o último pacote em cima da minha mesa. Fico gelada, sem saber o que fazer com aquilo, e sinto os olhos dos meus colegas queimando minhas costas. Penso em pôr no parapeito da janela, mas minha mão parece feita de pedra quando tento pegá-lo. Há uma etiqueta – pesada demais para que eu consiga levantar – com um nome escrito.

Steven McInnis.

No fim, deixo o pacote em cima da minha mesa o período inteiro, com os músculos da barriga tensos. Seguro a respiração por um ou dois minutos, depois solto. Faço isso até minha visão ficar borrada, e eu começar a ver estrelas.

Quando o sinal toca, espero todo mundo sair da sala e fujo, aliviada, daquela lembrança de um menino morto. Estou usando grandes brincos de argola, já que é o dia dos anos 1980, o primeiro evento da Semana de Orgulho do Colégio. As argolas balançam freneticamente porque alguma coisa me atinge por trás no corredor, me fazendo trombar no armário. Sufoco um grito e me viro. É o T.J.

Está de costas para mim. Costas altas e musculosas, que terminam abruptamente em seus ombros. Lembro de querer passar as mãos nesses ombros, no passado.

T.J. se vira para mim devagar, com as sobrancelhas levantadas. Fingindo não saber que eu estava ali. Segurando a bola de futebol que tinha acabado de pegar.

– *Ooops.* Acho que joguei um pouco longe demais. – Ele bate no meu ombro com tanta força que derruba minha mochila no chão. Quase *me* derruba no chão. – *Ooops* de novo. Escorreguei. – Fica me olhando por um segundo, com os lábios grossos repuxados num sorriso sério.

Me abaixo para pegar os papéis espalhados pelo chão. Meu cabelo cobre meu rosto, descendo pelos meus ombros trêmulos. Quando olho para cima, o T.J. já está no fim do corredor.

Jay Brewster está lá, esperando por ele. Me observando. Por quanto tempo ficou ali, me observando? Não consigo evitar e olho para o seu braço, o que quebrou na batida de carro.

Já melhorou. Ainda faz excelentes arremessos. *Ele* está bem. Não morreu. Eu não morri. A batida foi apenas um mal necessário para eu conseguir fugir... e, meses depois, se transformou numa abertura do tamanho exato para eu poder rastejar de volta para casa. Quando olho para o rosto do Jay, seu queixo está levemente inclinado, acompanhando uma careta.

Ele devia enxergar, entender, o pacto que fizemos: eu fico em silêncio, e ele devolve minha vida. *Era assim que as coisas deveriam funcionar.*

Mas parece que o Jay não consegue enxergar. Ou não quer.

Minha mão fica pairando em cima do meu dever de casa. Minha respiração está acelerada. Sinto que tenho um segundo, um instante, para tomar a atitude certa. Falar algo que mostre para todo mundo o quanto estou arrependida, fazer algum movimento que expresse meus sentimentos... mas não consigo pensar em nada.

Mas aí minha cabeça é tomada por um mar vermelho, raiva, medo. Lembro as últimas palavras que o Jay me disse. Lembro de querer fazer mal a ele... mais do que fiz. Querer machucá-lo tanto quanto machuquei Steven.

T.J. joga a bola para o Jay, e o olhar implacável que o irmão da Jen me lança é um aviso. Ele se vira e, quando consigo recuperar o fôlego, o instante já passou.

Noah me encontra no hall dos fundos do ginásio. O que ninguém usa, a não ser para matar aula. Passo meio segundo pensando em como o tenho visto mais ultimamente do que em todos os anos do Ensino Médio, e depois digo:

– Resolvi ir no café da manhã das panquecas.

Ele faz um *cléc* com a língua e senta no chão junto comigo.

– Por quê?

– Para falar com o Jay.

– Isso me parece uma coisa nefasta.

– Oh, excelente palavra. – Noah me ignora e fica procurando alguma coisa dentro da mochila. – É que eu sinto que... quer dizer, vou precisar de muita coragem para falar com ele, sabe? Pedir desculpas. Pelo acidente... pelo

Steven. Mas se eu fizer isso numa ocasião em que posso demonstrar meu apoio talvez seja melhor do que se eu for na casa dele ou algo assim.

Noah me mostra um chocolate e assovia.

– Você está preparada para encarar o Jay e mais *todo mundo*? Não sei dizer se você é corajosa ou imbecil.

O café da manhã das panquecas é um evento anual, que sempre acontece no fim da Semana do Orgulho, e a cidade inteira comparece. A organização do Homecoming entra com a comida, para arrecadar fundos para o programa de bolsas de estudo da cidade. Jen e Jay fazem parte da organização. Era para eu participar também.

– Provavelmente os dois. Mas qual será a pior coisa que ele pode fazer? Se recusar a falar comigo?

– É, essa deve ser a pior coisa mesmo.

– Pelo menos a Erica Brewster não pode me tratar mal em público.

– Se ela fizer isso, vou me lembrar daquela vez que ela entrou com carro e tudo no Mackleby's.

– Você sabia disso?

Ele me olha e responde:

– Todo mundo sabe.

Mordo os lábios e viro o rosto. Uma camada grossa de sujeira cobre a parte da parede que se junta com o chão de linóleo. Uma garrafa d'água vazia e amassada está jogada lá, ao alcance da minha mão. Noah me oferece o chocolate, já aberto. Pego um pedaço e deixo o doce derreter nos meus dedos.

– Sua amiga Selenia foi à igreja no domingo.

– Ela não frequenta a igreja. Quer dizer, frequenta, mas não acredita naquilo. Não se confessa nem nada.

– Ela tem se confessado. Já faz uns meses – conta.

– Por quê? – me pergunto em voz alta.

– Não sei. Eu vejo a Selenia lá, mas não falo com ela.

– Você não fala muito com ninguém.

– Falo com você.

– Por quê?

– Porque ninguém mais fala.

Fecho os olhos com força. Depois abro e dou uma mordida no chocolate.

– Você gosta de ir à igreja?

– Gosto.

– Você acredita em tudo que dizem?

Se Noah percebeu o tremor na minha voz, não falou nada.

– Tem uma diferença entre ir para igreja porque é um lugar em que você se sente bem e ir porque você acredita. – Ele encolhe os ombros e mordisca o chocolate.

Fico disfarçando, passando a unha no meu braço, coçando uma coceira imaginária.

– Você não acredita em nada?

– Acredito o suficiente.

Espero Noah desenvolver o assunto, mas ele não vai em frente. Fica se mexendo, meio sem jeito, e sei que está na hora de mudar de assunto. Não tenho direito de ficar cobrando uma explicação. Nós dois mantemos segredos um do outro. Em outra vida, isso teria me incomodado, mas agora não posso reclamar.

– E como é que a família do Steven McInnis está depois de tudo o que aconteceu? – pergunto.

– Não sei. Como você acha?

– Não sei. – Pisco. Enrugo a sobrancelha. Como é que eu me sentiria se matassem o Caleb? – Devem estar péssimos.

Steven estava sentado atrás do Jay, no pior lugar possível, quando joguei o carro na vala. Quando vi, tarde demais, que a picape estava no alto do morro, tentei me afastar dela rodopiando o carro. Aquela picape destruiu o lado do passageiro, e o impacto foi maior no banco de trás. Steven estava sem cinto de segurança. As portas do meu lado abriram na colisão, Steven e eu voamos para fora do carro. Trezentos metros, um quilômetro e meio de distância. Não importa. O jornal disse que ele morreu na hora. Foi um cadáver que voou do carro.

Noah deve ter percebido a culpa empurrando meus ombros para baixo, porque ele estende a mão para mim, mas a solta antes que seus dedos encostem nos meus.

– Foi um acidente, Kayla.

– Como é que você sabe?

– Era uma noite escura, tinha óleo na estrada, não sei, os faróis da picape deviam estar muito altos. Te cegaram. O que mais pode ter acontecido?

A pintura do teto está descascando. Grandes pedaços de tinta pendem dele. Conto cada um até passar a tentação de confessar tudo para o Noah. Seria tão bom falar a verdade. Mas revelar o que sei poria à prova essa... sei lá o que somos nesse momento. Amigos? Pessoas que conversam? Não sei qual seria a sua reação à minha confissão. Só sei que, provavelmente, seria ruim. Meu tornozelo, de uma hora para outra, dá um repuxão de dor. Trago a perna para perto da barriga e estico de novo. Posso dar conta da dor. Posso dar conta de tudo.

– Não ligo para o que os outros dizem ou pensam. Se te perdoam ou não. Você já parou pra pensar que não precisa disso? De perdão? De ninguém? Que um acidente é só um acidente? Uma coisa horrível que aconteceu. Não é culpa de ninguém – sussurra Noah, com um tom de gentileza e preocupação inexplicável, e quero me enroscar no conforto que isso me traz.

– A culpa é minha, se os outros dizem que é.

Fico de pé e vou até os janelões retangulares que percorrem as paredes, com suas esquadrias de metal velhas e gastas. O colégio fica em cima de um morro, de onde posso olhar para toda a cidade, todo o estado, um céu que vai de cidade a vilarejo, da civilização à floresta, da poeira ao oceano.

– Queria poder voltar para casa.

Ele fica me olhando em silêncio por um momento, seus olhos examinando meu rosto.

– Você está em casa.

Me viro. Ponho a palma da mão nas esquadrias da janela. Encontro o olhar dele e o encaro.

– Posso te pedir um favor, Noah?

– Depende.

– Você me levaria até a casa da família McInnis?

– Agora?

Aceno. Ele se levanta e enfia as mãos nos bolsos, me observando por um

tempo. Abre e fecha a boca duas vezes. Aí tira as chaves do bolso e faz sinal para eu ir atrás dele.

Atravessamos a Third Street e seguimos em frente. Ao longe, o rio serpenteia até os limites da cidade, numa área que ficou conhecida como “fundão”. É para lá que vamos. As casas dão para parques industriais onde se armazenam grãos e imensos *freezers* guardam carne de porco congelada, despachada nos vagões do trem, com exceção de alguns períodos do ano, duas vezes por dia, durante a época da colheita. Casas que parecem ter sido sacudidas demais por esses trens. A tinta das varandas está descascada, os tetos são tortos, com telhas faltando. Estão todas inclinadas na mesma direção, como se o vento tivesse empurrado suas paredes muitas vezes e estivessem cansadas de lutar para ficar de pé.

Sei que Steven McInnis morava por aqui, mas não sei em que casa.

– Você não precisa fazer isso – diz o Noah, entrando numa ruazinha de cascalho, desviando dos buracos.

– Preciso.

– Você não precisa fazer isso *agora* – ele corrige.

– Não sei qual é a casa dele – digo, piscando para fugir do olhar do Noah, lendo os números nas caixas de correio. Na esperança de encontrar uma pista. Ou, quem sabe, na esperança de jamais descobrir e poder ir embora com a consciência mais limpa porque, pelo menos, eu tentei.

Noah para a picafe e faz sinal com a cabeça para uma casa do outro lado da rua. Não pergunto como ele sabe porque minha língua parou de funcionar. Não consigo formular um pensamento sequer, lembrar os motivos que me fizeram pensar que seria bom ir até ali, convencer minha garganta a relaxar só o suficiente para eu poder engolir. Coloco minha mão trêmula na maçaneta da porta do carro, mas não consigo me convencer a abri-la.

Um calor cobre minha outra mão.

– Não existe isso de um tempo certo ou errado – diz o Noah.

Viro para ele, seu rosto está mais perto do que eu pensava. Ele pode ver como meu peito sobe e desce, num ritmo irregular. Como meus olhos brilham.

– Você vai estar preparada quando estiver.

– Mas... – Minha voz falha. Limpo a garganta e tento de novo. – E se eles... a família dele... *a família do Steven...* estiver precisando disso agora? Estou sendo egoísta e covarde de não falar com eles.

– E se... – diz o Noah, trazendo minha mão mais para perto de si, puxando todo o meu corpo para longe da porta. – ...você estiver sendo egoísta de querer falar com eles? E se quiser fazer isso porque você está precisando, não eles?

Meu peito fica gelado.

– É o que você pensa?

– É só uma hipótese a ser levada em consideração.

Fico procurando no seu rosto algum sinal que me faça desistir. Julgamento. Reprovação. Superioridade. Mas não consigo encontrar. Sua boca é suave. Seus olhos, ternos. Parece que se preocupa com o quanto isso me afeta mais do que tudo.

Então pergunto:

– O que você faria?

Ele solta a minha mão e dá um suspiro. Segura o volante de novo.

– Provavelmente, a mesma coisa que você.

Solto o cinto de segurança e abro a porta.

A cerca em volta da casa dos McInnis tem alguns pontos de ferrugem, mas o pequeno quintal está bem cuidado. A porta de tela range quando a abro para bater na porta de madeira. Me encolho toda. Consigo sentir os olhos do Noah em cima de mim. Quanto mais fico parada ali esperando alguém aparecer, mais meus ombros tremem.

Corre, Kayla.

Não corre.

Finalmente, ouço passos vindo do lado de dentro, e a porta se abre só alguns centímetros. A mulher de nariz comprido deve ser a mãe do Steven.

– Te vi no hospital – diz, antes de eu conseguir abrir a boca. – Disseram que você sobreviveria, e fiquei pensando como é que isso podia ser justo, já que era você que estava dirigindo.

Minhas mãos querem se enrolar em volta do meu corpo para me proteger, mas as obrigo a ficarem paradas.

– Sinto muito – digo. – Não queria que isso tivesse acontecido. – É verdade, mesmo naquela névoa de pânico, nunca quis que ninguém morresse. Não de verdade.

Não de verdade.

– Bom, aconteceu – diz ela e fecha a porta na minha cara.

Fico lá, parada na varanda, por um bom tempo, pensando.

E, quando volto para a picafe do Noah, ainda não sei por quem fiz isso.

PRIMAVERA

Passei os dedos pela blusa roxa de lantejoulas, vi o preço na etiqueta, bufei e dei as costas. Então virei e puxei o cabide da arara por impulso, abraçando a frente-única.

– O que você acha? – perguntei para a Jen, que estava olhando os vestidos longos de verão a poucos metros de distância. – Não vou poder gastar nada nas próximas duas semanas, mas...

– Mas é incrível e faz seu cabelo brilhar, e vai total valer a pena porque é a festa mais importante do ano?

– Mais ou menos exatamente isso, é.

– Compre. Ah, você sabe que vai ficar lindo com aquele short de bainha dobrada que você usou lá na Flórida.

Afastei a blusa e a examinei com um olhar crítico, imaginando como ficaria com o short de barra de cetim.

– É, posso economizar um pouco. E usar meus saltos pretos com tirinha no tornozelo.

– Umas argolas douradas bem grandes...

– Perfeito. – Coloquei a blusa em cima do braço e fui ajudar Jen a escolher o vestido. Tirei uns dois da arara, mas ela sacudiu a cabeça. – Para de bancar a difícil – falei.

– Urgh. Não sei o que eu quero. Só o que eu não quero – falou, segurando um vestido de malha com uma estampa floral meio havaiana e exagerada.

Balancei a cabeça.

– Ele me engole, né?

– Sabe qual é o seu problema? Você está tentando esconder suas pernas.

– Não quero parecer que estou me exibindo. Tipo a Selena, às vezes.

– Ai, que maldade – falei, dando risada. – Mas já que estamos nos comparando com nossas melhores amigas que não merecem nossa crueldade, esses vestidos longos são a cara da Bean, não a sua.

– Tá. Ok. Mudança de planos. A Jen é mais legal e vai usar... esse vestido curto justo e prateado? – O vestido que ela estava segurando era pouco mais que um pedaço de pano, de um ombro só, com um detalhe de penas metálicas.

– Parece promissor. Experimenta.

Fomos até os provadores, me joguei numa cadeira roxa de couro falso e fiquei folheando uma revista de moda velha enquanto a Jen experimentava o vestido.

– E por falar em penas... – sua voz sem rosto subia por cima da porta. Fiquei esperando que continuasse a falar, mas ela soltou um palavrão, e pensei que tinha prendido o brinco na blusa ou algo assim. Encontrei um teste na revista. Que vilão da Disney eu era? Peguei uma caneta na bolsa e comecei a circular minhas respostas. Jen completou: – ...o Jay espalhou um monte pela casa depois de limpar o seu galinheiro, ontem à noite. Minha mãe ficou puta.

– Ela ficou puta por causa das penas ou porque ele limpou o galinheiro?

– Por causa das duas coisas, provavelmente. O precioso Jayzinho dela não nasceu para fazer trabalho braçal.

– Pode dizer pra ela que o Jay não fez coisa nenhuma. Levou oito caras do time. Só ficou batendo o pé no chão e dando ordens, parecia um sargento. Eles terminaram de limpar em uns quinze minutos.

Seu alter ego é: a) Uma fada madrinha – sua alma é velha; b) Um dragão – você é feroz!; c) Uma deusa – você domina! Mesmo que seja apenas o submundo, ou d) Uma rica excêntrica – o glamur foi feito para você.

Bato a caneta na página algumas vezes e pergunto:

– Ei. Sou um dragão ou uma deusa?

– Quê?

– Deixa pra lá. – Circulo o “b”, depois somo meus pontos e verifico a resposta. – Sou a Malévola – digo.

Jen abre a porta do provador e sai, com cara de quem teria respondido “d”, com um vestido justo, brilhante, e o cabelo cacheado caindo pelas costas.

Balancei a cabeça em sinal de aprovação e disse:

– Adorei.

– Eu também. – Jen olhou para baixo, viu o nome do teste e falou: – Não, definitivamente você não domina o submundo. Além do mais, eu amo a Malévola. É minha vilã preferida. Cheia de ambiguidade moral. Quer dizer, as amigas não a convidaram para festa. Isso é simplesmente errado. Eu também teria ficado puta.

– Ninguém ousaria deixar de te convidar para uma festa. Mas você acha que sou moralmente ambígua?

Jen inclinou a cabeça para o lado e me olhou pelo espelho grande na sua frente.

– Não, você é o oposto disso. É íntegra. Meu Deus, essa palavra foi feita pra você. Mas tudo tem uma primeira vez, né?

Dei risada e tirei a Jen de cima de mim. Levantei e fui pagar minha blusa nova.

OUTONO

Passo a sexta-feira na cozinha com a minha mãe, amassando pão antes de fazer o dever de casa. Trabalhar do lado dela sempre me traz uma certa paz. Algo na sua firmeza me acalma, como um nascer do sol suave na primavera, sobre o campo: sei que a luz vai aparecer e sei que vai esquentar meus ossos, como todas as manhãs da minha vida.

Enquanto dobro e sovo a massa para seus pãezinhos de papoula, não consigo parar de pensar no que o Noah disse – sobre eu estar fazendo uma coisa egoísta. Que cada um tem seu próprio tempo para curar as feridas. Por um lado, entendo isso. Mas tenho outro lado, maior – muito maior – que quer desesperadamente que me deixem ser feliz. Quanto tempo mais preciso esperar para ter minha vida de volta?

Tiro a massa que ficou grudada na minha mão e começo a lavar a louça, esfregando loucamente a gema de ovo colada em um prato para me livrar do aperto da ansiedade. O café da manhã das panquecas é amanhã. O que será que o Greg Hudson da imobiliária da Third Street pensou quando minha mãe foi lá comprar três ingressos, na segunda-feira à tarde?

Minha mãe limpa a garganta para chamar minha atenção para a loucura que estou fazendo com a louça, pergunta como foi meu dia e aí lembra que comprou uma calça jeans nova para mim. Fica em silêncio e dá uma olhada nos buracos nos joelhos da calça que estou usando.

– Mas essa aqui é tão confortável – falo, meio envergonhada, enxaguando o prato e colocando-o no escorredor. Seco as mãos e as enfio no bolso. O ingresso está ali, dobrado e amassado nas pontas. Estou carregando comigo desde segunda-feira. – Mãe, você está decepcionada?

– Com o mundo? Hoje em dia é tudo uma bagunça.

Olho para ela e digo:

– Comigo.

Minha mãe pega o pano de prato que está no balcão e começa a secar a

louça.

– Depois que os exames vieram, e fiquei sabendo que você não foi irresponsável, não.

Esses exames já tinham chegado quando acordei no hospital. Exames de sangue autorizados por uma mãe que tinha absoluta certeza de que a filha não tinha feito nada de errado. Lágrimas surgiram no canto dos meus olhos e me pegaram de surpresa, me obrigando a baixar a cabeça.

– Não, não fui.

Mas então sou responsável pelo *quê*, na verdade? Por ter visto o que vi? Ter permitido que me colocassem à força dentro do carro? Por ter resolvido fazer os meninos pararem a qualquer custo? *Qualquer* custo?

Queria que o custo não tivesse sido tão alto. Queria jamais ter precisado pagar esse preço.

Minha mãe balança a cabeça e empilha os copos dentro do armário.

– Foi um acidente. Um acidente terrível, que mudou a vida das pessoas, que vai levar muito tempo para você superar. Mas, ainda assim, um acidente.

Às vezes fico pensando para quem é mais difícil mentir. Para a Jen. Para minha mãe. Para mim mesma.

– E o pai?

– Que tem seu pai?

– Ele está, tipo... – Sacudo a mão no ar. Os galos vermelhos e desbotados do papel de parede me observam com ar de reprovação. Nunca tinha notado como essas aves parecem putas da vida. – ...esquisito. A gente não conversa mais como antes. É estranho. Parecia que ele estava louco para me tirar daqui depois do acidente. Entendo por que ficou com vergonha de mim. Por que as pessoas o tratam mal por ser pai da menina que... – Engulo em seco.

Minha mãe se vira e olha para mim.

– Você não acha que está sendo um pouco dramática? Ele está do seu lado, e de mais ninguém. Nós dois estamos. Kayla, estamos muito felizes por você estar em casa. Você não consegue perceber?

– Acho que sim... É que ele quis tanto que eu fosse pra casa da tia Bea. Parecia que estava louco pra se livrar...

– Para te proteger – diz ela, baixinho. – Você acha que a gente não sabe o

que os outros andam dizendo? Que a gente não adivinharia como iam te tratar?

Pego a manteiga na geladeira para minha mãe não ver que suas palavras fizeram meu queixo tremer. Por algum motivo, encarar todo mundo desta cidadezinha é mais fácil do que aceitar que meus pais me mandaram para longe para o meu próprio bem, e não porque estavam com vergonha de mim. Acho que não mereço suas boas intenções.

Quando me viro, minha mãe me dá um sorriso encorajador e pergunta:

– Ok?

Meio que balanço a cabeça. Começo a fazer a massa da torta de limão que vou levar para vender amanhã, no café da manhã das panquecas. Minha mãe rola os limões pelo balcão da cozinha, dando risada quando um deles pula e vai parar no meu pé. Um sorrisinho consegue atravessar minha melancolia e, por um instante, me sinto outra pessoa. Um pouco mais parecida com a Kayla que eu era. Não sei onde nem como minha mãe aprendeu a dizer a coisa certa na hora certa, mas estaria perdida se ela não acreditasse em mim.

Ponho uma calça jeans, uma camiseta de renda de manga curta e sapatilhas pretas de couro, faço um coque meio bagunçado no cabelo e me olho no espelho. Meus olhos estão muito arregalados; minhas bochechas, muito rosas.

– Você está bonita – diz minha mãe, parada na soleira da porta. Seu cabelo está preso com fivelas, os cachos emoldurando as orelhas. Está de calça social e uma blusa abotoada com estampa de legumes dançarinos. Acho que nunca deixou de adorar os jalecos de enfermeira com personagens infantis. – Seu pai já está no carro. Peguei a torta. Você está pronta?

– Estou.

Alcanço o ingresso na cômoda e fecho a mão sobre ele.

Já tem fila do lado de fora do Mackleby's. Meu pai encontra um lugar para estacionar a umas duas quadras de distância e vamos até lá caminhando em silêncio. Ele acelera o passo na nossa frente e, quando vê Mike Larson, nos abandona para falar das condições climáticas. Minha mãe e eu entramos no final da fila.

Não conheço as pessoas na nossa frente, e isso é uma pequena bênção.

– Está esquentando – diz a minha mãe, como se eu também quisesse

conversar sobre as condições climáticas.

Adoro o fato de essa cidade ser tão pequena que, às vezes, não sobra assunto.

Mas, quando entramos no restaurante, lembro o quanto as pessoas das cidades pequenas falam umas das outras. A conversa fica mais baixa. O tilintar dos garfos para. Selenia e umas outras meninas que eu costumava chamar de amigas estão sentadas no fundo do salão. Ela levanta o copo de suco de laranja – como se fosse mais fácil olhar para mim por cima dele do que diretamente.

Bean não veio. Seus pais estão aqui. Seu irmão está aqui. As meninas que sempre estão com ela estão aqui. Se vamos fingir que nada aconteceu, cadê ela?

Minha mãe me cutuca com o prato que já está segurando há um minuto. Sabe que preciso de alguma coisa para segurar, alguma coisa para equilibrar o peso da torta. Uma tarefa para tirar meu foco das pessoas que estão me observando.

Ela é tão inteligente.

Mudo a torta de limão para a mão esquerda e seguro o prato com a direita. Na mesa do bufê, ovos mexidos e bacon em *réchauds*. Atrás, estão os empregados do Mackleby's e a organização do Homecoming.

Me obrigo a olhar nos olhos de Jen Brewster.

– Trouxe uma torta – digo.

Ela estica o braço por cima da mesa de tortas, e me preparo para os nossos dedos se tocarem. Anseio por algum tipo de conexão. Um leve roçar da nossa pele, uma arranhada sem querer da sua unha na palma da minha mão. A última vez que Jen me tocou foi para me derrubar. Mas ela pega com cuidado o prato de torta pelas beiradas, evitando encostar em mim.

– Obrigada. – Seu cabelo loiro e cacheado cai nos ombros, e a gola de renda do seu vestido a deixa com um ar meigo. Mas suas palavras são duras e afiadas.

O prato quase cai da minha mão, e fico procurando uma nota de um dólar no bolso. Atiro o dinheiro em cima da mesa.

– Vou levar um *brownie* desses.

Ela revira os olhos e faz sinal com a mão, mostrando que eu mesma preciso me servir.

– Valeu.

Mordo os lábios por dentro para meu maxilar parar de tremer. Essa pessoa que conheço tão bem e amei minha vida inteira está na minha frente, me tratando como se eu fosse uma estranha.

Alguém faz um som impaciente atrás de mim. Um espaço se abriu entre mim e a minha mãe, e estou segurando a fila. Fujo do bacon e dos ovos e paro na frente da chapa.

Quatro ou cinco caras do time de futebol americano estão ali, despejando massa na superfície quente, virando panquecas, rindo de alguma piada. No canto, uma foto emoldurada de Steven McInnis reina sobre o café da manhã, seu rosto redondo fazendo uma careta perpétua. Viro de lado para ele.

Os meninos ficam em silêncio quando estendo meu prato.

Jeremy North se inclina sobre uma pilha de panquecas, apertando os lábios. Por um segundo, achei que ia cuspir no meu prato.

Mas um braço forte o segura.

– Relaxa – alerta Jay.

Seus olhos azul-claro contrastam com suas maçãs do rosto bem definidas. O cabelo loiro está puxado para trás. Ele parece... cauteloso. Atrás dele, T.J. cruza os braços sobre o peito.

Limpo a garganta o mais baixinho possível. Mesmo assim, foi alto demais.

– Oi, Jay.

É estranho dizer seu nome, os sons se enrolam na minha língua. Nenhum dos dois sabe direito o que o outro sabe, a não ser o que é mais importante: que ninguém vai abrir a boca. Em algum ponto da luz que irradia das nossas pupilas, a gente se comunica.

Fica de boca fechada, Kayla.

E não fiquei, Jay?

O restaurante está em silêncio. Todos estamos esperando. Alguma coisa. O *tic* do ponteiro de um relógio de parede. O apito de final de jogo. Uma tossida, um copo de suco de laranja quebrar.

Um acerto de contas.

– Seja bem-vinda de volta, Kayla – ele diz, por fim. Então dá um sorriso bem aberto, mostrando os dentes brancos. – Você está incrível. Kansas City te fez bem.

Derrubo o prato, que cai no chão com tudo, mas não quebra, e fica balançando até parar. Murmuro um palavrão e me abaixo para pegá-lo. Quando levanto, Jay ainda está lá, sorrindo, e sinto que, apesar de não ter motivo, tudo vai ficar bem.

E por que não ficaria? Já faz semanas que voltei e ainda não falei nada. É tempo suficiente, pelo jeito, para ele ter certeza de que nunca vou falar.

Sorrio devagar e digo:

– Acho que voltar para casa me fez bem.

É a primeira coisa que me vem à cabeça. Algo que a antiga Kayla diria. Uma saída simpática. Que soa ao mesmo tempo natural e completamente despropositada. Como eu, nesta cidade.

T.J. balança a cabeça por cima do Jay.

– E aí, Kayla?

Meu cérebro tenta pensar em todas as respostas possíveis.

Jay deve perceber: a confusão, a esperança. Como suas palavras quase me derrubaram do mesmo jeito que o T.J. me derrubou no corredor, aquele dia.

Ele dá uma risadinha.

– Faz tempo que a gente não se fala, né? Desde logo depois do acidente. – Ele sacode a cabeça, olha para baixo, vira umas panquecas na chapa. – Que... época louca foi aquela.

– É... – Engulo em seco. – Eu... – “Sinto muito” parece uma coisa tão inadequada para dizer por uma vida perdida, mesmo para um garoto que merecia algum tipo de retaliação. Mas não o tipo que recebeu.

Agora eu sei. Mas, naquela noite... Naquela noite morrer significava outra coisa. Até pensei, na loucura daquele ataque de pânico, que o Jay e o Steven iam *me* matar para garantir que eu ficasse de boca calada.

– Que tragédia – Jay diz por mim. – Da nossa idade. Jovem demais.

– Eu sinto muito – consigo dizer, finalmente, em voz baixa.

– Eu sei. A família dele sabe. Foi um acidente. – Aí se vira de leve e fala: – Jeremy, pega alguma coisa para Kayla beber.

Fico observando o Jeremy pegar um copo limpo de uma pilha, levantar a torneirinha do suco e passar para mim. Todos observamos. Jay, T.J., eu e os outros meninos do time. Do colégio. E todos que estão no restaurante. Todos que faziam parte da minha vida.

– Valeu – digo para o Jeremy.

Olho de novo para o Jay. Ele falou que foi um acidente. Está sorrindo para mim. Tirando panquecas da chapa e pondo no meu prato com o braço direito que levou nosso time a vencer o campeonato, no ano passado.

– Jay...

Ele sacode a cabeça.

– Isso aconteceu há muito tempo. A gente precisa superar. Não dá pra deixar de viver, sabe? As pessoas têm sido incríveis. Olha em volta.

Não olho em volta, mas sei que o restaurante está tão cheio que tem gente sentada no chão com o prato no colo. É o maior público que o café da manhã de panquecas beneficente atraiu na minha vida.

Jay aponta para a multidão com a espátula.

– Eu não estaria retribuindo a gentileza deles se continuasse bravo com você, não é mesmo? E o meu pai já falou umas cem vezes: perdão. Então, Kayla, eu te perdoo. Quer dizer, você já disse que não consegue nem lembrar o que aconteceu naquela noite. Você nunca vai lembrar. E isso é muito pior do que o que eu tenho que encarar. Ter um buraco desses na sua memória.

Dirijo os olhos para a Jen. Ela está esperando, fazendo cara de nada para mim.

– Não sei nem o que dizer – falo.

– Diz que essas são as melhores panquecas que você já comeu e... – ele encolhe os ombros e continua: – ...estamos quites.

Olho para trás, para a fila. A família Thompson, atrás de mim, espera pacientemente, sorrindo. O restaurante inteiro espera, como se estivessem esperando a vida inteira para ouvir Jay Brewster conceder seu perdão a Kayla Martin.

– Elas parecem deliciosas.

Sinto coragem até de dar uma risadinha.

Quando passo pela mesa das tortas, Jen cruza o olhar com o meu.

– Ei, Kayla. – Ela fica em silêncio, olha em volta, lendo um roteiro invisível de sorrisos, gestos e tensão crescente no ar. – Já vendemos a sua torta.

Olho para mesa e é verdade: a torta de limão se foi.
A brisa é como um batismo.

– Tem feito tanto calor – reclama Jen, se aproximando de mim, montada em Faísca, um dos novos cavalos do centro de terapia da sua família. Ela tira o moletom de capuz e joga no chão.

Bem quando a gente pensava que o outono já tinha enfiado completamente suas garras no tempo, o verão voltou para uma última semana desesperada.

– Para de reclamar. Logo vai estar gelado de novo. Urgh. Não quero.

Protejo meus olhos com a mão e olho para minha melhor amiga.

Minha melhor amiga.

Repeti essa expressão na minha cabeça um milhão de vezes desde o café da manhã das panquecas. Desde instantes antes de o sinal tocar no colégio, na segunda-feira seguinte, quando Jen veio falar comigo, me deu um abraço na frente de todo mundo e disse:

– Estou tão feliz que você voltou.

Repeti isso em voz alta também. Porque mal posso acreditar que é verdade.
Minha melhor amiga.

– Você não sabe o quanto me arrependo – falei para ela naquele dia, ainda envolta no seu abraço.

– Acho que sei. Foi difícil ficar sem você. Mas agora está aqui, tudo vai voltar ao normal. Vou guardar um lugar para você na aula do Schroeder – prometeu, antes de a gente se separar.

E guardou mesmo. E Selenia também. Nas aulas que temos juntas, na mesa do almoço, minhas antigas amigas ao meu lado de novo. No carro, quando ela me dá carona até em casa. Eu poderia fingir que o tempo não passou para nós.

Finjo mesmo.

E isso me deixa feliz como há muito tempo eu não ficava.

Hoje de manhã, uma semana depois do café da manhã, Jen me fez montar na minha égua de novo.

– Sei que você acha que nunca mais vai andar a cavalo tão bem quanto antes, mas o seu lugar ainda é aí em cima.

Cumprimentei Estrela de Caramelo com o coração pesado, mas seus olhos pretos e profundos pareciam enxergar minha alma e entender que, apesar da nossa antiga vida de campeonatos e troféus ter acabado, eu ainda precisava dela para me sentir livre, para me sentir em casa. Galopamos pelos campos da casa da Jen, e meu coração também galopa, porque sinto que minha vida finalmente está voltando ao normal.

Agora, Jen e eu trabalhamos juntas para domar a égua nova enquanto esperamos Selenia ligar para irmos ao shopping comprar vestidos para o baile do Homecoming, que é no próximo fim de semana.

Faço a doce égua andar em volta da baia enquanto Jen está montada na sela. Ela fica bonita lá em cima. Uma deusa equestre, mesmo de jeans esfarrapado e camiseta, sem seu casaco de competição e o elegante capacete preto.

Minha melhor amiga.

– Se continuar quente, a gente pode comprar vestidos tomara que caia – diz, soltando as rédeas na altura das coxas.

Dou risada e chuto a poeira do chão.

– Até parece que a gente não ia comprar de qualquer jeito.

Quando Jen sorri, uma covinha profunda se forma na sua bochecha direita. Seus olhos brilham. Seu cabelo resplandece. Talvez seja só o jeito como o sol ilumina sua cabeça por trás, mas também pode ser o jeito como a vejo agora. Como algo precioso que quase perdi para sempre.

Faço a égua sair da baia e me encosto na cerca de tábuas brancas enquanto Jen a guarda. Durante o dia, faz calor o suficiente para usar manga curta, mas esfria bastante quando a noite cai. Aperto meus braços. O mato que se espalha atrás dos estábulos está cheio de dentes-de-leão fora de época. Os esquilos pulam de árvore em árvore, se preparando para um longo inverno.

O ar tem um cheiro fresco. Leve. Sinto um calor na nuca. Um instante de felicidade quase perfeito.

Então, ouço uma porta bater. Jay está parado no deque de trás, apertando os olhos na nossa direção. Sua camisa é cinza, quase da cor da casa, com listas

cor de carvão nos lados e detalhes brancos. Jay tem sido... legal comigo desde o café da manhã das panquecas.

– Jen! – grita. – Telefone.

Jen aparece do meu lado, secando as mãos na calça.

– Deve ser a Selenia.

Depois de ir ao shopping, temos planos de dormir juntas na casa de alguém, como fazíamos antigamente. Antes de eu fugir, ficávamos enroscadas embaixo de uma pilha de cobertores. Agora, enquanto voltamos para a casa da Jen para falar com a Selenia, quero ouvir o seu lado da história. Como quatro viraram três.

– O que mudou entre a gente, Jen?

Ela solta o rabo de cavalo e passa os dedos no cabelo para desembaraçá-lo enquanto pensa.

– Entre mim e você? – pergunta, e fico com vontade de corrigi-la. Entre você, a Selenia e a Bean e eu, mas ela vai logo falando antes que eu possa dizer alguma coisa, como se seus sentimentos fossem um rio sem barreira. – A pior coisa que você fez foi ir embora, sabe? Quer dizer, o que aconteceu com o Steven foi horrível. Mas foi um acidente. Indo embora, você parece... culpada. Como se tivesse feito alguma coisa errada. De propósito. Parece que estava fugindo de algum segredo. Ou mesmo, tipo... parece que não confiava em mim. – Seu queixo treme e, quando vira para mim, vejo que seus olhos estão cheios de lágrimas, de mágoa. Traição. – É a primeira vez que digo isso. Tipo, me dei conta de que foi isso que realmente me magoou. Você não acreditar que eu ia ficar do seu lado. Depois de tudo o que a gente passou. Como é que você pôde pensar que eu ia dar as costas pra você desse jeito?

Pisco muito rápido.

– Só achei que você ia ficar brava. O Jay é seu irmão. E a sua mãe...

– Eu *não* sou minha mãe.

Ela morde o lábio e olha para as janelas do fundo da casa.

Conheço a Jen e o emaranhado de escolhas que precisa fazer: que atitude adotar para agradar os pais, o que ignorar para mostrar que não liga para o que eles pensam. Fico pensando – mais ainda – no que ela sabe.

– Você e eu somos praticamente irmãs. Ou alguma coisa melhor ainda. E,

sim, o Jay é meu irmão, mas me deu as costas aquela noite, sabe? Você nem imagina o quanto ele foi mimado. O bracinho precioso ficou ótimo depois de tanta fisioterapia.

– Tenho quase certeza de que você é a única pessoa que pensa assim.

– O Jay não era um *quarterback* perfeito antes do acidente. O povo *adora* esquecer isso. Lembra... – Sua voz falha. Ela diz alguma coisa, mas para de novo e sacode a cabeça, como se estivesse se lembrando de algo, mas muda completamente de assunto no último segundo. – Lembra quando nosso time perdeu a 20 jardas da linha entre o ataque e a defesa

no ano passado? Que confusão. Eu acho que... agora as pessoas têm alguém para pôr a culpa além do Jay, quando ele faz merda. É mais fácil ficarem putas com você do que com o deus delas. Mas isso vai passar.

Jen encolhe os ombros, mas seu gesto não pode tirar a responsabilidade que a cidade pôs sobre os meus. E não foi só o Jay. Um garoto *morreu* naquele acidente. E isso não vai passar, apesar de ele não ser a estrela do time. Apesar de não ser de uma família rica e influente como os Brewster.

– Ok, mas... – Mudo de assunto para saber o que aconteceu com a Bean enquanto eu estava fora. – O que tá acontecendo com a Bean?

Os dedos da Jen congelam e vão parar na sua nuca. Ela respira pelo nariz. Depois de soltar o ar por um tempão, abre as mãos bem devagar.

– A Bean... mudou durante o verão. Conheceu amigas novas e nos abandonou – conta Jen, com cautela.

– Que esquisito – digo. Há um milhão de motivos para isso ser esquisito, e quase o mesmo tanto de motivos para não ser.

– Tudo começou na noite da festa, para falar a verdade.

– Foi?

Jen olha para mim, pensativa.

Arregalo os olhos de leve, só o suficiente para demonstrar curiosidade, mas não a culpa de saber mais do que deveria. Eles não deixam transparecer que minhas veias estão encolhendo, se apertando e privando meu cérebro de oxigênio de tanta ansiedade para saber quais serão as próximas palavras da Jen. Para descobrir o que ela sabe sobre aquela noite.

– Quase esqueci. Você não se lembra de nada – diz. A segunda frase sai

meio forçada, como se estivesse exigindo algo de mim que já provei que estou disposta a dar.

Engulo em seco e olho para o chão. Aqui, a terra pisoteada e seca do redondel e dos arredores dos estábulos dá lugar à grama espessa e verdejante do quintal da família Brewster.

– É – falo.

Meu pai está voltando para casa de trator, para jantar. Termino de tirar um parafuso enferrujado das cavilhas velhas dos remos e desligo a furadeira.

– Como vão os consertos? – pergunta, desligando o motor e descendo do veículo.

– Muito bem. As cavilhas novas chegaram, e terminei de lixar a parte de fora hoje de manhã – respondo, contando minhas conquistas nos dedos. – Preciso terminar de lixar por dentro, mas demora mais por causa dos bancos e da estrutura.

– Eu te ajudaria se não estivesse tão ocupado.

Se não estivesse tentando me evitar.

– Tudo bem. Dou conta.

Meu pai me pega de surpresa dizendo:

– Que tal a gente terminar de lixar no fim de semana?

– É uma boa. – Limpo a garganta. – Mas... eu acho que não vai dar. Tenho um monte de coisas para fazer. Acho que não vou ter tempo.

– Tudo bem. É a última vez que você vai ao Homecoming estando no Ensino Médio. É uma noite importante. – Meu pai pega um pano sujo no banco do trator, depois passa o antebraço na testa. – Kayla... – diz. – Posso te perguntar uma coisa?

Levanto a cabeça e olho para o meu pai, para o seu rosto sério. Não quero responder suas perguntas. Talvez porque não posso prever quais serão. Ou talvez porque o que preciso dele não são perguntas, mas de uma explicação. Meu pai me mandou embora porque estava mesmo com medo de como iam me tratar ou porque estava com vergonha de mim?

Solto um suspiro.

– Não sei se vou saber responder.

– Bom, é um aviso justo. Mas vou perguntar mesmo assim. – Fica em

silêncio por um tempo e segue: – Como é que você foi parar naquele carro com o Jay Brewster e o Steven McInnis?

Enrugo a testa e fico enrolando uma mecha de cabelo em volta do dedo. Enfio as mãos nos bolsos de trás da calça e me encolho toda.

– Briguei com a Jen aquela noite. Por causa da escolha da faculdade. E porque eu não queria ir com ela. – Fico em silêncio, mas meu pai continua dobrando o pano que tem na mão, como se eu não tivesse dito nada. Um falcão solitário voando em círculos

guincha para nós. – Depois disso, eu saí da festa para pensar um pouco.

– Então você foi dar uma volta de carro. – “No carro de outra pessoa”, é o que ele não diz.

– Eu não... – Engulo em seco, e meu pai percebe minha hesitação, ansioso por preencher um pouco mais o vazio que se abriu entre nós desde aquela noite.

– Deve ser muito ruim não conseguir lembrar nada.

Deixo meu pai acreditar que foi por esse motivo que não terminei a frase. Também quero preencher esse vazio.

– Talvez eu não... queira lembrar – me defendendo.

Meu pai olha para o pano.

– O que eu quero dizer... o que realmente quero saber... é se você está bem. Só... Steven não era um rapaz muito legal, pelo que sei. – Sigo meu pai até o celeiro, e ele joga o pano na pilha dos panos sujos. – E o Jay gosta de testar o quanto consegue se safar, às vezes. Um garoto como ele faz esse tipo de coisa.

Meu corpo fica todo duro. Puxo uma farpa de madeira que está saindo num canto da bancada de trabalho do meu pai.

– Você é uma das poucas pessoas desta cidade que pensam desse jeito.

– Você também pensa assim, não é? Por causa do jeito como algumas pessoas idolatram aquele time de futebol... Mas tem muita gente aqui, e nem todo mundo é igual. Sei disso. É por isso que fiz questão de te mandar para casa da tia Bea.

Enfio a farpa embaixo da unha e me encolho com a pontada aguda de dor.

– Por causa do jeito que as pessoas te trataram depois daquela noite. Por

causa do que eu fiz. De quem prejudiquei. Desculpa, pai.

– Isso nunca teve nada a ver comigo. Devia ter te contado na mesma hora por que eu queria que você fosse para casa da sua tia. Eu é que peço desculpas. Por não ter deixado isso claro.

Pela primeira vez desde que voltei para casa, olho meu pai nos olhos. A verdade de suas palavras está escrita ali. E a percepção de que, esse tempo todo, eu precisava da sua explicação e das suas desculpas está escrita no meu coração.

– Obrigada. Por querer me proteger.

Ele ri um pouco, eu baixo a cabeça. Me dou conta de como minhas palavras soam. Como se duvidasse dele. Mas meu pai não toca no assunto.

– Vamos entrar para jantar?

– Vamos – respondo. – Só quero terminar de tirar as cavilhas dos remos. Só falta uma.

Meu pai faz que sim, e pego a furadeira de novo. Pressiono o botão várias vezes, até abafar os sons daquela noite.

PRIMAVERA

Caleb me encontrou, durante o período livre que eu tinha na quinta-feira, sentada no morrinho, rabiscando num caderno velho.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei. O dia anterior tinha sido o último dia para os alunos do último ano. Pelo jeito como ele desmontava o quarto e falava sem parar sobre o trabalho de orientador de acampamento de verão que tinha conseguido, ficou bem claro para a nossa família que meu irmão estava louco para ir embora da cidade.

– Você devia matar os últimos dois períodos e ir fazer trilha no pico Fellows comigo. – Apontou para os meus tênis e completou: – Acho que você está até preparada.

– Vai ter festa na minha aula de Francês, no próximo período – respondi. – Madame Lechat disse que ia trazer queijos e doces.

– E daí? Logo, logo vou embora. Você prefere *queijo* a passar um tempo com o seu irmão preferido? Magoei.

– Você é meu único irmão – retruquei.

Mas apertei os olhos na direção do pico Fellows. O ar estava suave, típico das tardes de primavera, quando os raios de sol ficavam borrados e pareciam uma aquarela por causa da poeira e da umidade. O pôr do sol tinha camadas e mais camadas de tons de lavanda, rosa e laranja. Caleb partiria em uma semana. Nossos momentos juntos eram limitados.

Fechei o caderno, fiquei de pé e falei:

– Ok.

Segui Caleb até a sua picape, joguei minha mochila lá dentro e entrei. Ele tinha limpado o carro havia alguns dias, estava brilhante e o cheiro era tão doce que quase dava enjoo – então vi o aromatizador roxo pendurado no retrovisor. Uma pontada me atingiu no peito. Caleb sempre foi porco de carteirinha. Limpar a picape era um sinal de mudança.

Fiquei observando meu irmão enquanto esperávamos atrás de um trator,

que estava segurando todos os carros na estrada até o pico Fellows. Parecia que ele não encostava na lâmina de barbear havia dias, e meses que não cortava o cabelo. Mesmo assim, seu maxilar estava mais anguloso, e ele tinha pegado uma mania de franzir a testa, de modo que umas linhas de expressão apareciam entre as sobrancelhas. Olhando para o Caleb, pronto para se jogar no mundo, me senti estranhamente jovem.

O trator finalmente foi para o acostamento, e todos os carros atrás dele passaram voando. Corremos por uma estrada que raramente tinha trânsito e, quando paramos no estacionamento da trilha, tínhamos certeza de que ainda faltava muito para o pôr do sol. Fui trotando atrás do Caleb nas primeiras centenas de metros, chutando pedrinhas nos seus tornozelos. Então diminuimos o ritmo, porque a subida ficou mais íngreme.

Na clareira do fim da trilha, colhi os primeiros dentes-de-leão da estação e sentei ao lado do meu irmão na beira do penhasco, nós dois com os pés pendurados, e soprei as sementes quase invisíveis por cima do rio e do vale.

Ele respirou fundo várias vezes, como se estivesse filtrando todo o ar pelos pulmões, segurando o que gostava e se livrando do que não queria, e disse:

– Vou sentir saudade, Kayla Coala. – Dei um sorriso rápido quando ouvi o apelido que só ele usava. Era uma referência ao coala de pelúcia, estropiado de tanto amor, que o Caleb me deu quando eu era bem pequena. – Vou sentir saudade de muita coisa daqui. – Ele balançou as chaves que estava segurando na mão esquerda. Eu libertei as sementes de mais um dente-de-leão. – E tem coisas de que não vou sentir a menor falta. – Nessa hora, fiquei pensando que a nossa cidade ficava longe dos grandes aeroportos, que faltavam lugares para dançar e que aqui só tinha um número limitado de meninas. Pensei em todas as coisas que, com certeza, o Caleb não sentiria a menor falta. – Cidades pequenas são engraçadas – continuou. – Cheias de gente que conhecem todo mundo. Não tem onde se esconder.

Olhei feio para ele e perguntei:

– O que você anda lendo?

– A gente é igual – prosseguiu, como se eu não tivesse dito nada. – A gente ama tanto este lugar. Nosso pulmão tem tanta terra daqui quanto ar. – Meu

irmão me olhou, as sobrancelhas franzidas, enquanto pensava no que ia falar. O sorriso vibrante que sempre achei sua marca registrada não estava em seu rosto. – Mas estou feliz de ir embora.

O lado intenso do Caleb me dava arrepios. Esmaguei o caule do dente-de-leão entre os meus dedos, junto com a terra seca do penhasco. Era difícil dizer se ele estava me falando que estava feliz de ir embora porque queria tornar a sua partida, a mudança que causaria na dinâmica da família, mais fácil para mim, para minha mãe e para o meu pai, ou porque precisava facilitar as coisas para si mesmo. Colocar uma certa distância entre ele e um lugar que amava tanto quanto eu. Tornar sua partida suportável.

Meu irmão relaxou o maxilar e soltou a mão, derrubando as chaves no chão. Então o seu velho sorriso conseguiu chegar à superfície.

– Novas aventuras, certo? Vou sentir saudade, Kayla Coala – repetiu. – Você sempre me fez ser bom. Quando penso em fazer alguma coisa, sempre me pergunto: “O que minha irmãzinha pensaria de mim se eu fizesse isso? Que exemplo estou dando?”.

Dei um sorriso e falei:

– Isso é chocante, porque você já fez muita coisa imbecil.

– Então pensa nas coisas imbecis que eu deixei de fazer!

– Tipo o quê?

– Não quero manchar a imagem impecável que você tem de mim.

Eu bufei de deboche e disse:

– Tenho algumas palavras que gosto de usar para te descrever, se estiver a fim de ouvir...

– Calma aí – interrompeu o Caleb. Cutucou meu ombro com o dele, e tive que esticar o braço para não perder o equilíbrio. Empurrei meu irmão, mas ele deixou escapar uma risada e coçou a barba por fazer. – Você nem ia acreditar mesmo. Sei que me acha incrível.

Dei um sorriso leve. Meu irmão estava indo embora.

– E o que te faz pensar que as minhas descrições não seriam incríveis?

– Ah, Coala. – Caleb ficou vermelho do pescoço para cima. Por um instante, observamos o céu mudar de cor em silêncio. Ele estragou o momento quando respirou fundo, e olhei para ele. Estava com os ombros

tensos, mas baixou o queixo, e seu corpo inteiro desabou. – Só que nem sempre sou incrível.

Seu tom de voz me impediu de soltar outra piada. Fiquei só esperando.

Ele levantou a cabeça de novo. Seus olhos brilharam – com a mesma mistura de castanho, verde, cinza e amarelo que os meus. Podíamos ver bem longe do alto do pico Fellows, mas parecia que ele estava olhando para algo ainda mais distante. Outro lugar. Outra época.

– Você já passou por alguma situação em que não tinha certeza de que estava fazendo a coisa certa?

Encolhi os ombros. Tirei um fio de cabelo da boca. Senti o gosto amargo do caule do dente-de-leão.

– Acho que sim.

Caleb sacudiu a cabeça.

– Não, quer dizer... tipo, alguma vez já foi mais fácil acreditar que você *não deveria* fazer alguma coisa, mesmo quando você provavelmente deveria, sim, ter feito algo? E se convenceu de que não tomar nenhuma atitude era a mesma coisa do que não fazer mal? Quando, na verdade...

Meu irmão ficou passando os dedos nervosos na costura na calça jeans, mas meu corpo ficou parado. Ele queria dizer mais alguma coisa, algo importante que precisava desabafar, talvez. Mas o engraçado é que, como o Caleb tinha dito, eu não sabia se queria ouvir, apesar de dever querer. Seu segredo, se é que era isso, parecia muito pesado.

– O pai e a mãe estão bem? – perguntei.

– Estão – respondeu ele prontamente. – Estão superbem. – Aí sacudiu a cabeça, balançou as pernas no chão duro e ofereceu a mão para ajudar a me levantar. – Não é nada. O que estou tentando dizer é... Fica na boa enquanto eu estiver fora, tá?

Fiquei olhando para a mão dele por um instante antes de segurá-la. Tinha alguma coisa diferente no meu irmão. Alguma coisa perturbada. Fiquei passando na cabeça os acontecimentos dos últimos meses, tentando descobrir quando a mudança tinha começado, mas não consegui apontar um momento específico.

– Não se preocupe. Vou continuar sendo a super-heroína – falei. – Lutando

pelo bem e pela justiça.

– De roupa de coala, capa, fiel cavalo e tudo?

Dei risada, mas ele não me acompanhou.

– Tipo isso. Mas, sim, pode contar comigo: vou ser a filha boa.

A filha boa.

OUTONO

Enquanto o sol se põe, ajudo minha mãe a tirar a mesa do jantar e depois vou até o Toffey's encontrar Jen e Selena.

Terça é noite de sarau no Toffey's, e o ritmo é frenético. Sento numa mesinha no canto. Bean está aqui com umas outras meninas, incluindo a de cabelos cacheados que vi no primeiro dia de aula. Fico mordendo a bochecha, e Jen senta

do meu lado. Enruga a testa quando percebe que estou olhando para a mesa da Bean. Selena cruza o olhar com a Jen e logo vira para o outro lado. Sinto uma pontada de irritação. Será que já não dei provas suficientes da minha amizade?

– Vou pegar bebidas para gente – Selena diz. – O que vocês querem?

– Um *mocha*. Fala pra eles não economizarem no chantili – responde a Jen.

As duas olham para mim. Mas, atrás da Selena, vejo Bean brincando com o relógio que tem no pulso esquerdo e mexendo o maxilar, o olhar indo de mim para a Jen sem parar.

Odeio não saber o que ela está pensando. Não saber nada do que tem pensado. Meses de pensamentos. Sinto um beija--flor batendo as asas no meu peito. Não esperava encontrar a Bean. Como se a vida normal, do dia a dia, não pudesse, não devesse continuar depois daquela noite. Como se tomar um café, rir com as amigas, *sair*, fosse apenas para pessoas que não têm segredos vergonhosos.

Levanto.

– Para falar a verdade, tenho que ir embora.

– Mas a gente acabou de chegar – diz a Jen, boquiaberta.

– É, então fala logo o que você quer antes que a fila fique maior – Selena diz.

– Perdi a sede.

Até parece que alguém toma café porque está com sede. Bato com os nós

dos dedos na mesa. Um deles encosta num chiclete seco.

– Esqueci que... em casa, preciso...

Mas não consigo encontrar uma desculpa que possa me tirar daqui. Fico arrasada só de pensar que quero fugir de tudo que sacrifiquei tanto para reconquistar.

– Quero que você fique.

A voz da Jen é baixa, mas consigo contar as camadas de significado das suas palavras.

Fica porque quero estar com você.

Fica porque você me deve uma.

Fica porque você ainda tem muito o que provar, para mim e para todos nós.

– Vou pegar um *mocha* pra você também. Tudo bem, Kayla? – Selenia pergunta. Fica em silêncio um instante e depois dá as costas, sem esperar pela minha resposta.

Observo enquanto ela se afasta e noto que os músculos dos seus ombros, que a regata deixa à mostra, estão tensos.

Tiro os olhos da Selenia e olho para Bean de novo.

Ela não sabe. *Não tem como saber.* Mas, pela expressão do seu rosto, entendo tudo: que ela sabe que eu vi, que ainda é possível fazer a coisa certa.

Se ao menos eu estivesse disposta a desistir do meu lar.

Seguro a respiração até que minha cabeça começa a rodar. Não era assim que as coisas deviam ser. O que aconteceu naquela noite devia ficar no passado. Achei que fosse isso que todo mundo queria. Assim que fizesse as pazes com as minhas amigas, a gente devia continuar amigas. As coisas voltariam ao normal, do jeito que eram antes.

– Você vai sentar? – pergunta a Jen. Olha para mim e confere as mensagens no celular.

A cafeteria fica em silêncio, mas só para mim.

Terry Brady ainda está lendo um poema. A máquina de café ronca e chia. Pessoas da nossa turma sentam e levantam. Parece que tem gente demais, olhos demais me observando.

Não. São só dois olhos.

Do outro lado do salão, Bean está olhando para mim. Ainda. Mesmo do outro lado do salão, posso ver que ela está apertando tanto os lábios que tem uma linha branca em volta deles. De repente, não sei direito o que fiz ou quem sou. Um blá-blá-blá irritante começa a zumbir nos meus ouvidos. A cadeira quase cai para trás quando a puxo.

– Não... Preciso ir embora.

– O que você tem?

– Não estou me sentindo muito bem.

Jen solta um suspiro e diz:

– Eu te levo para casa.

– Estou de bicicleta.

– Põe no porta-malas do meu carro.

Jen sabe. Deve saber de tudo. Jen, Selena e Bean. Meus pais. Será que existe alguém que não consegue enxergar a verdade no jeito terrível que meus olhos não param quietos, que minhas mãos tremem?

Jen encosta em mim. Seu olhar de preocupação é sincero, de melhor amiga.

– Você não parece bem mesmo. Sua maquiagem está meio borrada. Vou te levar pra casa.

Seu toque é suave como pétalas de flor. Seu toque dói como picadas de abelha.

Pego meu celular.

– Vou ligar para minha mãe vir me buscar. Não quero que você fique mal também.

Ponho o telefone no ouvido e saio do café, para fazer uma ligação de mentira.

Saio da estrada, sigo para a terra, atiro a bicicleta no chão e começo a andar. A verdade é que é difícil correr nesses campos. Os pés de milho são plantados bem próximos uns dos outros, para otimizar o terreno, e os caules são malvados e teimosos, e não dobram quando a gente quer. As folhas são afiadas. Levar um arranhão dói como um corte de folha de papel, só que um milhão de vezes mais.

Mesmo assim, continuo em frente, os pés de milho quebrando e estalando com a pressão dos meus sapatos, como se fossem ossinhos. Toda vez que um

quebra, sinto uma pontada de dor no tornozelo.

O ar da noite tem esse cheiro doce, de milho novo, que vou respirando enquanto corro. Que me conforta e ao mesmo tempo alimenta a minha raiva.

Queria odiar esse cheiro.

Mas eu amo. E amo esta cidade e quero amar todo mundo do mesmo jeito que amava antes. Quero que me amem do mesmo jeito também.

Só preciso continuar correndo.

Não posso ficar pensando se os outros sabem que me lembro do que aconteceu na festa da Jen. Porque daí não vou ter que questionar apenas que tipo de pessoa *eu* sou, mas também o tipo de pessoa que a Jen e a Selena são. Tem tanta gente nesta cidade. Corro rápido e por muito tempo, tentando tirar as perguntas da minha cabeça.

Chego numa estrada de terra e atravesso correndo. Percebo o som da buzina tarde demais. Uma picape freia de repente, levantando uma nuvem de poeira e cascalho. Fico congelada na estrada como um cervo perdido.

A porta do motorista se abre. Uma calça jeans desbotada e uma camiseta aparecem no meio da nuvem.

– Por que você está sempre nos lugares? – pergunto para o Noah, lutando contra uma vontade cada vez maior de fugir. – Nos lugares onde estou. Antes, você era invisível.

– Vi quando você foi embora do Toffee’s.

– Não sabia que você estava lá.

– Então acho que continuo invisível.

Engulo em seco e vou até ele, parando do outro lado da porta, que continua aberta. Ponho as mãos espalmadas no vidro, para me equilibrar.

Mechas do cabelo preto de Noah voam para trás. Atrás dele, o céu tem todas as cores do fogo.

– Quero ser invisível – sussurro.

– Então entra.

Noah chega para o lado, para eu conseguir subir na picape. Escorrego pelo banco, e ele entra depois de mim.

Não falamos nada. Ainda não. Damos algumas voltas, procurando um lugar

onde possamos conversar e nos sentir seguros. Uma terra dos contos de fada.

Paramos numa casa abandonada. A varanda despencou, e as janelas têm cortinas velhas e amareladas, voando como fantasmas, mas mesmo assim eu entro. Há tocos de velas e garrafas vazias nos cantos da sala da frente. Por cima das nossas cabeças, um grande buraco no teto me deixa ver o céu escurecendo.

Noah vem atrás de mim, segurando um violão com a mão esquerda. E as chaves do carro na direita.

– Achei que você tocava banjo – digo.

Ele dá um sorriso e pergunta:

– E eu só posso tocar um instrumento?

– Você toca o que você quiser. Todos os instrumentos. Toca alguma coisa para mim.

– Foi para isso que eu trouxe o violão.

Me dou conta de que sua voz é rouca. Sempre? Ou só à noite. Só quando ele está prestes a tocar. Só quando está protegido pela invisibilidade.

Escolho um lugar no chão e sento de pernas cruzadas.

Noah senta na minha frente, a poucos metros de distância, com o violão no colo. Seus dedos se movem como fantasmas pelas cordas enquanto ele escolhe o que vai tocar. O silêncio não nos incomoda, mas daí ele olha para cima e me dá um sorrisinho e, de repente, do nada e por tudo, o silêncio fica carregado, vibrando com tantas possibilidades, com coisas que vi e não vi, com o jeito que o Noah tem ficado perto de mim ultimamente, respeitando meu espaço, como tem sido cuidadoso comigo. Cuidadoso como se entendesse como é ser delicado. Uma coisa frágil que acabou de ser plantada no seu devido lugar. Em seu lar.

Seus dedos fantasmas finalmente encostam nas cordas, e ele começa a tocar. Cada dedilhado, cada mudança de acorde, cada deslizar no violão amplifica a eletricidade do ar, até minha respiração ficar mais lenta e profunda. Inspiro pela barriga, pelas pernas e pelo tornozelo reconstruído.

Enquanto Noah toca, observo seu perfil. Seu pescoço comprido, seu maxilar forte. Alguns dos seus traços são iguais aos do pai, um homem do meio-oeste dos Estados Unidos, bem barbeado; outros são da mãe, de olhos

pretos. Esses traços se juntam no Noah de um jeito único e bonito, diferente dos garotos típicos daqui. Sei que ser diferente deve significar alguma coisa para ele – ter um rosto diferente, fazer coisas diferentes, que os garotos daqui não fazem.

De uma hora para outra, odeio todo mundo que já tornou a vida do Noah difícil, que debochou dele por fazer música em vez de ser atleta. Que o xingou pelas costas e sorriu pela frente porque sua pele não fica branca no inverno como a de todo mundo.

– É bonito – digo.

Noah olha nos meus olhos.

– O seu jeito de tocar.

– Obrigado – responde. Ele dedilha as cordas mais algumas vezes e fala: – As coisas vão voltar ao normal, sabe? Demora, mas tudo vai ser como antes. Se é isso que você quer.

Então limpa a garganta, perde o ritmo, mas logo o recupera.

Quase falo que não sei o que quero. Não mais.

Em vez disso, sussurro:

– Como eram antes. Você não faz ideia.

E quase conto tudo para ele, mas não faço isso. Talvez porque tenho medo de que o Noah me odeie quando souber a verdade.

– Lembra quando a gente era pequeno e a sua família às vezes ia na minha casa pra comer um churrasco? – pergunto.

– Achei que você não lembrava.

Fico passando os dedos pela bainha da minha blusa. Eu me lembro de tudo. De algumas coisas que não quero que o Noah saiba. E de outras que nos marcam, nos transformam em velhos amigos. Me conectam a ele de um jeito que só agora começo a querer.

Noah só continua tocando.

– Às vezes, o churrasco era no fim do outono.

– A gente tinha mais tempo livre depois da colheita.

– Escurecia mais cedo. Você sempre ficava para ver as estrelas comigo.

Ele não fala nada durante um minuto. O silêncio parece longo. As antigas

lembranças me fazem bem.

– Dei seu nome para uma estrela – ele fala.

Endireito as costas.

– Qual?

Seu peito treme com uma leve risada.

– Como é que eu vou lembrar? Faz tanto tempo. As estrelas eram diferentes naquela época.

– Tudo era diferente.

Levanto o queixo e fico observando o céu noturno pelo buraco no teto, procurando o ponto brilhante que Noah batizou com meu nome.

Mas nenhum dos pontos que vejo parece ser o certo. Aquele momento da infância, de dar nome às partículas do universo, parece tão distante. Mesmo que eu pudesse esticar meu braço por mil quilômetros, não conseguiria alcançar as crianças que fomos um dia.

– As estrelas eram diferentes naquele tempo. Mais brilhantes. Agora, perderam o brilho.

– Você não perdeu o seu – ele diz. E continua tocando.

PRIMAVERA

Parei em casa e peguei minha blusa nova antes de ir para a casa da Jen depois da aula. Passei pelo quarto do Caleb, andando por um corredor coberto de fotos de nós dois, com molduras de madeira escura de várias larguras. As pernas compridas dele estavam aparecendo debaixo da sua cama. Meu pai estava sentado do outro lado do quarto, na escrivaninha do meu irmão, enrolando cabos de computador com todo o cuidado.

Fiquei parada na frente da porta, com o ombro encostado na soleira, lembrando que fazia séculos que minha mãe queria pintar as molduras de branco. Esposas de fazendeiros não têm muito tempo.

– Oi, pai. Caleb, você vai hoje, não vai?

– Na festa da Jen? – sua resposta saiu abafada pelo colchão.

– É.

– Nem.

– Por que não?

– Eu estou tentando terminar de limpar meu quarto. Empacotar as coisas. Vou embora na segunda.

– Você não pode fazer tudo isso amanhã?

– Nem.

– Anda, vai. Você devia ir a uma última festa. Um monte de gente vai estar lá. Você pode se despedir e tudo o mais.

– Você devia ir – completou meu pai. – Falta pouco para terminar aqui.

Caleb levou as mãos para trás e escorregou até o meio do quarto. Estava com várias bolas de poeira penduradas no cabelo.

– Não estou a fim, sabe?

Fiquei olhando para o meu irmão por um tempo. Como há muito eu não fazia. Talvez nunca tivesse feito. Tinha alguma coisa diferente em volta dos seus olhos. Uma seriedade que eu nunca tinha notado. Ele parecia mais velho. Parecia um forasteiro.

– Se mudar de ideia – falei –, sabe onde me encontrar.
Ele fez que sim com a cabeça.

Outono

Fico parada na porta da sala de Matemática, a primeira aula, e passo os olhos pelos rostos lá dentro. Pete. T.J. Nada do Noah ainda.

Selena chega por trás de mim e pergunta:

– O que você está fazendo aí?

Seguro os livros perto do peito e viro para ela.

– Estou cansada. – Pressiono o canto do livro de Matemática contra a palma da minha mão para controlar minhas emoções.

Mas a Selena vê tudo e diz:

– Anda.

Sáímos do prédio na ponta dos pés e vamos até o banheiro feminino do lado de fora, no campo de futebol americano, aonde ninguém vai, só quando tem jogo à noite. Os espelhos estão velhos e arranhados, mas são nítidos o suficiente para eu conseguir ficar olhando para mim mesma com apatia: olhos redondos, nariz empinado, franja comprida, loira. Fico olhando por tanto tempo que não exergo mais nada; o contorno da minha cabeça e meu corpo se confundem com as luzes fluorescentes do teto.

– Não está conseguindo dormir?

Selena tira um batom da bolsa e passa nos lábios, fazendo biquinho e mandando um beijo para o próprio reflexo.

– Tipo isso.

Solto um suspiro. Não contei para a tia Bea nem para os meus pais porque não quero que pensem que estou regredindo depois de ter conseguido recuperar um pouco do meu padrão de sono lá em Kansas City, mas está difícil dormir desde que voltei para casa. Fico deitada à noite, ouvindo coisas fazendo barulho lá fora, embaixo da cama, na minha cabeça. Quando fecho os olhos, aparecem imagens como a luz de dois faróis e cacos de vidro. Fico pensando no que o Noah me disse sobre meu brilho, que não o perdi, e decido que não dá para acreditar nisso. Há muita escuridão para eu conseguir brilhar

agora. Não importa o que o Noah diga. Não importa como me sinto quando estou com ele. Agora há esse sentimento quando estou com a Selena ou quando estou com a Jen, ou quando o Jay ou meus pais estão por perto e, mais ainda, quando sinto que a Bean está me observando.

Coço o cotovelo.

– Eu fico pensando em como as coisas mudaram entre a gente. Fiz tudo mudar quando fui embora.

Selena se encosta na pia e fecha a bolsa.

– É, mas... as coisas iam mudar de qualquer jeito, certo? Quer dizer, a gente iria para faculdades diferentes, e depois disso... – Ela encolhe os ombros. – Nunca me imaginei voltando pra cá, nem a Jen, sabe? Não como você, que ama este lugar. Todos vão sair daqui para fazer outras coisas. Coisas novas.

Ponho a mão no ombro e passo o dedão na clavícula.

– Odeio pensar que todo mundo vai embora.

Odeio pensar no preço que tenho que pagar para ficar.

– Mas isso vai acontecer. Muita coisa vai mudar. – Ela olha para mim, depois desvia o olhar. – Muita coisa mudou naquela noite.

Sua voz parece tão distante que começo a examinar seu rosto. Ela se vira para brincar com o chaveiro pendurado na alça da bolsa – uma tartaruga que fez com um kit de artesanato de brinquedo anos atrás. Costumava ter metade de um coração de prata, símbolo de melhores amigas. Mas não tem mais, e a bolsa não parece a mesma sem ele. *Selena* não parece a mesma, nunca anda com a Bean. Não ri mais com ela.

Toda vez que vejo alguém ou algum lugar nesta cidade que eu costumava conhecer... não me parece *o mesmo*.

Na última vez que dormimos na casa da Jen, queria perguntar da Bean para ela. Selena levou uma garrafa de vodka e suco, e ela e a Jen tomaram uns drinques. Fiquei bebericando o mesmo copo a noite inteira, com medo do que iam dizer ou pensar se me vissem bebendo. Se o Jay visse. Se a mãe deles visse.

A gente não se falava muito quando eu ia na casa da família Brewster, a

mãe da Jen e eu.

Mas a Selenia ficou bêbada o suficiente para ter vontade de dançar só de calcinha e sutiã. Para ficar falando um tempão desse cara – que fazia faculdade – com quem saía de vez em quando nos fins de semana.

Queria que ela falasse mais. Não do cara, mas do que aconteceu entre ela e a Bean. Mas alguma coisa me segurou.

Talvez tenha sido o jeito como a Jen e a Selenia sempre ficam tensas quando a Bean está por perto. O jeito como põem a culpa na Bean quando, na verdade, ela nunca cortou relações com ninguém.

Agora, porém, estar sozinha com a Selenia me dá uma deixa.

– O que aconteceu entre você e a Bean? – pergunto.

– Eu e a Bean – repetiu Selenia. Fica mexendo na bolsa de novo e, desta vez, tira um punhado de balas. Oferece uma laranja e uma rosa para mim.

Desembrulhamos as balas e enfiamos na boca. A minha fica presa no dente. Estou feliz por ter algo para fazer. Não quero ouvir o que a Selenia tem a dizer, na verdade. O que ela sabe.

Por fim, ela diz:

– A Bean falou umas coisas sobre aquela noite.

Tiro um pedaço de bala do molar com a unha. Selenia não percebeu que congelei.

– Tipo o quê? O que ela poderia dizer que mudaria a amizade de vocês?

– Você fala como se fosse impossível as coisas mudarem entre melhores amigas. – responde. Aí levanta o queixo para mim. O exemplo está bem na sua frente. – Enfim, não posso contar. Não posso falar pela Bean. Você vai ter que perguntar para ela. Só... não conta pra Jen que você anda futricando.

Parece que a Selenia *quer* que eu fale com a Bean. Para descobrir alguma coisa.

Ela joga os papéis de bala no chão e ajeita a franja, de frente para o espelho.

Me encosto em uma das cabines e leio os dizeres gravados ali.

Tracy Worthers é uma puta.

Kat e Lance eterno.

P.M., T.F., I.Y. Turma 06. Amigas pra sempre.

Quando olho de novo, Selenia está com o dedo parado no meio da testa, me olhando pelo espelho com os olhos espremidos.

Abro outra bala e enfio na boca. Levo um susto quando, sem querer, mordo o lado da minha língua.

– Cuidado, Kayla – diz ela, pegando a bolsa do chão e abrindo a porta.

Quando a Selenia se dirige ao prédio principal, digo que vou ficar mais um pouco ali fora. Ela me dá um abraço apertado e rápido e diz que vai tomar nota da matéria da próxima aula para mim.

Fico parada na entrada dos banheiros, observando-a atravessar o campo de beisebol a passos largos. Selenia é mais baixa do que Jen e eu, mas anda mais rápido.

Espero os alunos da próxima aula de Educação Física aparecerem, mas são só os calouros, que param na pista de atletismo para marcar o tempo da corrida. Fico sozinha de novo. Um bando de pássaros está comendo uns restos de batata frita com chili, que devem estar debaixo das arquibancadas há dias. Eles se dispersam quando sento no chão de costas para as arquibancadas, mas se aproximam de novo com cautela quando percebem que não faço nenhum movimento repentino.

As palavras da Selenia ecoam na minha cabeça, não consigo decidir se foram uma sugestão ou um aviso. Porque pareceram um aviso, pelo jeito que ela falou e me olhou. Mas, se fossem, significaria que existe algo que certas pessoas sabem e outras não.

Ou não deveriam saber.

E eu não quero *mesmo* que isso exista.

Finalmente, sinto que voltei para casa. Jen e Selenia estão do meu lado. Jay não hesita em se juntar a nós quando passamos pelos corredores do colégio. Sinto o conforto que é estar perto da minha mãe de novo. E, apesar da novidade de estar aqui doer um pouco, consigo ver além do dia de hoje e enxergar uma hora em que vou me sentir melhor, completamente normal, de novo.

Neste momento, contudo, sinto dor. Pela nossa separação, pelo fato da Selenia precisar usar a palavra “futricando”.

Eu sabia que ia ser difícil voltar para casa. *Difícil*.

“Difícil” é eufemismo. Como um cristal, tenho a tendência de me esmigalhar com o tom errado, a palavra, a queda. Só não sabia, quando resolvi voltar, que isso não seria uma subida lenta, estável e segura por um caminho montanhoso. Que a jornada de volta para casa seria cheia de picos e vales. Reconciliações e retrocessos.

Eu devia ter adivinhado que seria assim. Mesmo que, de vez em quando, consiga ignorar. Como resolvi ignorar o jeito como a Bean olha para mim, com cara de quem tem esperança de que eu admita que lembro tudo e diga alguma coisa. Como resolvi ignorar a certeza de que, se eu estivesse no lugar dela, também teria me afastado de todos os meus amigos. Como resolvi ignorar o fato de que esta cidadezinha, este lugar, nunca mais vai ser o que era para mim, porque vi um lado dela que não sabia que existia antes da festa. Estou nadando contra a corrente, e é só uma questão de tempo até eu ficar cansada e ser levada para as profundezas.

Sei disso. Sei. E continuo nadando. Qual é o meu problema?

Pego uns dentes-de-leão do chão. As flores amarelas são alegres. No verão, eram tantas no nosso quintal que minha mãe encheu a despensa com xarope e geleia de dente-de-leão. Hoje de manhã, comi esse xarope com panquecas.

O sinal do terceiro período toca, fico de pé e limpo a parte de trás da minha calça jeans. Ando até o estádio de futebol americano.

É um lugar especial, com suas fileiras de arquibancadas, a grama verde-esmeralda e a pista de corrida feita de borracha reciclada. Alunos e ex-alunos se espremem nas arquibancadas até ter gente quase pendurada no alambrado, e continuam a se espalhar pelo chão, sentados com seus cobertores, cestas de piquenique e crianças pequenas procurando insetos. Tem gente que deu seu primeiro beijo embaixo dessas arquibancadas, comeu nachos com molho de queijo artificial com seus melhores amigos, ouviu a fanfarra tocar músicas imponentes, cheias de metais.

Subo até a metade, sento e fico olhando para o campo, como se tivesse jogo.

O brasão da nossa escola foi recém-pintado na linha das 50 jardas, um preparativo para o jogo do Homecoming. Há dois anos, Jay Brewster fez um passe incrível, a 40 jardas dali, direto para as mãos do *receiver*, e cobriu a

cidade de glória. Levou nosso time a participar do campeonato estadual, com o braço de ouro que obedecia a todos os seus comandos. E repetiu a dose no ano passado. E esperam que repita mais uma vez o feito antes de ir estudar em uma das faculdades que estão implorando por sua presença.

E ele ainda por cima tira boas notas, tem um rosto forte para equilibrar seus olhos azul-claro e é voluntário no Ensino Fundamental. O sonho de qualquer time de faculdade. Um verdadeiro menino de ouro.

Todo mundo sabe que ele vai fazer sucesso. De garoto do interior a destaque nos times profissionais. Todos vamos ter o que contar para nossos netos quando formos dar uma voltinha na Galeria da Fama do Futebol Americano e olharmos a vitrine com suas coisas. Ele é tudo o que um bom menino de uma boa cidadezinha do meio-oeste americano deveria ser. Pode ser. Em todos os sentidos.

Bato os pés no chão. Um som metálico ecoa e some pelas colinas.

– Sinto muito, Jay – digo para uma nuvem fininha sobre a minha cabeça. – Sinto muito pelo que fiz. Mas, principalmente, sinto muito pelo que você fez. Você destruiu tudo em que eu acreditava.

Desço as arquibancadas batendo os pés e chuto uma linha branca na beirada do campo. Mastigo uma mecha de cabelo e fico olhando para o céu por um tempo, pensando no que ainda acredito. Mas não consigo pensar em nada. E vou andando para casa.

A picape do meu irmão está vindo pela estrada de terra lá longe, espalhando cascalho com os pneus traseiros pelos pobres e escassos pés de milho plantados perto da estrada. É quarta-

-feira, ele deve ter aula na Universidade do Missouri amanhã e sexta, mas o Homecoming numa cidadezinha pequena é uma coisa importante, que meu irmão não vai perder. A última vez que vi Caleb foi no dia da festa da Jen. Quando acordei no hospital, ele já tinha ido trabalhar na cordilheira de Ozark. Será que ele vai estar diferente? Será que vai me olhar diferente?

Vai demorar um pouco até a sua picape percorrer as curvas da estrada e parar na nossa casa. Em vez de correr para encontrá-lo, entro no meu barco, coloco a máscara sobre a boca e o nariz, os fones nos ouvidos, e ligo a lixadeira.

Lixar o lado de fora é rápido, minhas mãos guiam a máquina pela superfície levemente curva com facilidade. Mas, no lado de dentro, o esqueleto do barco fica exposto, e é preciso ter paciência para lixar cada pedacinho pontudo das tábuas que ficam de fora. Seria tão simples ser um barco, com um interior forte e visível e um exterior que pode ficar mais bonito com uma simples lixada.

A música sai pelos meus fones a todo volume, tão alta que posso ouvir apesar do zumbido da lixadeira. Há barulho, serragem, músculos cortorcidos em posições estranhas e doloridas e a ansiedade de ver meu irmão. Mas, no meio de tudo, há um pequeno espaço para aqueles pensamentos virem à tona. Quando penso na Bean, meu pulso faz a lixadeira tremer, dando uma guinchada alta.

Coloco os óculos de proteção e solto uma lufada de ar e lágrimas no lugar que acabo de lixar, percebendo, surpresa, que acabei. O barco está pronto para receber a primeira demão de verniz. Pronto para uma vida nova.

Troco a lixa da máquina, enrolo o fio em volta dela e coloco no chão, ao lado do barco.

Quando volto para casa, a voz do meu irmão toma conta de todos os cantos de todos os ambientes, e minha mãe está com cara de quem vai chorar, abraçada no filhinho. Ele se solta dela e atravessa a cozinha quando ouve a porta de tela dos fundos bater. Antes de eu conseguir gritar “bem-vindo!”, ele me pega nos braços, me levanta e berra:

– Kayla Coala!

Dou risada, apesar de não querer, ao ouvir meu velho apelido. É uma lembrança tão viva dos velhos tempos, de quem costumávamos ser. É uma prova de que, mesmo depois de tudo o que aconteceu, o Caleb está aqui, é meu irmão e está do meu lado.

– Me põe no chão!

Sua energia, como sempre, ilumina o ambiente.

Quando o Caleb me põe no chão, sorrimos um para o outro, tentando absorver como nós dois mudamos desde antes do verão.

Seu cabelo está mais curto, as ondas que desciam pela nuca foram cortadas acima das orelhas, e seus olhos castanhos estão mais claros e iluminados. Ele

está com a mesma calça jeans e a mesma camiseta velha, revelando a tatuagem que cobre metade do braço e que quase fez nossos pais terem um enfarte duplo na época.

Sinto um aperto na garganta. Meu irmão parece tão feliz.

– Você está imunda – ele diz.

Dou risada.

– E você é feio.

Caleb tenta bater na minha cabeça, mas desvio de seu braço, e minha mãe fica lá, dizendo para a gente parar com isso e ir logo jantar. A comida tem um cheiro incrível. É o prato preferido do meu irmão: carne de panela com batata e vagem. Enquanto a gente se empanturra, ele fica contando sobre a faculdade. Dá para perceber que ele está omitindo algumas coisas para o meu pai e para a minha mãe, mas sei que vai me contar todos os detalhes depois.

Depois que a gente tira a mesa, digo que não quero sobremesa, fujo pela porta da frente e sento nos degraus da varanda, esperando o sol se pôr. Libélulas ficam zumbindo em volta da minha cabeça, o zum-zum constante me embala, e dou uma pescada.

Seguro o rosto com a palma da mão e fecho os olhos. A energia do Caleb me deixou cansada, mas meus pensamentos se distanciam das suas aventuras na faculdade e vão parar em tudo o que está acontecendo por aqui.

A mãe do Steven fechando a porta na minha cara. A Selenia me falando para não futricar. O Noah Michaelson me procurando. E por que isso não me incomoda muito.

Alguns minutos depois, a porta de tela se abre, e o Caleb sai com Ella. Os olhos cor de chocolate da cachorra se iluminam quando ela me vê esparramada nos degraus, e ela pula no meu colo imediatamente.

– Está tudo bem? Entre você e a Jen... e o Jay e tudo o mais?

Caleb não é de enrolação.

– O que você acha?

– O que eu acho...? – Meu irmão olha para o céu, procurando as palavras certas. Que não estão lá, pelo jeito, porque ele vira para mim, encolhe os ombros e diz: – Não sei. Me conta.

– Contaria se soubesse. – Ella levanta a cabeça e solta um ganido. – Pelo

menos você ainda me ama – falo de um jeito patético, fazendo carinho nas orelhas grandes e aveludadas da cachorra.

– Essa sua pena de você mesma tomou proporções épicas, Kayla Coala – diz Caleb, sentando do meu lado.

Me encosto na varanda, sugando o resto de calor das tábuas de madeira com as minhas costas, e solto um suspiro.

– Eu sei. Me dou arrepios.

Com a mão, Caleb tira um monte de folhas mortas e amassadas do último degrau.

– Consigo imaginar que não deve estar sendo nada fácil desde que você voltou.

Arranco uma farpa de uma tábua da varanda e completo:

– Por um tempo, achei que ia ficar tudo bem. O Jay falou na frente de todo mundo que foi um acidente. A Jen e a Selenia são minhas amigas de novo. Mas... as coisas não estão muito claras. Não sei o que é de verdade. O que é certo.

Meu irmão senta com as costas levemente curvadas e joga um graveto para Ella, que sai correndo pelo pátio.

– Sei que deixar tudo isso pra trás foi o motivo de você ter voltado, mas as coisas nem sempre acontecem do jeito que a gente quer. Talvez seja melhor você aceitar isso, não sei, que os outros podem não estar tão preparados para esquecer quanto você.

É mais complicado, é o que quero dizer para o meu irmão. Sei de coisas que poderiam ajudar alguém a deixar isso para trás. E, mesmo sabendo, não quero participar da revelação dessas coisas.

Mas falo:

– É o que o Noah diz.

Caleb me dá um cutucão.

– Quem é esse Noah? O novo amor da minha irmãzinha?

Sinto um calor subir pelos meus ombros e olho para o outro lado.

– Ele não é meu novo amor. Ele... não sei o que ele é. É diferente.

– Espera. Você está falando do Noah Michaelson, que mora logo ali? Não sabia que eram amigos. Acho que a última vez que falei com ele foi quando

vocês estavam no primeiro ou no segundo ano do Fundamental. A gente fazia uns churrascos com a família dele, lembra? Aí a mãe dele o levou para as Filipinas, pra passar um ano, e não o vimos muito mais depois disso. – Caleb se apoia nas palmas das mãos e dispara: – É, ele é bem differentão.

Espremo os olhos para o meu irmão.

– Você não está falando isso porque ele tem origem filipina, tá?

Caleb faz um barulho.

– Não. Não foi isso que eu quis dizer. Pelo menos, não acho que seja por isso que ele é diferente. Mas *é* um dos motivos de ele ser diferente – filosofa.

– Hum. Os outros... – Então encolhe os ombros e conclui: – Não sei. Ele ficou quieto.

Dessa vez, Ella traz o graveto para mim. Fico examinando por um tempo, olhando para os pontos em que a casca perdeu a cor por causa das suas mordidas. Atiro o galho no quintal. A varanda treme quando Ella sai correndo.

– Ele não liga para o fato de ser eu quem estava dirigindo naquela noite. E, pra mim, isso o torna diferente.

– Todo mundo vai acabar entendendo. Foi um acidente.

– Pode ser. – Limpo as mãos na calça jeans e olho para ele. – Me conta da faculdade.

– É uma boa faculdade – diz, com um olhar malicioso. – Tem um monte de gatinhas.

Dou uma bufada.

– Oitenta por cento do que você faz lá é isso, né? Tem uma aula aqui, outra ali, acho. Só pra deixar o pai e a mãe felizes.

– Só algumas – responde o Caleb.

– Você está feliz de ter ido?

– Claro. É isso que a gente deve fazer, certo?

– É isso que eu não quero fazer.

Caleb joga o graveto e passa a mão no cabelo.

– Existe um mundo lá fora, além desta cidade, sabia?

– Eu sei. Mas sempre quis ficar aqui. Eu sei que deveria estar... sei lá, me

encontrando. Tentando achar meu lugar no mundo. Ou algo assim. Mas sempre soube que meu lugar é aqui.

– Tem lugares piores. Mas... e se tiver lugares melhores também?

Solto um suspiro. Não sou imbecil. Sei que existe todo tipo de lugar. Coisas para gostar no mundo todo. Mas sempre quis voltar para cá, é aqui que me sinto em casa.

– Posso te mostrar uma coisa? – pergunto.

– É nojenta?

– Até parece.

Levo meu irmão até o barco, ainda apoiado em umas tábuas, mas parecendo firme por ter sido lixado. Ele me faz pensar em casa, me amarra a esta cidade, por algum motivo. Porque eu o reconstruí aqui. Porque o imaginei boiando neste rio. Porque consigo imaginar as pessoas que conheço e amo sentadas nele.

Caleb solta um assovio baixo.

– Está muito legal, Kayla Coala.

Não consigo disfarçar um grande sorriso; uma coisa boa, ouvir elogios, me faz sentir que agora está tudo bem.

– Ella quer dar uma volta – anuncia Caleb, entrando no meu quarto sem bater.

Olho pela janela – ainda está escuro lá fora – e levanto as sobrancelhas, sonolenta.

– É madrugada, seu psicopata. Por que você está acordado?

– São quinze para as cinco da manhã. Dá tempo de ir até a trilha e voltar antes de você ir pra aula. Dizem que vai fazer um dia liiiindo!

Quem é esse cara de voz tão animada? Que eu saiba, o Caleb nunca acordou antes do meio-dia se não fosse obrigado.

– Ok. Divirta-se. Tira uma foto do lindo dia pra mim.

Meu irmão põe o pé na bunda da Ella e empurra a cachorra para fora do meu quarto. Ela me olha com pesar, como se também não quisesse ser acordada.

– Ela quer que você venha junto – pressiona o Caleb.

– Foi isso mesmo que a Ella disse? Não parece.

– Foi. “Keia, fem pafiar com a fentche.” Exatamente assim.

– Você é tão burro quanto ela, sabia?

Mas digo isso já levantando da cama e colocando os sapatos. Depois que acordo, não consigo mais pegar no sono. É uma maldição.

– Na verdade, ela é muito inteligente. Está dizendo para você não me confundir com ela. É um insulto.

Ella pula na traseira da picape do Caleb, e ele fecha a porta enferrujada. Vamos em direção à saída da cidade, ouvindo música e olhando a paisagem durante os 45 minutos do trajeto. Quanto mais nos afastamos da divisa da nossa cidadezinha, marcada pelo rio, mais meus pulmões ficam abertos, mais o ar fica fresco.

Pegamos a trilha de três quilômetros que vai até o cume do pico Fellows. O caminho está bem batido depois do verão, quando recebe muitos esportistas, e as últimas flores selvagens da estação se espalham umas em cima das outras dos dois lados, competindo para ver qual chega mais alto e rouba mais raios de sol. Ella pula em cima das flores, toda animada, quase perdida na escuridão, cheirando tudo num ritmo frenético, depois volta a andar na trilha ao nosso lado, dando um longo latido, coberta de pétalas e carrapichos.

No alto da montanha, o Caleb tira duas garrafinhas d’água da mochila. Sentamos na beira do penhasco, com as pernas penduradas sobre o vale, e esperamos o sol nascer. Ella deita de lado e tira uma soneca. A paisagem se desenrola suavemente, água e pasto verde meio seco, salpicada com flores amarelas e lilases, com as sombras do início da manhã. Me sinto outra pessoa. Livre.

– Adoro a vista daqui de cima – diz o Caleb.

– Eu também.

– Vou sentir falta quando for embora.

Eu também sentiria. Senti, no verão passado. Quando vistas de verdade foram substituídas por séries intermináveis de gramados bem aparados e céus noturnos claros demais.

– Acho que preciso te contar uma coisa – continua. Ele inclina a cabeça para trás, termina de tomar sua água, amassa a garrafinha e guarda na mochila. – Não ia te contar, mas estar aqui me ajuda a clarear as ideias, sabe?

Ou quem sabe só solta minha língua, porque a minha cabeça... – Caleb sacode a cabeça e solta um suspiro. – Você conhece a Hailey?

Me inclino para trás, apoiada nas mãos.

– A irmã da Bean. Óbvio que conheço.

– É. Então, fomos nessa festa no rio ano passado, durante as férias de primavera, e todo mundo estava muito bêbado. Como eu estava dirigindo... – Encolhe os ombros. – Eu não tava. Bêbado. Estava lá com o Joe Davis e o Karl Schmidt, e os dois estavam sendo completamente otários. O Karl quase se afogou no rio.

– E...? – Aquela conversa estava me cansando mais do que a trilha e o ar rarefeito. – Eu estava naquela festa, lembra?

Caleb olha feio para mim, por ter interrompido.

– Saí de perto deles, queria ficar um pouco sozinho. Andei na direção daquele antigo armazém. Você sabe qual. Sei lá. Apesar de ter ido na festa e estar me divertindo... comecei a ter vontade de pensar. Fiquei sabendo do trabalho no acampamento lá na cordilheira de Ozark naquela manhã e, uma hora, tive essa sensação esquisita na festa, me dei conta de que ia embora pra sempre dali a dois meses. Só que o armazém não estava vazio. – Ele levanta a perna e entrelaça as mãos atrás do joelho. – Tinha gente lá dentro. Chorando. Quase virei e fui embora. Em parte para não perturbar as pessoas, mas também porque não queria me envolver no drama. Tem sempre um drama rolando nessas festas.

– Tem mesmo – digo, imaginando se o que meu irmão vai dizer tem a ver com a última conversa que tive com ele aqui em cima. Aquela, sobre as coisas que não fazemos mesmo quando devíamos fazer.

– Mas ela me chamou. A Hailey. Levantou, veio até mim e... estava meio acabada. Toda descabelada, com a maquiagem borrada, as roupas molhadas e cheias de lama. Me pediu pra levá-la para casa. Mas não para a casa dela. Ela foi muito... insistente. Então entrou escondido na nossa casa e tomou um banho. Emprestei uma camiseta. Ela não queria falar sobre o que tinha acontecido. Só disse que tinha brigado com o namorado.

Espremo os olhos na direção do horizonte. O campo tem uma beleza selvagem, limitada ao longe por árvores que conferem um formato à vista,

uma sensação de coisa bem acabada, como as sobrancelhas que completam um rosto.

– A Hailey estava namorando o Jay naquela época – comento. – O moleque a atirou no rio, e ela ficou puta. Não sem razão. Os dois terminaram depois disso. Não foi grande coisa. Ela ia embora de qualquer jeito.

Sempre houve altos e baixos.

– Não estou dizendo que aconteceu alguma coisa ruim entre os dois...

Abro e fecho a garrafinha de água. Abro. Fecho. Abro.

– Mas parece que é isso que você está dizendo.

– É, bom, talvez sim, talvez não. Não sei direito.

– Ou seja?

Caleb para de olhar para o vale, se vira para mim e solta a perna que estava segurando.

– Ou seja, espertinha, te trouxe até aqui porque estou preocupado com você. Por que você estava naquele carro com o Jay e o Steven? Você está... bem?

Tomo um grande gole d'água. A indireta do Caleb me dá coceira no braço. Se ele tem algo a dizer, deveria falar logo. Abertamente. Parar de ficar tropeçando nas palavras como um cachorro com uma pulga na pata. Não é o estilo dele.

Porque sim, estou bem. E também... não, não sei se vou ficar bem de novo. Não porque meu tornozelo às vezes lateja ou porque o brilho do olhar do Jay contra a escuridão do céu aparece nos meus pesadelos ou porque lembro onde os machucados roxos apareceram na parte de dentro do meu braço. É porque a Bean *não* está bem. Então, por que não basta saber disso? Por que essa informação não é mais importante do que a minha vontade de voltar para casa?

– Estava dirigindo – digo, finalmente, sem emoção na voz. – Era por isso que eu estava no carro.

Caleb me olha por um bom tempo antes de aceitar minha resposta. Tira a garrafa d'água da minha mão e enfia num bolso lateral da mochila.

Levantamos, limpamos a terra do short com as mãos e voltamos pela trilha. Um vento forte sopra pelo mato e faz meus braços arrepiarem. Arrumo meu

rabo de cavalo. Uma onda surpreendente de raiva aquece meu pescoço.

– E por que você não foi tirar satisfação com o Jay? Por causa da Hailey?

Meu irmão fica mexendo na tira da mochila por um instante e pergunta:

– O que você quer dizer?

– Você sabe tão bem quanto eu o que quero dizer. Alguma coisa ruim aconteceu entre os dois. Todo mundo sabe, mas ninguém fala nada. E você viu. Então por que você deixou passar batido?

– Nem todo mundo sabe – ele responde. Mas para de falar e, em algum momento dessa pausa, deixamos a verdade vir à tona. – A Hailey não queria que eu fizesse nada. Não queria que ninguém soubesse.

– Como você sabe que ela não queria? – pergunto.

O que quero que meu irmão me conte é alguma coisa concreta, alguma coisa que me ajude a saber que tomei a atitude correta ao manter meus segredos quando, neste exato momento, tenho certeza de que isso foi errado. Mas o Caleb não pode fazer

isso por mim. Não sabe ser corajoso, e eu também não.

Sempre gostei de ser próxima do meu irmão. Ser como ele. Menos agora, quando fica tão claro quanto esse céu sem nuvens que nós dois somos covardes.

– Ela nunca mais tocou no assunto depois daquela noite. – Sua desculpa é muito parecida com a minha. – Quer dizer, a Hailey teria contado para alguém se quisesse lidar com a situação desse jeito, certo?

Não se fosse a palavra dela contra a dele. Se estivesse com medo do que as pessoas iam fazer. De como assediariam sua família. Ela não diria nada. Uma estratégia de sobrevivência.

O caminho que escolhi. O caminho que a Hailey escolheu. Que o Caleb escolheu.

Penso no jeito que a Bean me olha desde que voltei. A esperança que sumiu dos seus olhos quando eu disse que não me lembrava direito daquela noite, no verão passado.

Isso tem me deixado com a pulga atrás da orelha já faz um tempo... essa sensação de que o que eu achava que era verdade não é. Aquele sentimento tênue de segurança que aparece quando você guarda um segredo que se

convenceu que deveria ser guardado.

Mesmo que, na verdade, esse segredo queira se libertar.

Fico mordendo minha boca por dentro por um instante, com uma frustração crescente. Ele está preocupado *comigo*. Mas e a Hailey? E a Bean? O que devemos a elas? Esfrego o pulso, e minha voz parece distante quando finalmente começo a falar:

– É essa a desculpa que você dá quando não sabe se fez ou não fez a coisa certa? Se você é ou não é uma pessoa boa?

Caleb dá um passo para trás, com uma leve expressão de choque. Mas não lamento ter falado. Só lamento entender isso tão bem.

PRIMAVERA

– O Noah Michaelson veio falar comigo depois da aula e perguntou se pode levar uns amigos para festa – anunciei, passando um batom nos lábios. – Acho que são uns caras com quem ele toca.

Jen ficou parada, segurando a máscara de cílios perto da pálpebra.

As grandes lâmpadas redondas do seu banheiro deixavam tudo ainda mais glamuroso: o *babyliss* no cabelo dela, o jeito como sentamos nos banquinhos com nossa *lingerie* de renda, a maquiagem espalhada no balcão do banheiro. Éramos duas *pinups*.

Ela estava tentando separar dois cílios que tinham grudado. Encolheu os ombros e respondeu:

– Desde que você avise que a gente não vai parar de tocar música boa pra ouvir o banjo dele. Tem tanta cerveja que dá para convidar a cidade inteira. O Jay ligou para o Matt e para o Herman e fez os dois comprarem um monte de barris de chope. – Jen fechou o tubinho da máscara e jogou em cima do balcão. Depois completou: – Esses otários fazem qualquer coisa por ele. Imagina ficar aqui depois de terminar o colégio fazendo... nada.

– Hm, obrigada? – Olhei de canto para Jen, por baixo do lápis de olho que eu estava segurando.

– Não estou falando de você – disfarçou. Seu cabelo estava todo de um lado, caído no ombro. Ela ficou puxando as mechas para trás e para cima, experimentando penteados, depois deixou cair solto pelas costas. – Só quis dizer... sério, vou ficar tão feliz quando sair daqui e tiver meio país entre mim e o meu irmão.

Larguei o lápis, tirei o batom vermelho da boca com um lenço de papel e experimentei um outro rosinha.

– Por que você está tão brava com o Jay hoje?

– E quando é que não estou? – disse soltando uma risada.

Cheguei mais perto dela e passei os braços pelos seus ombros. Ficamos nos

olhando no espelho, abraçadas. As bochechas delicadas da Jen, seu queixo pontudo e seus braços finos; minhas bochechas rosadas, meu queixo quadrado e meus braços musculosos.

– Acabou o colégio, Jen. Fica feliz! O Jay é só... o Jay. Meio irritante, mas é seu irmão não é? Lembra quando ele passou a noite acordado te ajudando a escrever cartões de Dia dos Namorados pra turma inteira, no ano passado? E que ele sempre lava o seu carro quando está lavando o dele?

Jen repuxou a boca.

– De vez em quando, o Jay é legal. É verdade. Mas não acho que...

Então engoliu em seco e pôs as mãos no meu braço. Vi pelo espelho que seus olhos tinham mudado, perdido a expressão de briga e se transformaram em algo que lembrava pânico. A torneira pingou duas vezes antes de ela falar de novo.

Jen falou baixinho, como se sua voz fosse estilhaçar o espelho se saísse mais alta:

– Às vezes fico pensando que vai ser muito legal quando eu puder ser só eu mesma. E não a irmã gêmea do Jay ou uma integrante da família Brewster. Sem ninguém pra me dizer o que fazer... – Soltou uma risada tão baixa que quase não existiu. – Isso parece bem dramático, né? Só estou louca para poder escolher quem participa da minha vida.

– Espero que você me escolha – digo, apertando seus ombros.

A expressão na boca da Jen estava começando a me preocupar. Talvez não fosse isso. Não fosse uma coisa física, que eu conseguia enxergar, mas um tremor no ar, uma sensação que suas emoções tinha ficado borradas. Confusas. Escondidas de mim.

Alguma coisa tinha acontecido, e ela não queria que eu ficasse sabendo.

– Kayla, eu *sempre* te escolherei. Não consigo nem imaginar ir sem você para faculdade. Você vai ser a lembrança de tudo de bom que existe aqui quando eu sentir saudade de casa. Só queria que viesse comigo.

– Vai ter que se contentar com a torta que eu te mandar quando ficar deprimida lá na faculdade.

Endireitei as costas e peguei o delineador dourado. Jen odiava o fato de eu não querer ir com ela. E seu ódio fazia eu me sentir mal.

– Você faz a melhor torta do mundo. Tá vendo? É exatamente disso que estou falando. Sempre que estou mal, você aparece com uma torta ou faz eu sentar minha bunda em cima do cavalo ou só... é você mesma. E é disso que eu vou precisar. Mas você não vai estar lá. Você é minha pessoa preferida, sabia?

Balancei a cabeça, distraída, e passei delineador dourado embaixo dos cílios inferiores.

– E como poderia não ser?

A Jen soltou uma risadinha e, em um segundo, o clima tenso que tinha tomado conta do banheiro se dissipou como o vapor do chuveiro no vidro.

OUTONO

As nuvens estão cinzentas, carregadas de chuva. É manhã de quinta-feira e estou esperando o ônibus escolar passar. Coloco o capuz. Meio que espero o Noah chegar de carro, derrubando pedaços de ferrugem da lateral da picape. E, então, me encolho toda porque penso que estou ficando acostumada com ele aparecendo de repente quando mais preciso. Ou quando menos espero. Não sei qual é a diferença entre essas duas coisas. Se é que existe diferença.

Quando chego no colégio e desço do ônibus, o céu se abre. Observo os alunos se apressando para entrar no prédio antes de ficarem encharcados. Bem na minha frente, Bean coloca o cabelo atrás da orelha, depois passa as costas da mão no rosto. Ela não está andando rápido. E eu não estou andando de jeito nenhum. Meu capuz não está me protegendo muito bem da chuva. Nem meus sapatos. Os pingos caem na minha nuca e ensopam minhas meias.

Atravesso o gramado correndo para alcançar a Bean antes que ela entre no prédio, sabendo que conversas como a que eu quero ter são mais fáceis do lado de fora, quando tem menos gente prestando atenção, e as palavras desaparecem com o vento fustigando nossas mochilas e nossas roupas e fazendo o dever de casa de alguém voar até o estacionamento.

Só que, antes que eu consiga alcançá-la, Bean sobe a escada e some dentro do prédio. Faltam cinco minutos para tocar o sinal do primeiro período, e os corredores estão cheios. Meus sapatos guincham. Sigo a Bean de perto, acompanhando o ritmo dos seus passos. Ela para abruptamente na frente do seu armário, e trombo nela sem querer.

– A gente era bem amiga – disparo. – O que foi que aconteceu?

Como a Bean não se virou, não consegue ver o quanto cada palavra que digo faz eu me encolher, até sentir que meus calcanhares estão raspando na parte de trás dos meus sapatos. Que coisa mais imbecil de se dizer, já que eu também tenho evitado a Bean. Tirar satisfação quando cuidei tão pouco da

nossa amizade é uma hipocrisia.

O que realmente quero dizer é: *Você nunca falou com a polícia. Nunca prestou queixa. Cortar relações com uma amiga antiga é suspeito. Mudar seu comportamento, ter atitudes que não teria... tudo isso deve ser uma indireta para os outros perceberem que tem alguma coisa errada. E, já que ninguém entendeu isso ou que todo mundo está ignorando ou... alguma outra coisa... quer dizer que resolvemos não falar nada, certo? Fingir que nada aconteceu, como todo mundo? Certo? Certo?*

Bean abre a porta do armário e vira de frente para mim. O vermelho em volta dos seus olhos a denuncia e faz meu coração apertar. Ela não estava limpando a chuva do rosto.

– Nada. Está tudo bem entre a gente.

– Não está, não – digo, baixinho. – Nem entre a gente nem entre nenhuma de nós.

Uma dor começa a crescer no meu peito. Surge devagar, vai aumentando sem parar até que, de repente, grita. Uma chama que arde, dolorosa.

Éramos quatro. Éramos quatro em uma cidadezinha com um rio serpenteante e um restaurante que servia pães doces do tamanho da nossa cabeça. Éramos.

Bean começa a mover os olhos: para a esquerda, por cima do meu ombro, na direção da saída.

O vento passa pela porta uivando, mantendo-a aberta mesmo que ninguém a estivesse segurando, e me dou conta de que, na minha ânsia de recuperar a amizade da Jen e de tirar da minha cabeça aquela noite de maio do ano passado, abandonei uma das quatro. A que mais precisava de mim. De quem eu mais precisava.

– Quem sabe a gente pode fazer alguma coisa depois... – Paro de falar, porque ela olha fixo para alguma coisa atrás de mim.

Já sei quem vou ver quando me virar, mas me viro mesmo assim, e vejo a Jen nos observando com cara de paisagem. Quando nosso olhar se encontra, não consigo distinguir nenhuma emoção no seu rosto. Selena está do seu lado, com uma cara suspeita. Mas é nesse exato instante que deixo de me importar. Com o que a Selena vai pensar. Se a Jen vai ou não vai gostar de eu

estar futricando. Por algum motivo, ter percebido quanto Caleb e eu temos sido covardes acende uma mínima chama de coragem dentro de mim. Que me faz acreditar que posso brigar para ter todas as minhas amigas de volta.

Olho para Bean de novo e digo:

– Voltei pra casa, mas tanta coisa mudou enquanto estive fora, Bean.

– As pessoas mudam, acontece.

Ela fica puxando um cacho solto em cima do seu ombro. Tira os olhos da Jen e da Selenia e fica olhando para dentro do escaninho por um instante. Espero que me dê algum sinal de que podemos fechar a porta do passado e deixá-lo para trás.

E quando a Bean finalmente olha para mim de novo, talvez tenha enxergado o que quero. Talvez não queira me dar isso. Fala:

– Você não devia ficar perguntando por quê.

Queria perguntar por que não, mas não pergunto. Só digo:

– A Selenia falou a mesma coisa.

Percebo a decepção dela pelo jeito que retorce a boca de repente.

Mas sua reação deveria ser pior. Deveria ser um berro bem alto e raivoso e um grito de dor.

Sua melhor amiga sabe o que aconteceu, mas virou as costas para ela mesmo assim. E, apesar disso... Bean pisca os olhos devagar, desfaz a careta, solta o cacho de cabelo e fala:

– Acho que ela tem razão. A gente se vê, Kayla.

Ela sai pelo corredor e vira uma esquina, esquecendo de trancar a porta do armário. Eu a fecho e giro o cadeado devagar. No ano passado, todas nós sabíamos a combinação uma da outra.

Quando me viro, Jen já foi embora, mas Selenia continua lá. Estava mais próxima e me observava, mordendo a borracha do lápis.

– Selenia... – começo a falar, mas não tenho nada a dizer.

Ela inclina a cabeça para o lado.

– Kayla... – diz. – Falei que não era pra você ficar futricando.

Depois ela se vira e fico de novo parada ali, sozinha.

Ligo para a Bean e deixo uma mensagem, já que ela não atende.

– Sou eu... – começo.

Mas isso não me parece certo. Como se ela fosse obrigada a me reconhecer.
Começo de novo:

– É a Kayla. Achei que a gente podia ir juntas para o baile de Homecoming.
Quer ser meu par? Me liga.

Bean não me liga.

Acredito no que a Selena disse, que foi a Bean que deu as costas para as amigas. Eu teria entendido o motivo, naqueles dias logo depois do acidente. Agora, não sei o que passa pela sua cabeça. Por que e como ela consegue viver, calmamente, dia após dia, do lado dessas pessoas, quando a raiva que eu sinto é tão pesada que é até difícil me mexer. Mas a raiva dela deveria ser... feroz e explosiva. Porque a Bean queria contar – e ela *contou* para alguém. Para a sua melhor amiga. Não ficou em silêncio porque quis. Mas porque teve que ficar.

Eu poderia ter mudado isso. Ainda *posso* mudar tudo isso.

Mas tenho medo. Um medo que, afinal de contas, pode ser maior do que a raiva que sinto.

Em uma cidadezinha onde parecia que, por tanto tempo e de um jeito tão bom, nada mudaria, as coisas mudaram. Mudaram naquela noite e mudaram enquanto estive fora, e não posso mudar as coisas de novo, fazê-las serem do jeito que eram antes de eu ir embora. Apesar de continuar tentando.

Não quero sentir raiva e não quero sentir medo. Não do meu próprio lar.

Eu fico deitada dentro do barco tomando refrigerante, esperando Jen vir me buscar para irmos à quermesse do Homecoming. Depois que a tempestade passou, o céu está limpo e ensolarado de novo.

Mando um torpedo para o Noah.

Você vai para quermesse?

Quem está falando?

Depois dessa mensagem, ele manda outra.

Estou brincando. Acho que sim.

Ontem, no colégio, peguei o Noah me olhando quando a gente se cruzou no corredor. Minha respiração acelerou. Sua camiseta laranja e desbotada tinha um alce de desenho animado estampado. Ficava esticada de um jeito legal nos seus ombros. Parei de andar, me preparando para falar com ele, mas Jen

me pegou pelo pulso e me puxou. Aí o Noah e eu passamos um pelo outro sem dizer uma palavra. Mas pude ver a expressão de interrogação nos seus olhos. Imaginando se, agora que eu tinha reconquistado minhas amigas, não teria mais espaço para ele.

Se ele sairia da minha vida.

Não quero que isso aconteça.

Quero a sua amizade e a de todo mundo. Foi por isso que voltei. É por isso que tenho me esforçado tanto.

E quero a Bean de volta também. Então por que é que ela fica longe de mim – como se nós duas tivéssemos resolvido esconder nossos segredos? Como se *nós duas* não estivéssemos fingindo que não tem nada de errado?

Talvez eu só esteja tentando convencer a mim mesma de que estamos fingindo. O mundo poderia rachar ao meio se a Bean soubesse que lembro tudo o que aconteceu naquela noite.

É claro que ela não é mais amiga da Jen e da Selenia. Nem minha.

Como é que pode olhar para nós sem ter vontade de vomitar?

Fico tão quieta que sinto a Terra girando embaixo dos meus pés. Uma onda de tontura escurece minha visão. Sento e me apoio na beirada do barco para o meu vômito cair na grama e não no barco que acabei de pintar.

Bem quando o primeiro mês de volta às aulas está acabando, os eventos fervem: hoje à noite tem quermesse, amanhã tem o baile e, por fim, o grande jogo de sábado à noite, contra o Highland Hills, o pior time do estado. Sempre marcam o Homecoming coincidindo com a época em que a equipe que teve o pior desempenho no campeonato do ano anterior vem jogar em Winbrooke. A vitória garantida faz os ex-alunos acharem que a viagem valeu a pena.

Fecho o zíper do meu casaco até o fim para me proteger do vento gelado soprando pelo pátio do colégio durante a quermesse. Sinto um cheiro bom. Tudo cheira bem. A umidade insistente do ar carregado de terra, as barraquinhas de comida e os fardos de feno usados como bancos.

– O pessoal que vai trabalhar na barraca do beijo é um lixo – Selenia diz enquanto esperamos seu turno no tanque de água terminar. – Não vou nem me dar ao trabalho.

Encolho os ombros e fico olhando o bicho de pelúcia cor-de-rosa e laranja, que parece um porco-espinho, que ganhei na corrida dos balões. Sempre fui boa nessas brincadeiras de quermesse. Ele tem os olhos tortos, mas gosto da imperfeição.

– A barraca do beijo é nojenta. Ficar trocando germes. Eca.

Selena levanta a sobrancelha para mim e diz:

– Por isso acho bom só sair com caras que já estão na faculdade.

– Claro, porque todo mundo sabe que *eles* não transmitem germes.

– O seu irmão, por acaso, transmite germes? – Ela olha por cima do meu ombro e dispara: – Esqueci o quanto ele é gatinho.

Me viro e vejo o Caleb tentando virar sapos de borracha em cima de lírios flutuando numa piscininha inflável. Eric, que já foi umas duas vezes lá em casa desde que meu irmão voltou, está do seu lado com a mesma expressão de adoração que sempre faz quando olha para o Caleb. Mas meu irmão é um herói sem brilho. Erra o lírio toda vez, entrega mais dinheiro e erra de novo, gritando e urrando toda vez que o sapo cai na água, como o velho Caleb faria. Um grupo de pessoas começa a se juntar em volta.

– O que aconteceu com o Dan? – pergunto.

– Não transmitir germes não é meu ponto forte. – Seu sorriso é de pura malícia.

Reviro os olhos e arrasto Selena até as barracas de comida.

– Estou com fome. Cachorro-quente, refrigerante de ervas e churros ou morte!

– Você quis dizer cachorro-quente, refrigerante de ervas, churros e morte – diz ela, dando risada e segurando a barriga.

– Você acha que isso é ruim? Seu gatinho Caleb sempre come bolinho de chocolate recheado de marshmallow frito.

O barulho de nojo que ela faz é acentuado pelos gritos do pessoal que está perto do Caleb. Ele finalmente conseguiu acertar um sapo no lírio.

Andamos para cima e para baixo pelas barraquinhas de comida e, com as guloseimas na mão, entramos no estádio de futebol americano. Vamos subindo as arquibancadas até encontrarmos uma vista legal. Um fazendeiro de boné está tomando ponche de um copo de plástico vermelho duas fileiras

abaixo, se exibindo para as amigas sentadas na fileira de baixo. Uns caras do time de futebol estão jogando bola mais para a frente. O vento brinca com o meu rabo de cabelo. O pico Fellows parece um borrão, lá longe.

Inspiro e solto o ar bem devagar.

Selena está com a boca cheia de churros.

Dou uma mordida enorme no meu cachorro-quente com mostarda. Quando engulo, coloco meu pratinho do meu lado, na arquibancada.

– O Jay estava bêbado aquela noite.

Selena esfrega as mãos, e uma nuvem quase invisível de açúcar de confeitiro voa até o chão do estádio.

– Pelo menos isso – diz ela, por fim.

– Então por que isso não apareceu no boletim de ocorrência?

Selena fica enrolando uma mecha comprida de cabelo em volta do dedo bem devagar.

– Jay é filho da Erica Brewster. Ela poderia ter convencido todo mundo que o Steven é quem estava dirigindo, se quisesse. Mas isso tem importância? O Jay não estava dirigindo. Não é crime estar bêbado no banco do passageiro.

Me contorço toda ao ouvir o nome da mãe do Jay. Até hoje ela evita olhar para mim quando estou na sua casa.

– É porque o Jay é menor de idade.

Selena debocha:

– Até parece que alguém liga pra isso.

Jen aparece no estádio, passando uma toalha no cabelo molhado, e acena para nós.

– A Jen acabou o turno dela – falo. – Acho que o fato de ele estar bêbado tem importância, sim. Em outro sentido.

– Poxa, Kayla. Os meninos estão bêbados o tempo todo.

Isso é só mais uma coisa que os meninos fazem.

Ela não deveria ter bebido. Não deveria ter ido embora sozinha. Não deveria ter dado em cima dele. Não deveria ter usado aquela saia.

A música a várias arquibancadas de distância chama a minha atenção. Há um grupinho em volta de um menino tocando violão. Não é o Noah. Mas, de

repente, me dá vontade de encontrá-lo. Procuro no meio da multidão e, depois de um tempo, vejo seu cabelo cor de areia molhada na barraquinha do jogo de dardos. Ele estica o braço para trás e atira um dardo. Ouço um balão estourar. Ou talvez imagino ter ouvido.

Quero que o Noah vire para trás e olhe pra mim. Mas ele não faz isso.

– Você devia convidar alguém pra ser seu par no baile – diz a Selena.

Eu convidei.

– Não, já não dá mais tempo – respondo.

Com quem será que o Noah vai? Se é que ele vai. O que será que diria se eu o convidasse? Imagino-o gaguejando para recusar, tentando não me magoar, porque não existem motivos para querer ir ao baile com uma garota que parece ter virado as costas para ele assim que viu as antigas amigas...

Espanto um mosquito que está parado no canto do meu prato.

– Ei, olha lá a Jen. Vamos sair daqui.

Descemos as arquibancadas, jogamos o resto da comida no lixo e entramos de novo no meio dos alunos, ex-alunos, professores e funcionários que estão no campo.

– A água estava muito fria? – pergunto para a Jen.

– Gelada.

Jen treme e aperta ainda mais a toalha enrolada em seus ombros.

– Vocês viram o Jay?

– Acho que ele ainda não chegou – responde a Jen.

– É, seria esperar demais que ele trabalhasse no tanque de água. – Jen faz careta. Uma tentativa duvidosa de parecer que está brincando. – Imbecil.

Na barraquinha de *souvenirs*, Bean e sua nova amiga Grace estão lutando de mentirinha com espadas de gladiador feitas de espuma. Meus pés congelam. Fico observando as duas por um bom tempo. Tempo demais.

Grace olha para mim, e sua boca se retorce num sorriso envergonhado. Por eu tê-la visto agindo como criança.

Mas, quando Bean me vê, o sorriso que tinha no rosto desaparece. Ela aperta os lábios e guarda a espada na cesta.

– Anda logo, Kayla! – grita a Jen, e eu vou atrás dela, fingindo que não fiquei olhando para a Bean. Acho que ela não percebeu, e também não

interessa, porque todo mundo começa a gritar.

– É, cara, olha lá ele! – berra alguém do meu lado, batendo palmas em cima da cabeça. Um assovio agudo fere meus ouvidos.

Jay Brewster finalmente resolveu dar o ar da graça.

Nos arrumamos para o baile na casa da Jen porque seu par vai buscá-la, e eu vou de carona.

Talvez eu *devesse* ter convidado o Noah para ir comigo.

Talvez eu não *devesse* ir ao baile.

O vestido branco tomara que caia realça o corpo da Jen do ponto onde seus peitos pequenos estão espremidos até a metade da coxa. Suas pernas são compridas, compridas, compridas. Ela deixa o cabelo solto e faz uma maquiagem *mod*, estilo anos

1960: delineador grosso na pálpebra superior e batom nude. Meu vestido é preto, com uma saia curta e bem cheia, de tule. Faço um coque e pinto os lábios com batom vermelho escuro. Cambaleamos pelo quarto da Jen com nossos saltos altíssimos. Eu consigo andar um pouco melhor do que a Jen, apesar do meu tornozelo machucado.

O par da minha amiga toca a campainha, e visto minhas luvas de renda.

A Erica Brewster aparece na porta do quarto.

– O T.J. chegou – fala para a Jen. Sempre para a Jen, apesar de eu estar bem do seu lado. Ela nunca fala comigo, nunca olha para mim, nunca pensa em mim.

– Minha mãe é uma vaca – Jen sempre diz, mesmo quando não toco no assunto. – Ignora ela.

E eu a ignoro mesmo, e a Erica também me ignora. Sei que, vindo dela, isso é o melhor que vou conseguir.

Lá embaixo, o T.J. está parado na porta com o Jay. Os dois estão usando calça social preta, mas o T.J. pôs um colete cinza por cima de uma camisa cor-de-rosa, e o Jay está de gravata e terno. Alguns meses atrás, eu teria ficado louca com a Jen por ela não ter me perguntado se podia ir ao baile com o T.J. *Eu* é que estava a fim dele. Mas, agora, quando ele diz “oi, Kayla”, meu nome ainda soa um pouco como “*killer*”. Não ligo *mesmo* se a Jen não me perguntou nada.

Não sou mais a mesma Kayla.

Jay também diz “oi” e, pela primeira vez, me pergunto como é que ele pode olhar para mim. Sendo que, no verão passado, enfiei o carro em uma vala para escapar dele. Como o nosso relacionamento pode ser tão normal agora? Como se ele não se importasse com o que fez, com o que eu fiz, com o que posso saber a seu respeito?

Jay nunca precisou se importar com nada.

T.J. olhou para a Jen com aquele sorriso que os meninos dão quando sabem que vão se dar bem. Jay dá um tapa nas suas costas e diz:

– Se comportem, crianças.

Até parece que a Jen não é cinco minutos mais velha do que ele. Em seguida, sai pela porta com as chaves na mão, e vai buscar seu par.

– Vamos? – T.J. fala, oferecendo o braço para Jen. Me viro para não ver seu showzinho de cavaleiro da Távola Redonda e me enfio atrás dos dois e das suas risadas nervosas.

O ginásio da escola está decorado como qualquer outro ginásio de escola nos bailes de filmes adolescentes: torres de balões nos lados da porta, mesas de comida e um painel com um arco para tirar fotos. Longas serpentinas se cruzam sobre nossas cabeças. Há um DJ no palco, sob um arco-íris de luzes estroboscópicas. Quando chegamos, alguns casais estão dançando mal uma música lenta da trilha sonora aprovada pela administração.

Fico procurando a Bean.

E depois me obrigo a não ficar procurando a Bean.

Jen e Selenia largam de seus pares por três músicas, e nós dançamos em rodinha. Deixamos umas meninas entrarem – as princesas dos bailes anteriores, uma ou outra amiga –, mas não todo mundo. Entre uma música e outra, olho em volta e penso que, se tivesse tomado outra decisão, eu poderia ser uma dessas pessoas.

Lá pelo meio da noite, me permito admitir que a Bean não está aqui. Aí ligam os holofotes, e os integrantes da organização do Homecoming são apresentados, um por um. Eles fazem piada dizendo que dois irmãos vão ser eleitos rei e rainha do baile, mas no fim as piadas não estão erradas. Quando terminam de falar, o Jay e a Jen estão em cima do palco com coroas na

cabeça.

É o momento culminante que os dois esperam há anos. Em outra vida, eu poderia estar lá em cima com o Jay. Ou a Bean. Mas sempre teria sido o Jay.

Em vez de dançarem juntos, como normalmente o rei e a rainha do baile fazem, eles vão buscar seus pares e entram na pista de dança.

Dou um sorriso para a Jen porque os holofotes destacam os tons de dourado do seu cabelo e seu vestido brilha, e o T.J. sorri como se fosse o cara mais sortudo do salão. Esse instante de alegria acaba quando a Maria e o Jay, rodopiando devagar, bloqueiam minha visão da Jen. Começo a tremer. Alguém abriu as portas para se livrar um pouco do fedor de suor de tantos adolescentes juntos e, de repente, fica muito frio. Os músculos do meu maxilar travam. Selenia e seu par, que está na faculdade mas veio para o baile, se dirigem para a pista de dança quando o DJ anuncia que, agora, todo mundo pode dançar. Fico sozinha parada ali.

Saio do salão e ligo para minha mãe, para ela vir me buscar. Sei que ficou surpresa pelo silêncio que faz quando peço. Mas então simplesmente diz que já vem, e me sinto grata por ela enxergar algumas coisas claramente, mas outras não. Afundo os saltos dos meus sapatos na grama.

– A festa é lá dentro – diz Noah, chegando atrás de mim.

– Então por que você não está lá?

Viro de frente para o Noah. Sua camisa está desabotoada no colarinho, e ele está de tênis de skatista e calça cargo. Meus ombros nus se arrepiam, mas isso não tem nada a ver com o frio.

– Com quem você veio? – pergunto.

– Com ninguém. Acabei de sair do trabalho.

– E veio pra cá, quando poderia ter ido para qualquer outro lugar?

Ele não responde. Alguém abre a porta do ginásio, mas não consigo ver quem é porque estou observando o Noah me observar. Tenho a sensação de que minhas costelas são uma gaiola prendendo um passarinho em pânico. Seu olhar percorre minha clavícula, para um pouco, depois volta para o meu queixo, meus lábios, meus olhos. Ousadia e timidez lutam dentro de mim até eu conseguir recuperar o fôlego, quando ele engole em seco, nervoso, e toma uma decisão.

Encosto meu corpo no dele e pego sua mão, sem conseguir me controlar. Penso melhor. Passo o braço nos seus ombros e, quando ele envolve minha cintura, abraço seu pescoço. Noah tem ritmo, e ficamos dançando a música que ouvimos ao longe, meus pés amassando a grama, seus tênis escorregando na terra.

– Você veio para cá quando poderia ter ido pra qualquer outro lugar – ele diz, com a boca encostada no meu cabelo.

Por algum motivo, sei que o Noah não está falando do baile.

Faróis iluminam a noite, e me afasto do Noah. Meu corpo não fica feliz. Quer continuar naquele abraço, sob aquele olhar curioso e quente.

Mas abro a porta do carro da minha mãe e entro.

– Obrigada por vir me buscar – falo.

– Aquele ali é o Noah Michaelson? – ela pergunta, olhando pela janela enquanto manobra o carro.

Noah fica esperando, com as mãos nos bolsos, até sumirmos de vista.

– É. – Encosto o cotovelo na porta e repouso a cabeça na mão. – É o Noah. Quando chegamos em casa, digo:

– Estou bem cansada. Vou pra cama.

Já estou na metade da escada quando minha mãe me chama. Olho para baixo e a vejo parada na entrada, com as chaves do carro na mão. Não está mais com o chapéu de jardinagem que usava quando saí para a casa da Jen, mas seu cabelo ainda está grudado na cabeça. Minha mãe não se preocupa com esse tipo de coisa.

Ela se preocupa comigo.

Leva alguns minutos para decidir o que dizer. Fico imaginando as possibilidades, mas são tantas que me perco. Por fim, ela diz apenas:

– Boa noite.

– Boa noite, mãe.

Espero até ouvi-la conversando em voz baixa com meu pai na cozinha e termino de subir a escada. A cada degrau, fico repassando o rosto e as palavras do Noah na minha cabeça. Sim, voltei para cá. Voltei para recuperar um mundo de amor e alegria, um lugar salpicado de magia. Mas as pessoas que moravam aqui não são mais as mesmas. A poeira do ar ao nascer do sol

não brilha mais, só parece sujeira. O rio não tem mais um cheiro fresco, mas fede à água parada. A magia se foi. Deste lugar... e de mim.

E o que posso fazer? Entro no meu quarto. Por um instante, parada em frente à porta fechada do armário, quis ter pedido para minha mãe subir comigo. Para encararmos essa escavação juntas. Para ela me dizer o que fazer.

Abro a porta do armário. Tiro a sacola que trouxe do hospital. A sacola daquela noite.

Os paramédicos devem ter achado que tudo o que estava comigo era meu. Minhas roupas. Meus sapatos. O que estava dentro do meu bolso.

E o que não estava comigo? Minha bolsa. Minha carteira de motorista.

Não me movo, com as mãos enterradas nas lantejoulas roxas.

Por que ninguém comentou que eu estava sem minha carteira de motorista?

Meu rosto está tão quente que parece que enfiei a cabeça dentro do forno. Levanto, deixo a sacola no chão e vou até a pia do banheiro para lavar o rosto.

Volto para o quarto.

Desta vez, tiro tudo de dentro da sacola. Peça por peça de roupa. Os sapatos de salto batem na parede. E, no fundo, há uma lembrança.

Um celular.

Me afasto dele de novo. Depois chego mais perto. Fico segurando o aparelho. O celular não é meu. É do Steven. É só mais uma coisa que saiu voando do carro aquela noite. Como o Steven. Como eu.

Eu guardei este celular no meu bolso, na primavera do ano passado.

E fiz uma promessa para a Bean.

PRIMAVERA

Selena e Bean apareceram no meio de uma nuvem de perfume, com vestidos esvoaçantes, uma hora antes de a festa começar, bem quando a Jen e eu íamos começar a nos arrumar.

– Que horas seus pais vão sair? – perguntou Selena, conferindo o cabelo no espelho e passando *spray* para domar um fio rebelde.

– A qualquer minuto – respondeu a Jen.

Como se adivinhasse que estávamos falando dela, Erica Brewster apareceu na porta do quarto da Jen e tamborilou as unhas vermelhas no batente.

– Já vamos – falou. Passou os olhos por mim, Jen e Bean. – Vocês estão muito bonitas, meninas.

– Oi, sra. Brewster! – berrou a Selena, lá do banheiro.

– Você também está muito bonita, Selena! – gritou a mãe da Jen, apesar de não conseguir vê-la. – Boa festa e se comportem. Qualquer coisa, me liguem no celular. Kayla, tenho certeza de que você não vai deixar ninguém se meter em encrenca. – Seu sorriso era tão grande que chegava no canto dos olhos. – Confio em você.

– Vou fazer de tudo – respondi. E acenei enquanto ela desaparecia no *hall*.

Jen se virou para mim com um brilho nos olhos e disse:

– Enfim sós.

Nós quatro sorrimos, e um arrepio de ansiedade percorreu minha espinha. Liguei o som da Jen e fiquei acompanhando a batida com os pés.

No banheiro, Selena tinha trocado o *spray* de cabelo por uma garrafa de vodca e suco de *cranberry*, que tinha trazido escondidos na bolsa, e os ofereceu para nós. A bebida estava quente, e eu recusei.

– Traz suco de laranja da próxima vez – falei. – Esse negócio de *cranberry* que você compra é praticamente água com açúcar e corante vermelho.

– Relaxa, Kayla – disse Selena. E levantou a sobrancelha para mim, olhando por cima da boca da garrafa.

– Vou esperar coisa melhor.

– E isso não vale pra todas nós? – falou a Jen.

Jay chegou trazendo um bando de garotos barulhentos, e ficamos observando-os arrumar os barris de cerveja no quintal e tirar a capa da hidromassagem. Jen falou onde queria as tochas no gramado e as mesas no deque de madeira nos fundos da casa. Bean e eu abrimos os sacos de salgadinhos e os arrumamos em tigelas grandes de plástico.

– Você está deixando cair fora da tigela – falei para Bean, porque metade dos *pretzels* tinha ido parar em cima da mesa.

– Ooops. – Ela deu uma risadinha e movimentou o corpo todo para ver a bagunça que estava fazendo. Tropeçou nos próprios pés. Dei risada e coloquei a mão no seu ombro para ela não cair.

– Quanto de bebida a Selenia te deu?

Bean e eu normalmente não bebíamos. Éramos os pesos-pena da turma.

– Ah, meu Deus, nem sei. A gente tomou umas na minha casa antes de vir pra cá. – Ela se equilibrou, olhou para um ponto em cima da minha cabeça, apontou e disse: – Olha só isso.

Me virei e, juntas, ficamos olhando as pinceladas douradas e carmins do pôr do sol ficarem cada vez mais escuras e misturadas. Por cima da mesa, Bean segurou minha mão. Expiramos o ar do dia e inspiramos o ar do cair da noite.

– Você devia pintar isso.

– É lindo – disse, baixinho. Seu rosto claro refletia os raios amarelos e esmaecidos do sol, e seus olhos ficaram de um tom de turquesa desbotado que lembrou as ondas que batiam na beira da praia na Flórida, durante as férias de primavera. Apertei sua mão.

– Agora se beijem.

Nosso bonito momento foi interrompido pela voz irritante de um garoto atrás da gente. Nos viramos.

Steven McInnis estava apontando o celular para a gente, com o braço firme e os olhos fixos na tela. Bean fez uma careta.

– A gente não está aqui para te excitar.

Tentei dar um tapa na sua mão, mas ele a tirou muito rápido.

– Que pena. Eu ia curtir.

– Vai à merda, Steven.

Ele sacudiu a cabeça e falou:

– Não seja assim, Kayla. Por que você tem que ser tão cruel? *Dá um sorriso.* É o primeiro dia do verão. Você fica mais bonita sorrindo.

Revirei os olhos para ele.

– Não estou tentando ficar bonita para *você*.

Selena veio por trás dele, cerrou os punhos e acertou um soco no seu ombro.

A cara do Steven se contorceu toda.

– Mas que merda...

– Deixa de ser babaca, seu bundão.

Steven fez cara feia para ela, com aquelas sobrancelhas pretas e olhos sombrios, mas caiu fora e foi incomodar outra pessoa.

Dei um sorriso de gratidão para a Selena.

– Vou correr lá dentro e pegar uma água pra Bean – falei. – Fica aqui. Ela pode precisar... se segurar em alguém.

Bean mostrou a língua para mim. Selena deu risada e passou o braço nos seus ombros.

Da janela da pia da cozinha, vi o Steven fazer uma dancinha imbecil para a Maria. Ela colocou as mãos no quadril e o ignorou. Mas a menina com quem ela estava conversando deu uma risadinha para ele.

Dei um gole na água da Bean. O quintal estava lotando rápido, vários carros cheios de gente estavam estacionando, e as pessoas se espalhavam pelo vasto gramado da casa da família Brewster. Alguém ligou o som.

Jen me viu e acenou. Ri da sua cara de sedutora e comecei a dançar para ela.

Deixei a caneca do lado da pia. Esqueci minha preocupação com a Bean dentro da casa.

OUTONO

Minha bicicleta ainda range. Acho que sempre vai ranger.

O celular queima no meu bolso, fazendo um buraco.

Meu caminho me leva de uma ponta à outra da Third Street, mas é tarde demais – ou cedo demais – para o cheiro dos pães adoçarem minha jornada.

Paro na casa da Jen e fico esperando, olhando para as janelas escuras, sabendo que ela ainda está no baile ou no banco de trás do carro onde estive mais cedo, estacionado na beira do rio ou em alguma rua escura. Minha casa é uma fazenda antiga que meus avós construíram quando se mudaram para cá, séculos atrás. A casa da Jen é bem novinha. Parece uma caixa, com um monte de janelas. Está aqui há tanto tempo que nem paro mais para pensar nela, mas, quando foi construída, eu tinha que espremer os olhos para conseguir olhar. Parece uma pedra grande no meio do rio, perturbando o fluxo natural das coisas.

Seu lugar não é aqui.

Caminho mais uns cem metros antes de subir na bicicleta de novo. Não é fácil encontrar o lugar certo. Fico procurando sinais: uma casca arrancada da árvore, marcas de pneu na estrada, cascalho espalhado. Está na minha cabeça. Parece aqueles quadros de paisagem que a gente encontra no sótão, com a imagem empoeirada, mas, ainda assim, é reconhecível.

Quando chego lá, jogo minha bicicleta no chão e sento. Poderia estar sentada em cima de óleo velho ou sangue do acidente. Não é uma sensação estranha, mas também não é conhecida – como tudo nesta cidade. É a sensação de que nada disto deveria existir.

Tiro o telefone do bolso. Deixei o aparelho carregando por uma hora num carregador que encontrei no quarto do Caleb. Vozes na minha cabeça me dizem o que devo e o que não devo fazer. Algumas são de outras pessoas.

Não vai ficar futricando.

Você não se lembra mesmo de nada do que aconteceu aquela noite?

Tudo bem, foi um acidente.

A sua torta já foi vendida.

Outras são só minhas.

Assiste.

Não assiste. Isso vai mudar tudo.

Não necessariamente. Assiste.

Não assiste, Kayla. Não assiste.

Este celular pertence a um menino morto. Passo o dedão no aparelho e pisco enquanto a tela inicial carrega. Ainda bem que ele não pôs uma senha para bloquear. Ainda bem mesmo?

Abro o aplicativo de fotos e, antes de perder a coragem, escolho a primeira imagem que aparece. O vídeo começa com som de vidro batendo, líquido esguichando. Risadas, vaias e rostos grudados na tela. Olhos grandes, bocas abertas e um movimento nervoso de câmera. A grama se mexendo por um bom tempo. Uma garrafa de cerveja caindo no chão.

Uma voz:

– Acabei de foder com o meu sapato. Você me deve um novo.

– Porra, até parece.

– A casa é sua. Pede pra seguradora.

Gargalhadas.

Minha mão aperta o celular com tanta força que deixa marcas na minha pele.

Mudança rápida no cenário. Aparece o celeiro da casa da Jen. Depois, grama de novo. Em seguida, o celeiro. Me sinto enjoada. Aperto os calcanhares contra o cascalho e curvo as costas, para minha cabeça ficar mais perto do chão. Quando inspiro, o ar tem cheiro de cerveja e cavalo. Alguém deixou um bicho de pelúcia aqui, para o Steven.

– Olha quem está ali – diz, baixinho, a voz conhecida do vídeo.

Paro de assistir porque preciso parar.

Só fico ouvindo. Ouvir é o suficiente.

A quase conversa deles – as palavras da Bean saem devagar e enroladas demais para fazerem parte de uma conversa de verdade. Risadas. A discussão sobre parar de gravar ou não. Mais risadas.

Choro. E risadas. E sugestões tão horríveis que fico enjoada de novo.

Outra voz. Endireito as costas. Odeio ouvir minha voz gravada.

– Bean? Ai, meu Deus.

Viro o celular de novo, com a tela de frente para mim. Bem na hora que um borrão aparece, alguém diz “merda”, e a câmera desliga.

Outra luz aparece no meu campo de visão. Me afasto mais da estrada, espremendo os olhos por causa dos faróis. Não sei de quem é o carro que parou na minha frente até desligarem as luzes e reconhecer que é da Bean. A porta do motorista se abre.

– Também venho aqui de vez em quando – ela diz, como uma forma de cumprimento, enquanto sai do carro. Suas lantejoulas azul-petróleo brilham, banhadas pelos faróis. O cabelo ruivo está preso no alto da cabeça. O cascalho faz barulho embaixo dos seus sapatos prateados.

O celular escorrega da minha mão e vai parar embaixo da minha perna.

– O que você está fazendo aqui? – pergunto.

– Você me convidou pra ser seu par no baile – responde. – Aceito.

Eu já tinha tirado o vestido e colocado uma calça jeans.

– Isso é meio... assustador, Bean.

– O quê? O seu convite? Ou eu não te ligo para confirmar antes de aparecer?

– Você aparecer *aqui*.

– Eu não planejava vir aqui. Estava indo para o baile. Você passou por mim de bicicleta na Third Street e nem notou.

– E você veio atrás de mim.

Agora, não sei se queria ter ficado no baile ou se fico feliz de não termos sido vistas juntas lá. O que eu sei é que o jeito que ela me olha – um jeito intenso, sugestivo, vingativo – me assusta um pouco. Pareço um bicho expulso da própria toca. Não tenho como me esconder.

– Fiquei curiosa pra saber aonde você estava indo. Aqui é um lugar estranho para uma reunião pós-festa.

– Não foi bem uma festa.

Me encolho toda. Sei que não vamos conversar sobre o baile, mas é isso mesmo que eu quero. Conversar sobre qualquer assunto que impeça a Bean

de falar as coisas que, com certeza, ela quer falar.

Mas não consigo impedi-la. Todas as palavras que guardou dentro de si saem se atropelando.

– Fiz uma marca na árvore, para poder lembrar onde foi que aconteceu. – Ela aponta para o “x” entalhado na casca da árvore que está atrás de mim, depois para o bicho de pelúcia no chão. – Trouxe o urso no dia do funeral do Steven. É algo doentio?

“Sim”, me dá vontade de dizer. Mas não consigo. Não quero pensar na Bean parada ali, sozinha, segurando um presente para o Steven no funeral, porque ninguém quer escutá-la.

– Quando venho aqui, penso que os dois morreram no acidente. Todos dizem que eu sou a menina mais legal que eles conhecem, mas fico *feliz* que alguém tenha morrido. Queria que mais alguém tivesse morrido também. – Ela senta perto de mim e fica observando meu rosto, como se estivesse procurando alguma coisa. Concordância. Confirmação. Porque eu sou a única pessoa que não pode pensar mal dela por ela querer que alguém tivesse morrido. E o que a Bean encontra a deixa satisfeita. Ela balança a cabeça e continua: – Também não me sinto culpada por querer isso. Se isso acontecesse, não precisaria olhar para cara dele todos os dias, no colégio. E sentir de novo e de novo o que ele me fez. Era isso que você queria também, hein, Kayla? Que eles morressem. Ou que se machucassem de alguma maneira. *Que não escapassem ilesos*. Você fez aquilo de propósito. Jogou o carro na vala. Você fez isso por mim.

– Eu não... – falo, quase engasgando. Engulo em seco. – Não vi tudo. Aquela noite, quero dizer.

Ela estica a mão. Toca meu ombro. E a tira.

– Não interessa. Viu o suficiente. Você fica repassando o que aconteceu. Na sua cabeça. – Ela faz sinal para o celular. – Com o vídeo. Agora você se lembra do que aconteceu, não lembra?

Eu lembro. Lembro muito antes que “agora”. Ainda não lembrava quando a polícia perguntou, então naquela época não era mentira. Mas lembrei antes de voltar para cá. As

peças do quebra-cabeça foram se encaixando enquanto eu explorava o bairro da tia Bea, no subúrbio de Kansas City. Eu lembrava quando comia, e engolir foi ficando mais difícil à medida que eu pensava mais nisso. Eu lembrava quando dormia, e meus sonhos pareciam granulados como aqueles filmes antigos, até que eu só conseguisse reconhecer uma noite marcada pelo medo.

Mas, todos os dias, enquanto estive fora, eu falava com meus pais. E, como eles não tocavam no assunto, não falavam sobre o que aconteceu naquela noite antes do acidente – as coisas que levaram o acidente a acontecer –, me dei conta de que a Bean não tinha contado para ninguém o que fizeram com ela. E o silêncio dela me fez sentir que seria possível voltar para casa. Pensei que ela não *queria* contar. Por fim, achei que, talvez, eu estivesse me lembrando errado das coisas. Que tudo não passava de um erro.

Jay era um astro do esporte. Um herói. Um garoto em quem todo mundo depositava tanta esperança. Poderia ficar com qualquer menina. E, com certeza, não precisaria estuprar ninguém.

Agora sei das coisas. Estupro não tem nada a ver com sexo.

– A Jen sabe? – pergunto, baixinho.

– Sim. Ela sabe. – A expressão da Bean fica mais suave. Engole em seco e olha para as chaves nas suas mãos. – Conte para ela naquela noite. Antes de a gente ficar sabendo do acidente. Ela me disse que eu estava bêbada, tendo alucinações, que devia ir pra casa.

– Tentei voltar para ajudar você – digo. – Tudo teria sido diferente. – O brilho da lua reflete na chave prateada. Nas lantejoulas. A pele da Bean é tão clara. Por que me esforcei tanto para voltar e ajudá-la naquela noite, mas não depois? Como a sua experiência, a minha preocupação com ela, pôde mudar tanto no intervalo entre o acidente e eu acordar no hospital? Como posso ter dúvidas, se ela está bem aqui, na minha frente, depositando tanta confiança em mim?

– Sei que você voltou. Alguém me levou para casa. Não consigo nem lembrar quem foi. Aquela noite inteira parecia um sonho... um pesadelo. Só soube do acidente na manhã seguinte. Fiquei no meu quarto a noite inteira, olhando para parede que nem uma louca.

Do mesmo jeito que fiquei o verão inteiro. Com os olhos fixos no teto

branco do quarto de hóspedes da casa da tia Bea, vendo minhas lembranças passando como num espelho retrovisor.

– Eu precisava ter feito um boletim de ocorrência, mas como podia? A Jen não acreditava em mim. Se ela não acreditava, quem poderia acreditar? – piscou Bean. A máscara de cílios preta fazia seus olhos verdes saltarem. Então continuou: – Você, é claro. Mas aí fiquei sabendo que você não se lembrava do que tinha acontecido. Fiquei tão preocupada. Quando soube do acidente. Depois.

– Você não precisa se preocupar – murmuro. Nunca quis que ela perdesse tempo se preocupando comigo. Nunca mereci.

Bean me dá um sorriso tímido.

– Quando voltou pra casa, achei que era porque tinha se lembrado. Pela primeira vez, depois de meses, tive esperança. Mesmo quando você disse que não se lembrava de nada... eu sabia que as lembranças estavam lá, em algum lugar da sua cabeça. Foi por isso que deixei aquele bilhete no seu escaninho, na primeira semana de aula. Achei que poderia disparar alguma memória ou algo assim.

– Você não precisava que eu lembrasse – digo. – Sua palavra...

– O que o Jay fez com a Hailey... ela foi embora da cidade antes do planejado. Por segurança. Porque sabia que, se ficasse, se contasse para alguém... – Bean endireita as costas, levanta o queixo e olha para o céu. Fala um pouco mais alto, cheia de incredulidade e impaciência com as injustiças que as meninas têm que sofrer: – É assim que funciona, não é? “Ela não deveria ter ido àquela festa”, “Não deveria ter bebido”, “Não deveria ter colocado um vestido”, “Jay era *namorado* dela, é claro que foi um mal-entendido”. – Bean sacode a cabeça, faz um barulho baixinho e conclui: – E ele é o Jay Brewster, então...

Sei o que a Bean quer dizer. A casa da família Brewster é nova. Seu lugar não é aqui. Mas o lugar da família é. A influência da Erica como promotora não é nada comparada com a do tio da Jen, que é senador.

Mas tudo isso é ainda menor perto do apoio de uma cidade que ama seu menino de ouro.

– Só fiquei sabendo o que aconteceu entre a Hailey e o Jay dias depois. Ela

percebeu que tinha alguma coisa errada comigo, então contei. Minha irmã me avisou. “Não conta pra ninguém. Eles vão destruir a gente.”

– Ah, Bean... – sussuro.

Ela olha para mim e continua:

– É, você entende. Os perigos de contar. A Hailey não falou nada porque ficou com medo que descontassem na nossa família. E eles descontaram mesmo assim. – Ela dá risada, mas parece um soluço. – Não acho nem que foi por minha causa. Por causa da minha pessoa. Acho que... foi só por causa dessa disputa de poder louca com a minha irmã. Porque a Hailey terminou com o Jay.

Enterro o rosto nas mãos. Bean deve ter razão. Como é que a Hailey teve coragem de terminar com o Jay? Garotos como ele se sentem no direito de ter tudo o que querem.

Ela solta um suspiro.

– A Hailey se odeia por isso. Mas, pelo menos, foi embora. Eu tive que ficar aqui e *olhar* pra cara dele. Na aula, sento o mais longe possível. Vou para o outro lado quando o vejo no corredor. Mas, ainda assim, ele está lá. – Ela bate com a mão no chão. – Todo... – batida – ...dia. – Batida. – E sei que ele vai acabar comigo se eu contar. Sei que esperei demais para... colher evidências. Poder ir ao médico e dizer: “Olha para o meu corpo, olha o que fizeram comigo”.

Coço o nariz com o pulso. Controlo um tremor.

– Meus pais vão morrer se ficarem sabendo, Kayla – diz. – Mas isso está acabando comigo. O que eles fizeram. E o fato do Jay poder fazer isso de novo.

Limpo a garganta mas, mesmo assim, minha voz sai rouca. Preciso tossir ou gritar ou falar alguma coisa alto, bem alto.

– Sinto muito pela Hailey.

– Eu sei. Eu também. Sinto muito que isso tenha acontecido e que ela não possa ter contado. *Pra mim*, pelo menos. Para me alertar. – Bean chuta o cascalho e se encolhe toda na minha frente. Lágrimas correm pelo seu rosto. – Mas sei o quanto é perigoso deixar um cara como o Jay se safar. E agora você também sabe. Agora existe uma testemunha, e eles vão pagar pelo que

fizeram. Isso nunca mais. Vai. Acontecer.

– Eu não vi tudo – repito, com a voz fraca. Minha cabeça está zumbindo, não consigo pensar em outra coisa para dizer. Quero concordar com ela, mas... ao mesmo tempo, explicar por que voltei. Quero dizer que contar a verdade destrói tudo aquilo que tenho me esforçado tanto para reconquistar e que não consigo pensar em perder meu lar para sempre. Ainda não.

Como eu queria que o acidente *tivesse* me roubado a memória daquela noite. Daria qualquer coisa para não precisar escolher.

– Tudo bem – sussurra Bean. – De qualquer jeito, você sabe. Não vai deixar eles se safarem dessa. Principalmente depois do jeito que te agarraram. Eu lembro. As coisas que devem ter te falado... Você não vai deixar eles se safarem. Sei que você não vai deixar. Porque você jogou o carro na vala. De propósito. Isso quer dizer alguma coisa. E quando você contar para Jen... ela vai ter que fazer a coisa certa. Vai acreditar em você, mesmo não acreditando em mim.

– Será?

– Ter ficado quieta foi errado. Mas eu sabia que não podia acusá-los sozinha. Agora não vai ser apenas a minha palavra contra a deles. Vai ser a sua também. A gente tem provas. Bem aqui. – Bean aponta para o celular, depois balança a cabeça na direção da minha bicicleta e pergunta: – Quer que eu te leve para casa? A gente pode ir conversando sobre quais serão nossos próximos passos. Com quem a gente vai falar.

Sacudo a cabeça e fico de pé, guardando o celular no bolso de trás da calça. Se ela me pedisse, eu o entregaria. A prova.

Por que ela não pede? Pega. Faz a escolha por mim.

– Acho que não... vai caber... no seu porta-malas.

Cada passo vagaroso que dou para longe da Bean parece impossivelmente pesado. Quando finalmente chego na bicicleta e subo, ela range. Como sempre.

– Ok – diz a Bean. – Provavelmente não vai caber mesmo. Mas te ligo amanhã. A gente conversa. Até lá... vai pra casa com cuidado.

– Vou, sim – falo, já pedalando. – Boa noite, Bean.

Quando passo pela casa da Jen de novo, não desço da bicicleta. Não olho para a casa.

Só passo correndo o mais rápido possível, sabendo por que a Bean não me pediu para entregar o celular.

Ela acha que vou fazer a coisa certa.

PRIMAVERA

A casa estava lotada. Tinha gente sentada nos balcões da cozinha. Dançando na sala de TV e esparramada no deque. Fazendo fila para pegar cerveja no gramado e espremida onde conseguia encontrar lugar.

Meu celular não parava de tocar porque as pessoas postavam fotos e marcavam Selena, Bean, Jen, eu, nós todas. Fiquei segurando um copo de plástico vermelho com água até a metade só para parecer que eu estava bebendo e ninguém me incomodar. Tipo o Steven, que perguntou se a cerveja finalmente tinha conseguido me soltar. Respondi olhando feio, em silêncio.

Mesmo sem estar bebendo, meus braços e minhas pernas começaram a ficar mais soltos naturalmente, e minha risada saía com mais facilidade ao longo da noite. Era difícil não entrar no clima: o verão tinha chegado e, com ele, a liberdade. Para algumas pessoas, isso significava o fim de seus anos nessa cidadezinha, e essa era a primeira das últimas festas antes da faculdade. Para outras, era um respiro antes de começar o trabalho duro no campo que preenchia todos os seus verões.

Bean tinha tirado o vestido e estava só de biquíni, rindo da piada de alguém na hidromassagem.

– Entra aqui com a gente! – gritou Jen do outro lado do quintal, saindo de casa, também de biquíni.

Encolhi os ombros e virei de novo para a Bean. Alguém jogava água nela de brincadeira; ela mandava uma onda de volta e levantava as mãos para se proteger. Deu tanta risada que ficou com soluço. As pontas do seu cabelo estavam ficando cacheadas por causa da umidade.

– Depois eu entro – falei para a Jen.

Ela estava bem na minha frente. Alguém tropeçou no deque e bateu nas minhas costas, me empurrando para cima da minha amiga. Era difícil ouvir o que Jen estava dizendo com toda aquela gritaria e aquelas gargalhadas.

– Não – ela falou. – Agora. Anda. Não vou ter muitos “depois” com você daqui um ano, lembra?

– Como você falou na festa do rio, temos um *ano* inteiro.

– Um *nada* inteiro se você parasse de ser tão criançona e viesse comigo para faculdade.

– E *eu* que sou criançona? Você é que tá com medo de ir sozinha.

Observamos Bean sair da hidromassagem, colocar o vestido e calçar os chinelos.

Jen me deu uma cotovelada nas costelas.

– Deixa de ser imbecil. Você podia, pelo menos, se candidatar em algumas faculdades. Para o caso de voltar a pensar direito.

– E perder tempo e dinheiro com isso? Eu *sei* que vou ficar aqui. Que sentido faz?

– Você pode mudar de ideia – respondeu, levantando a voz. Suas bochechas estavam pintadas de rosa. Não era ela falando, era tudo o que tinha bebido. Ou vai ver que *era*, e o álcool finalmente a estava fazendo falar. – Você está sendo burra e jogando sua vida fora nesta cidade, tem um mundo inteiro lá fora.

– Não vou mudar de ideia – falei, levantando a voz também. Fiquei em silêncio. Percebi que o seu pescoço estava ficando vermelho. Depois, disse, mais baixo: – Lamento, Jen.

– É claro que lamenta. – As últimas palavras foram um grito. – Você não *entende*. Ninguém está te exigindo nada. Você pode ficar... ir... ninguém liga. Mas comigo... tudo é tão controlado. Estou sempre sendo comparada com... – A Jen apertou os lábios. Nós duas olhamos para onde seu irmão estava.

Não falei nada por um instante. Depois sussurrei:

– Então vai ser *bom* para você ir embora.

O olhar da Jen cruzou com o meu. Seus olhos estavam vidrados, cheios de coisas que ela não costuma admitir.

– Se você diz... – falou.

Aí se virou e foi andando em direção à casa, fazendo um rabo de cavalo.

Dei as costas e procurei a Bean de novo.

Ela tinha se afastado tanto que não conseguia mais vê-la. Ou quem sabe tivesse ido para os estábulos. Era lá que eu queria estar, percebi. Com minha égua querida. Longe de todo aquele barulho. A noite tinha ficado, de repente, muito estressante. Muito movimentada. Muito claustrofóbica.

Os sons da festa foram sumindo à medida que me afastava pela grama. Um pé na frente do outro, me equilibrando na ponta para os saltos não afundarem no chão. As lantejoulas que pareciam tão bonitas no cabide estavam arranhando a pele delicada da parte de dentro dos meus braços. Doía. Um vento de primavera soltou algumas mechas do meu penteado, que chicotearam meu rosto. Outras ficaram presas no batom dos meus lábios.

Um cavalo bufou. Não parecia Estrela de Caramelo, mas não sabia direito qual era. Quase não conseguia mais ouvir a festa, parecia que tinha mergulhado os ouvidos na água. Meu peito fervia por causa da briga com a Jen. Respirei o ar gelado várias vezes, tentando fazer meus músculos relaxarem. O contorno alto e escuro do celeiro apareceu acima de mim. Ouvi alguém dando risada.

– Bean? – chamei.

Sentar com a Bean, deixar sua calma tomar conta de mim. Era disso que eu precisava.

Mas tinha mais alguma coisa no ar. Nada que eu pudesse apontar – o cheiro dos cavalos era o mesmo, as estrelas sobre a minha cabeça eram as mesmas, o coro cada vez mais alto dos insetos noturnos à medida que eu me afastava da festa era o mesmo. Tudo *igual*.

Mas quando entrei no celeiro, ouvi outros sons. Risadas abafadas, de novo.

Alguma outra coisa abafada. Não era risada. Era um som desesperado.

Segurei num canto do celeiro. Sabia que, se me virasse, descobriria o que era. Arrastei as pontas dos dedos pela madeira envelhecida. Uma farpa entrou no meu mindinho. Um brilho vinha lá do fundo. Só uma luz tênue. Vozes. Meninos.

Virei, chamando a Bean baixinho.

OUTONO

Enquanto espero a ligação da Bean é como se um monte de alfinetes espetassem minha pele. Fico zanzando pela casa que nem um fantasma, coloco cereal numa tigela e como bem devagar. Me demoro lavando as mãos no banheiro, a água quente correndo várias vezes pelos meus dedos. Quando me enxugo, a pele incomoda de tão seca. Penduro no armário o vestido que joguei no chão ontem à noite. Em seguida, mudo de ideia e o jogo no lixo.

Minha cabeça está latejando.

“Quando será que ela vai ligar?”, pergunto para a Kayla que vejo no espelho, engolindo uma aspirina com um copo de suco de laranja.

“Desliga o celular”, digo para a Kayla que está sentada na beira da cama, atordoada, em vez de estar fazendo a lição de segunda-feira.

Não desligo o celular. Desisto de esperar e ligo para a Bean. Está chamando, mas ela não atende. Onde será que ela está?

O que será que está fazendo?

“Sai de casa”, diz a Kayla que não responde quando o irmão, sentado ao seu lado no sofá, vendo TV, faz uma pergunta. “Foge.”

Caleb cutuca meu braço. Ella abre um olho de cachorro, preguiçosa, para nos observar.

– Quê?

– Acorda, menina. Você está parecendo um zumbi. Pergun-tei que horas a gente precisa sair. Não quero pegar um lugar ruim.

– Logo mais – respondo. Estico o braço e deixo uma das orelhas macias da Ella escorregarem pelos meus dedos. Meu corpo parece um formigueiro, com milhares de insetos correndo para cá e para lá dentro de mim. – Agora.

Meu irmão levanta a sobrancelha. Ainda faltam duas horas para começar o tradicional jogo do Homecoming. O celular do Steven está lá em cima, mas juro que posso ouvir o som do vídeo atravessando o chão em cima da minha

cabeça.

Fico de pé e calço meus sapatos, que estão no *hall* de entrada. Obrigo minha voz a não tremer:

– A gente vai encontrar um pessoal na concentração. Pega o casaco. Vamos embora.

O estacionamento do Centro Comunitário, do outro lado da rua do colégio, já está meio cheio quando chegamos. Fumaça sai das churrasqueiras. O som das linguiças fritando e o cheiro de molho *barbecue* tomam conta do ar. Caleb mal encosta os pés no chão e já é levado por ex-colegas segurando latas de cerveja barata. Sigo meu irmão até um canto cheio de *trailers* de comida, onde há um rádio portátil sintonizado no jogo da faculdade local, e uma mesa com salgadinhos e *shots* de gelatina vermelha e dourada, as cores do nosso colégio. Viro um quando não tem ninguém olhando.

Em uma hora, o estacionamento fica lotado e logo os carros estão tomando conta da rua. Selena chega primeiro, depois Jen. Não consigo parar de procurar a Bean; ela tem que estar em algum lugar fazendo alguma coisa, e preciso saber o que é. Quanto tempo tenho antes da Jen e da Selena descobrirem o que eu sei? Quanto tempo até a falsa segurança que construí ao meu redor desmoronar? As pessoas já estão começando a guardar as churrasqueiras, e a família da Bean ainda não chegou. Pode ser que eles simplesmente tenham resolvido não vir ao jogo este ano. Ou quem sabe precisaram ficar em casa por algum outro motivo. Uma vaca doente. Sessão de cinema em família.

– Sei que você nunca bebe, mas deveria experimentar um desses antes que acabem – diz Selena, segurando outro *shot* de gelatina para mim. – Está gostoso. Além do mais, tem as cores do colégio e tudo mais.

Faço que sim, meio atordoada, respondendo ao seu sorrisinho malicioso. Aperto o copinho de plástico e engulo. Ela dá risada, surpresa.

– É o primeiro de muitos.

Começo a me sentir mais leve.

Parei de me preocupar com a Bean.

A primeira fileira de assentos está reservada para a família do Jay. Selena e eu sentamos atrás deles. Estico o pescoço para procurar meus pais e quase

perco o equilíbrio. Vejo Caleb umas doze fileiras para trás, com uns amigos, mas meu pai e minha mãe não estão com ele. Verifico meu celular para ver se chegou alguma mensagem, mas não tem nenhum recado dizendo que eles vão se atrasar.

Olho para cima. A multidão está começando a ficar inquieta. É como se uma leve corrente elétrica estivesse percorrendo as arquibancadas. Com uma explosão de som que fica vibrando nos meus ouvidos, a fanfarra marca presença. À medida que os músicos uniformizados entram no campo, ficamos de pé e urramos. Seguro no braço da Selenia para não cair.

O jogo mais importante do ano já vai começar.

Quase no fim do segundo tempo, estamos vencendo por um *touchdown*, e a Escola de Ensino Médio de Highland Hills ainda está na linha de 15 jardas. O *quarterback* deles está dando trabalho para o Jay, mas ninguém perdeu a confiança no nosso astro.

Na próxima jogada, o time da Highland Hills perde a posse da bola, e nossos torcedores vão à loucura. A defesa deles sai correndo do campo, e nosso ataque entra no lugar. Os jogadores formam uma rodinha e esperam Jay se juntar a eles para passar instruções. Temos menos de um minuto para abrir uma vantagem maior antes do terceiro tempo. E isso é fundamental.

Jay está demorando muito para chegar ao gramado.

– Meu Deus, Jay, isso não pode esperar? – resmunga Selenia.

Acompanho o olhar dela, inclinando a cabeça para ver melhor a confusão de treinadores e jogadores na linha lateral do campo. O primeiro tempo do jogo me pareceu um borrão. Mas, à medida que o efeito da bebida foi passando, os jogadores foram ficando mais nítidos.

Jay está falando no celular. Vira de costas para o campo, mas percebe que milhares de pessoas podem vê-lo desse lado também e decide ficar numa posição paralela ao campo, colocando a mão sobre a boca para que a pessoa do outro lado da linha consiga ouvir. O sol faz brilhar o lutador romano estampado no capacete ao seu lado, no banco.

De repente, Jay enfia o celular na sacola, puxa a tira do capacete cerrando o punho com tanta força que o derruba, e tropeça, caindo na grama. Quando fica de pé, dois policiais esperam nas laterais do campo. Trago os braços mais

para perto do corpo, porque todos os meus músculos ficam tensos.

Jen se vira para falar comigo e com Selena e percebe para onde estamos olhando. Sua boca abre, ela fica em silêncio por um segundo, depois diz:

– Devem ter vindo assistir o show do intervalo.

Faço que sim, mas sei que não é isso.

Eles estão aqui, mas Bean não está.

Olho meu celular de novo. Nada.

Os policiais observam Jay e vão em sua direção antes que ele consiga voltar para o campo.

Já passou muito tempo desde que o time adversário perdeu a posse da bola. Parecem dias. Meu sangue está ficando mais grosso, como se fosse uma pasta. Seguro a respiração.

O campo começa a girar, sinto que bebi o dobro. Ao meu lado, Selena está fungando. Um arrepio percorre a minha espinha.

Aí uma policial chega por trás de Jay e aproxima a cabeça da dele. Diz alguma coisa. Encosta dois dedos no seu cotovelo, bem de leve, e tenta fazer com que ele a acompanhe. Como se não quisesse causar uma cena. Como se milhares de pessoas não estivessem assistindo. Mas os treinadores correm na direção dos dois, de boca aberta, gritando. Um deles joga a prancheta no chão e enfia o dedo na cara da policial. Os jogadores que estavam no campo vão correndo para a lateral. Mais dois policiais se aproximam, não consigo mais enxergar o Jay. Os ombros e os familiares correndo para lá aos berros tapam minha visão.

De repente, estou sozinha na arquibancada. O campo virou um caos. Outro policial pega algemas e tenta tirar o Jay rápido dali. Vejo-o de relance, com as mãos nas costas e o rosto sem expressão nenhuma.

Os treinadores entram em pânico. Pessoas tentam segurá-los, fazê-los calar a boca. Uma parede de torcedores se forma na saída e eles discutem com os policiais, que tentam passar levando o astro do time da Escola Grant, sacudindo os braços pacientemente. Há empurra-empurra, gritos, pedido de reforços.

Mas não para o jogador algemado. Jay está calmo. Fica só observando a multidão. Quando me vê, fica parado. Mesmo a essa distância, o azul de seus

olhos é penetrante. Nítido e calculado.

O calafrio que sinto na espinha se espalha, até que estou com os ombros tremendo e os braços arrepiados. Parece que apenas o Jay e eu estamos aqui, é como se o barulho e o movimento ao meu redor tivessem cessado. Quero gritar das arquibancadas, perguntar se ele lembra que prometeu dedicar a temporada para mim.

Jay mexe o maxilar uma única vez, tira os olhos de mim e deixa os policiais o levarem para fora do estádio. Antes de sumir completamente de vista, vejo-o mandar seu sorriso irônico de “que merda é essa?” para os treinadores, para as líderes de torcida e para os torcedores.

Não me movo enquanto a multidão volta lentamente para seus lugares e o *quarterback* reserva é levado para o campo. A família da Jen não retorna, nem Selena. Faz frio na fileira vazia onde estou sentada.

O show do intervalo é estranho, contido, e os músicos da fanfarra não conseguem se acertar no ritmo. Parece que as dançarinas se esqueceram de ensaiar uma coreografia para a apresentação. Não sei mais onde estou. É muita cor e pouco oxigênio, e as linhas brancas do campo se confundem com o verde da grama e o vermelho dos uniformes. Tudo parece uma mistura de lama e sangue.

Caleb aparece ao meu lado e diz alguma coisa. As arquibancadas estão ficando vazias. Em algum momento, o jogo terminou.

Caleb está fazendo as malas no quarto ao lado. Está quieto demais. Preciso ouvir o som de portas batendo neste momento. Alguma coisa que distraia minha cabeça. Fico revivendo a hora que o Jay foi algemado e a minha volta para casa em um estado de pânico silencioso. Estou meio maníaca, piscando sem parar, andando para lá e para cá, cerrando e abrindo os punhos.

Sem saber o que fazer, escovo o cabelo e tenho vontade de puxá-lo forte, cada vez mais forte. Qualquer coisa para não pensar mais onde a Bean deve estar, para parar de imaginar como a Jen deve estar se sentindo. Qualquer coisa dolorida para substituir a pontada que sinto no peito, a pressão inebriante que não passa desde o instante em que a detenção de Jay roubou o ar das arquibancadas.

Mas nada dói o bastante.

– Vou nessa.

Caleb aparece na porta do meu quarto. Fica se equilibrando num pé só por um segundo, desajeitado, tentando organizar os próprios pensamentos.

Ele poderia dizer tanta coisa... “Quem é você, Kayla? Eu deveria ter te prevenido, Kayla. Sobre a Hailey... sobre aquela noite na primavera do ano passado.”

Mas ele diz:

– Então a gente se vê logo?

– Quem sabe.

Ontem à noite, falei para o meu irmão que *talvez* eu fosse visitá-lo na Universidade do Missouri no fim de semana do feriado do Dia dos Veteranos. Isso se eu conseguir dirigir um carro sem passar mal.

Caleb entra no quarto e me dá um abraço apertado de irmão mais velho.

– Você devia tentar. Vai te fazer bem. Dirigir de novo. Levar uma vida... normal. – Ele se afasta, me dando um sorriso encorajador. – Me avisa o que você decidir.

Concordo. Se conseguisse organizar meus pensamentos, poderia falar mais. Dizer que foi maravilhoso vê-lo, que adorei a vista ao pico Fellows e a nossa trilha, explicar como entendo tudo. *Entendo tudo agora*. Mas não falo nada.

– Dirige com cuidado – falo.

– Ligo quando chegar.

Fico parada na janela, observando os faróis da picape do Caleb iluminarem o crepúsculo, a estrada, e depois sumirem de vista, até só enxergar as luzes acesas nas casas do outro lado do campo.

Minha mãe se materializa na porta do quarto. Fica limpando as mãos num pano de prato, nervosa, várias e várias vezes.

– Você quer conversar? – pergunta.

Meu pai está arrumando seu impecável galpão lá fora. De novo.

Uma picape vem se aproximando pela estrada. Ele sempre aparece quando preciso. Como se soubesse de tudo. Mas não tem como saber porque, se soubesse, jamais voltaria.

Ele é bom demais para este tipo de coisa. Segredos. Eu.

– Preciso sair – respondo.

Minha mãe morde os lábios por um instante, e tenho certeza de que não vai me deixar ir, vai me obrigar a ficar em casa para conversar com ela.

– Não chega muito tarde – diz, enquanto o Noah para na frente de casa, me esperando.

Faço que sim e desço para encontrá-lo.

Entro na picape e não falo nada até a gente sair da frente de casa. Estou com os braços cruzados na altura das costelas e com a língua parada na ponta do canino afiado.

Noah parece tranquilo, respirando devagar, enquanto obrigo meus braços a não tremerem.

Ele olha direto para a frente. As pontas de seu cabelo bagunçado são levemente cacheadas atrás das orelhas, sumindo na curva escura do lóbulo.

– Kayla – ele começa.

– Shhhh – corto na mesma hora.

Noah vira a cabeça e me olha nos olhos, e meu pulmão dói por causa do ar preso ali dentro, ameaçando sair de uma vez só. A expressão do Noah é de mágoa. Solto devagar.

Seu nome está na ponta da minha língua, as palavras se formam sozinhas nos meus lábios, só preciso abri-los. Quero tanto lhe dizer que ele me fez sentir que era possível voltar para casa, que seria fácil ser a Kayla que eu gostava de ser. E que, se ele descobrisse a verdade, tudo isso mudaria.

Pisco rápido várias vezes. Minha cabeça começa a girar como um daqueles brinquedos dos parques de diversões.

– Não posso falar sobre... isso – digo.

E, quando o Noah olha para mim de novo, está com uma expressão de compreensão. De compaixão até. Porque sabe que meu envolvimento nisso tudo deve ser complicado.

É complicado.

– O que você quer fazer, então? – pergunta.

– A gente pode ir até o rio? Só para dar uma volta.

– Claro.

O céu está meio leitoso. Parece que tem chumaços de algodão flutuando até

as estrelas. O ar está cortante por causa da água do rio, e fica rarefeito e gelado ao entrar pelo meu nariz. O silêncio é típico de cidade pequena, com o ruído branco dos insetos e o marulhar do rio.

Noah pega na minha mão. Andamos um pouco até encontrar um pedaço de grama macia e nos sentamos. As folhas fazem cócegas na minha nuca quando deito e fico lembrando de um momento como esse, há séculos, com mais três meninas. Quando eu achava que a vida era perfeita e jamais mudaria.

– Aqui já foi meu lugar no mundo – falo.

Noah se espicha do meu lado. Temos quase a mesma altura. Gosto dos nossos pés se encostando. Gosto dos nossos joelhos alinhados. Gosto de virar a cabeça e olhar diretamente para a sua boca.

– Por que a gente se esforça tanto para se encaixar?

– Você tem noção que está perguntando isso para *mim*? – responde Noah, rindo baixinho.

– Você já quis se encaixar... mais?

– Quem é que não quer se encaixar no lugar onde vive? Eu costumava me torturar por causa disso. Quase tanto quanto os outros me torturavam e me batiam. – Ele ri de novo.

Fecho os olhos, querendo me esquecer de que isso aconteceu com ele.

– Odiava que minha mãe fosse de um lugar diferente. Odiava sua pele, *minha* pele, o fato de ela cultivar coisas no nosso jardim que ninguém mais cultivava. Odiei minha mãe ter me tirado daqui por um tempo. Era importante pra ela que eu conhecesse minhas raízes, mas eu não ligava. Mas daí parei de me odiar, sabe? Por todos esses motivos. É preciso ter muita energia para odiar a sua origem. Energia demais.

Ele pega um punhado de grama e começa a partir as folhas no meio.

– É preciso muita energia para amar também – falo. –

Às vezes fico exausta. Parece que esta cidade me suga. E, por algum motivo, estou disposta a me entregar por inteiro.

– Sério? Não sabia disso. Meus sentimentos em relação a esta cidade são bem neutros. – Noah deixa as folhas caírem no chão. – Não quero me entregar por inteiro a este lugar. Nunca vou ser como as pessoas daqui, mas decidi que tudo bem. Não preciso ter uma determinada aparência, praticar

determinados esportes nem comer determinadas coisas pra ficar tudo bem. Posso ser do meu jeito. – Ele encolhe os ombros e conclui: – Logo vou embora daqui. Então, de certa forma, estou só passando o tempo.

– Mas você não se sente solitário?

– Eu tenho amigos, Kayla. Dizem que sou quieto. Acham que sou invisível. Mas ninguém percebe que escolhi quem e o que é importante pra mim... – Sua voz falha, e fico imaginando se está falando de mim. Quero que ele esteja falando de mim. – Ignoro todo o resto. E nem se dão conta do quanto isso é subversivo.

– Te entendo – digo, virando o rosto e olhando para ele. – Desculpa não entender antes. Desculpa por ter parado de falar com você. Foi errado.

– A única coisa que faz eu começar a me arrepender de não dar a mínima para esta cidade é... você.

Noah levanta a mão e passa os dedos no meu cabelo. Minhas próprias mãos abraçam seus ombros quando ele se inclina sobre mim. E, quando me beija, não importa mais se nós dois nos encaixamos nessa cidade nem se todo mundo que vive além das margens do rio acha que somos invisíveis. Tudo o que importa é nós dois, aqui, agora.

Ficamos ali na margem do rio até o coro noturno acordar e o vento gelado aparecer. Quando Noah me leva para casa, falamos de amenidades. Nossa conversa é entrecortada por momentos de silêncio, e me sinto tão bem, apesar dos pensamentos que espreitam minha mente. Nossas mãos unidas no meio do banco estão quentes. Viramos na direção de Sunview, e um peso toma conta de mim.

Não costumava me sentir assim antes. Voltar para a minha cidade, vindo de qualquer lugar – uma consulta médica, uma competição, férias de primavera na Flórida – costumava me revigorar. Agora, tenho vontade de me encolher no banco e me esconder.

– Ei – diz Noah, quando chegamos na minha casa. – Sei que você ainda não quer conversar sobre o que está acontecendo. Mas você vai ficar bem?

Puxo as pontas do meu cabelo. Sinto que já passou da hora de ser sincera com ele.

– Não sei.

– Vai ficar tudo bem.

Noah põe a mão na minha nuca, me puxa mais para perto, e encosto minha testa na sua. Fico me perguntando por que ele deixa minhas mentiras passarem batido. Não me sinto bem – não consigo nem pensar em quando vou ficar bem. Mas ele me beija e, por alguns segundos, me sinto melhor.

PRIMAVERA

– Ai, meu Deus.

Congelei.

Os meninos congelaram também. Steven, com a droga do celular. Jay, com a garrafa de cerveja na mão.

A parte da garrafa que eu podia ver. Em cima das coxas finas e brancas da Bean, desaparecendo na escuridão. Minha amiga movia a mão, desajeitada, atordoada, tentando bater no Jay, sem conseguir acertá-lo porque ele se afastava. Seu sorriso foi sumindo aos poucos.

– Ah, merda.

A luz do celular apagou, e nossos olhos silenciosamente se acostumaram à escuridão.

– Kayla? – chamou Bean, virando o rosto para mim, revirando os olhos. A maquiagem dos olhos estava borrada até suas bochechas. O cabelo, grudado nas têmporas. Ela colocou uma mão no chão bem rápido, ao lado do corpo, buscando equilíbrio. Soltou um soluço. Tentou se levantar. Uma. Duas vezes. Tentou chutar o Jay, que já estava de pé. Deu mais um soluço e falou meu nome de novo, pronunciado em duas sílabas horríveis e cheias de dor.

O gelo que tinha tomado conta das minhas veias derreteu. Devagar, no começo, mas depois rapidamente, consumido pela raiva, pela fúria, pela ira.

– Pega o seu carro – ouvi o Jay dizer.

Steven foi correndo na direção da casa.

Dei um passo para a frente, com os punhos cerrados e levantados. Minha cabeça rodopiava. Eu não conseguia formular um pensamento de verdade, só sentia uma necessidade de bater no Jay e arranhar a sua cara e enfiar as unhas nos seus olhos e arrancar sangue.

Jay me alcançou no meio do caminho. Segurou meus braços, me apertando abaixo dos bíceps, e tive certeza de que ele arrancaria meus músculos e os

tendões do osso. Gritei de dor e de necessidade de destruí-lo.

Bean ficou de quatro. Seu vestido ainda estava levantado na altura dos quadris, e dava para ver uma lista escura. Se Jay não estivesse me segurando, eu teria ficado de joelhos e abraçado a minha amiga.

– Caralho, cala a boca, Kayla! – falou Jay porque eu estava gritando, como se alguém pudesse ouvir com aquele barulho da festa. Respirei fundo e berrei de novo. Meu grito foi virando um gemido à medida que ele me apertava. – Você nem sabe o que está rolando aqui.

Jay me puxou com força para longe da Bean, para fora do celeiro, na direção da Nickerson Road, no limite da propriedade da sua família. Consegui virar a cabeça e enxerguei a festa sumindo no meio da paisagem. Os passos dele eram compridos e decididos, fui cambaleando para trás. Se eu caísse, com certeza o Jay me arrastaria.

Vi um carro chegando pela estrada que passava ao lado do terreno dos Brewster. Estava buzinando na tênue divisa entre o cascalho e a grama, vindo na direção do campo, até parar abruptamente na nossa frente.

Steven saiu lá de dentro, deixando o motor ligado, e o Jay me empurrou para o banco do motorista. Estava com a mão na minha cabeça, tão pesada quanto um bloco de concreto, empurrando meu pescoço, cada vértebra da minha coluna para baixo, para baixo, mais para baixo, comprimindo meu corpo inteiro até eu virar algo com apenas alguns centímetros de comprimento, pequeno demais para os meus pulmões conseguirem se expandir. Engasguei com o ar, senti o bafo de cerveja do Jay. Não conseguia puxar oxigênio suficiente. Nenhum oxigênio.

Jay me empurrou para a frente e, pelo jeito, não fiquei tão pequena quanto precisava, porque minha cabeça bateu na porta do carro e um clarão mais forte do que as estrelas explodiu no breu do meu campo de visão. Ele bateu a porta. Coloquei a mão na maçaneta e a empurrei, mas Steven estava bloqueando a porta pelo lado de fora.

– Você dirige – disse o Jay, entrando pelo lado do passageiro e segurando meu braço direito para eu não sair do lugar. Steven pulou no banco de trás.

– Senão o quê? – gritei.

– Vai só até a Nickerson.

Seu tom de voz era calmo, com exceção do “v”, que saiu meio arrastado. Mesmo depois de tudo o que tinha acontecido, ele não queria dirigir bêbado. Minha cabeça girava loucamente, se fixando em pensamentos imbecis como esse, em vez de bolar um plano, pensar no que fazer para sair dali e ajudar a Bean. Eu precisava... eu precisava... os dedos do Jay apertaram meu braço de novo.

Toda amassada, me ajeitei no banco do motorista do carro velho e detonado do Steven. Minha mão ficou parada em cima da marcha. Tentei me concentrar para fazê-la parar de tremer e segurar o câmbio. Quando piscava, via apenas uma nuvem vermelha.

Jay passou o outro braço em volta de mim. Achei que ele ia me agarrar e gritei, mas ele só desligou o som. Coloquei a primeira e pisei no acelerador com tanta força que o carro quase pulou para a frente. Espremi os olhos, tentando enxergar a estrada, até o veículo estar balançando em cima da ruidosa instabilidade do cascalho.

– Fica de boca calada. Você não viu nada – falou o Jay. Sua voz saía arrastada, mas alta.

– Ahn, ela viu sim. – Era Steven. No banco de trás.

Jay virou e acertou um soco nele.

– Ela não viu nada! – berrou.

– Eu não vi nada – repeti. Nem sabia o que estava dizendo. Só sabia que precisava ganhar tempo.

Vi tudo. *Tudo*. Todo mundo ficaria sabendo. Eu ia fazer questão.

Mas estávamos num carro em movimento. Indo para onde? Por quê? Para onde eles queriam que eu os levasse?

Jay tirou as mãos de mim. Rolou a garrafa de cerveja no meio das mãos, me olhou e disse:

– Você é uma menina boa. A melhor amiga da minha irmã.

Então parou.

Uma menina boa. A melhor amiga da irmã dele. A parte esperançosa da minha cabeça entendeu que isso significava que ele não ia... não podia... fazer nada comigo. Mas o resto da minha cabeça estava sufocado com as

imagens do que o Jay tinha feito com outra das melhores amigas da sua irmã. Outra menina boa.

– Foi ela que quis – falou. Então bateu a garrafa no painel. Cacos de vidro voaram para todos os lados.

– Cara! – gritou o Steven. – Olha o meu carro!

– Seu carro é um lixo – respondeu o Jay, dando risada.

De canto de olho, vi a borda quebrada da garrafa e seus dentes afiados. Se eu contasse para alguém o que tinha visto – se isso significasse que a vida que ele tinha ia acabar –, a que ponto o Jay chegaria para conseguir me manter calada? O que a minha vida significava para ele?

Engatei a quarta, cuidando para o carro continuar estável no chão de cascalho oleoso. Estávamos saindo do campo e chegando perto de umas árvores, pequenas e esparsas, mas que foram ficando mais numerosas rapidamente.

A quilômetros de distância, talvez, Bean devia estar chorando, sozinha, atirada no chão de terra. Ou se arrastando até a casa. Rezei, implorei a Deus, para que a primeira pessoa que a encontrasse fizesse alguma coisa para ajudá-la.

Eu precisava fazer alguma coisa. Precisava sair daquele carro. Precisava impedi-los.

Parecia que tinham colado meus olhos na estrada, como se, se eu tirasse os olhos por um segundo sequer, perderia o pouco de controle que tinha por estar no banco do motorista. Como se eles pudessem, finalmente, perceber que eu poderia dar a volta e ir para onde *eu* quisesse, não para onde eles queriam. Que eu poderia fazer *alguma coisa*. Se pelo menos eu conseguisse me livrar daquele pânico e pensar. Mas um movimento no meu campo de visão periférica exigiu a minha atenção. Virei a cabeça. Jay estava passando o dedo na ponta de um caco de garrafa. Sombras refletiam no vidro, depois nos seus olhos, porque ele foi virando lentamente para mim.

Deixei escapar um som que foi meio um soluço, meio uma tossida.

Eu precisava me salvar. Depois salvar a Bean. Como as comissárias de bordo dizem no avião: coloque primeiro a sua máscara de oxigênio, depois ajude os outros. Naquela estranha confusão de calma e loucura dentro da

minha cabeça, a coisa certa a fazer era bater o carro. Se eu virasse para a vala, para acertar a árvore do lado deles... e bloquear as portas. Eu ganharia tempo. Para, pelo menos, voltar até a festa.

Nossos olhos se encontraram.

Jay viu tudo pela expressão da minha boca, pelo ódio sombrio que brilhava nos meus olhos, pelo branco dos nós dos meus dedos apertando o volante.

– Sua puta...

Então se atirou em cima de mim. De corpo inteiro: enfiou o pé e pisou com força em cima do meu, que estava no acelerador, e colocou as mãos em cima das minhas. Mas eu já tinha virado o volante, e o cascalho foi tão gentil, amando esses garotos que dão cavalo de pau nessa estrada tarde da noite, que foi tão fácil quanto cair em cima de algo macio.

O carro do Steven sempre rodopiava lindamente.

A picape que vinha subindo o morro tentou rodopiar também. Quase conseguiu virar o suficiente, seus faróis cortaram minha expressão de surpresa por menos de um segundo. Virou o bastante para atingir a parte de trás do carro, não a frente, batendo no metal, no vidro, na carne e nos ossos do Steven. As portas do meu lado se abriram sozinhas e cascalho e pedaços de árvore salpicaram toda a minha pele e o capô bateu em uma árvore e sangue bateu na minha cabeça e meu queixo bateu no chão. Um calor salgado inundou meus dentes.

Não ouvi buzina nenhuma, só lembro vagamente que a picape fez um estrondo antes da colisão. Não ouvi vozes, só tive uma vaga ideia de que algumas vozes podiam ter sido silenciadas para sempre.

Olhei para cima e vi um pequeno objeto escuro ao alcance das minhas mãos. Meu braço direito não se mexia, por mais que eu quisesse, mas minha mão esquerda conseguiu pegar o celular. *Evidências*. Enfiei o aparelho no bolso do short.

E prometi tudo para a Bean antes de o som das cigarras embalar meu sono.

OUTONO

Minha mãe está no meio da escada quando entro em casa e pergunta como foi o meu passeio.

– Foi bom. A gente só foi até o rio dar uma caminhada.

Ela fica me observando com atenção até eu me virar. Quanto será que ela consegue enxergar no meu rosto pálido, nas minhas mãos apertando meus braços com força? Provavelmente tudo.

Meu celular toca, e ela dá alguns passos para trás enquanto tiro o aparelho do bolso.

Não é a Bean.

– Ainda vai rolar a fogueira hoje à noite – diz a Jen.

– Estou supercansada – respondo.

– A gente mal... e você já está me deixando na mão?

Enfio uma mão no bolso de trás da calça e olho pela janela ao lado da porta. Não quero dar o fora na Jen, mas também não quero vê-la neste momento. Não me sinto bem com isso. Pensar que vou fazer a coisa certa não torna a possibilidade de perder a Jen de novo menos dolorosa.

Ela interpreta minha hesitação como um “sim”, e eu não discuto porque, meu Deus, como dói pensar que esses são nossos últimos momentos juntas. Mas dói mais ainda pensar que nossos últimos momentos já se foram.

– Passo para te pegar em meia hora – fala.

Saio de fininho pela porta dos fundos, e Jen me pega na estrada, a meio quilômetro da minha casa. Não contei para os meus pais aonde vou. Alguma coisa me diz que eles não querem saber. Parece uma assombração que há na casa sussurrando “não tirem o olho da sua filha”.

Como Selenia está no banco da frente da SUV compacta da Jen, me encolho no banco de trás, afastando uma pilha de trabalhos do colégio e escovas de cavalo.

“O Jay precisa do carro grande para levar o equipamento de futebol”. Erica Brewster tinha dito isso no aniversário de 16 anos do Jay e da Jen, apesar de a Jen não ter pedido nenhuma explicação quando os dois ficaram na entrada da casa e receberam seus presentes, lado a lado. E daí que o equipamento de equitação da Jen ocupa mais espaço do que os protetores de futebol americano do Jay?

O carro é espaçoso, mas o teto parece ameaçar me esmagar. Estou sufocada com as coisas que nós três sabemos e não conversamos a respeito.

Depois de alguns minutos, cruzamos com outra SUV conhecida. Meu peito afunda quando me dou conta de que o Jay já saiu da cadeia e está passeando pela cidade na nossa frente. Será que chegaram a interrogá-lo?

Perco a conta das cabeças que vejo balançando pela janela traseira do seu carro enquanto o seguimos. Os vidros estão abertos para aproveitar o vento fresco de outono. As pessoas pelas quais passamos no caminho não ligam para a música absurdamente alta nem para o fato de que há mais pessoas do que cintos de segurança. Elas sorriem e acenam.

É só um grupo de garotos se divertindo.

Quanto mais a gente se afasta da Third Street, mais meu estômago fica embrulhado. Jen está quieta, tamborilando os dedos nervosamente no volante. Selena olha pela janela.

Percebo que desligaram o som do carro do Jay, e que as cabeças não estão mais balançando. Os meninos estão quietos.

Nuvens correm lá em cima, e os vidros do carro sobem. Continuamos dirigindo. Passamos por dois silos de concreto caindo aos pedaços, do lado esquerdo. Cerro os dentes. Viramos à direita. Só tem duas fazendas aqui nesta estrada, e não consigo imaginar um bom motivo para visitarmos o sr. e a sra. McNaughton, dois velhinhos.

– A fogueira é atrás do Centro Comunitário – digo. Recordo uma noite na primavera do ano passado e a sensação de pânico que embaralhou meus pensamentos. – A gente está indo para casa da Bean.

Jen olha feio para mim pelo retrovisor. Selena não se mexe.

– Por que estamos indo pra lá? – pergunto.

– Porque o Jay disse para gente ir lá fazer as pazes, Kayla.

Os carros saem da estrada e estacionam paralelos à cerca de treliça do campo atrás da casa da Bean. Já tinha visto as vacas pastando aqui. Antes de a gente ser amigas. Os animais não estão, devem ter voltado para passar a noite no estábulo.

Os meninos começam a sair do carro do Jay.

Jen desliga o motor, salta do carro e diz:

– Vamos.

Selena e eu demoramos para sair, hesitando com os dedos parados na maçaneta. Jen bate a porta, e eu engulo em seco.

“Vai ter fogueira hoje à noite.”

Selena cruza os braços em cima do peito, olha ao longe e conta:

– A Bean registrou um boletim de ocorrência.

– Óbvio.

Fico olhando para o céu para ela não ver que minhas mãos estão tremendo. As nuvens estão mais pesadas agora.

– Você recuperou a memória ou algo assim? – pergunta.

Fico mexendo num pedaço de unha quebrado. Ela quer saber o que eu sei. Quer saber se sei o que ela sabe. Como se fôssemos a mesma pessoa.

– Sei faz muito tempo. Desde que estava em Kansas City.

Selena mexe no forro da bainha do vestido, puxando fios soltos. Quando se dá conta de que está estragando a saia, esfrega as palmas das mãos nos joelhos e sacode a cabeça.

Seus olhos se encontram com os meus pelo retrovisor. Neles, vejo frieza. Lágrimas não derramadas. Vergonha, porque queremos nossa própria segurança mais do que queremos que a justiça seja feita para uma das nossas melhores amigas.

Apreensão, porque a Bean desobedeceu a lei do silêncio.

E a compreensão de que temos que escolher de que lado vamos ficar.

É por isso que Bean e Selena não são mais melhores amigas. Porque o instinto de autopreservação da Selena é mais forte do que a sua lealdade à sua melhor amiga.

Penso no cheiro de grama molhada e de água fresca correndo no rio. Penso no gosto reconfortante dos jantares de domingo da minha mãe, e do Vingança

Maia do Toffee's. Penso nos sons da torcida dos jogos de futebol americano e dos relinchos dos cavalos no estábulo da Jen.

Penso no tempo que passei em Kansas City, do sentimento de estar virada do avesso de tanta saudade de casa. Penso em como o ar de lá não enchia os meus pulmões como o ar daqui. Em como minha tia era legal, mas não era a minha mãe.

– Não vou contar para Jen. O que... você não sabe.

Recordo uma noite na primavera passada e a raiva que ardia em meu peito.

– Ela era a sua melhor amiga – digo.

Por fim, Selenia se mexe. Só o suficiente para enrijecer os ombros.

– *Não faz isso.* Ela era sua melhor amiga também. Mas aqui estamos. – Então aponta o queixo na minha direção. – Porque nós duas sabemos que o que fizerem com ela vão fazer com a gente também.

Recordo uma noite na primavera passada quando o Jay olhou para os cacos de vidro em sua mão e depois olhou para mim. Quando meus pensamentos ficaram enevoados de medo do que ele poderia fazer comigo. Quando tomei a decisão que acabou matando um garoto.

Não consigo entender qual foi a lógica que me levou a estar aqui agora. Esconder uma lembrança daquela noite. Defender aqueles garotos com meu silêncio depois do que eles tinham feito com a Bean, comigo. O medo desbancou a lógica.

– Com a gente, com a nossa família... Então, cala a porra dessa boca e sai do carro, Kayla – conclui a Selenia.

Tento segurar a maçaneta da porta duas vezes antes de conseguir e viro para a grama alta do lado da estrada. Quando encosto os pés no chão, um estrondo rasga o céu.

– Vai, vai, vai! – grita Brian White, do último ano, que joga no time do Jay na posição de *kicker*. Uma horda de meninos passa pela cerca e vai correndo para o celeiro. Um deles carrega um galão de plástico vermelho.

A luz da lua aparece entre as nuvens por um breve segundo e pousa no Jay como se ele fosse a dádiva divina que acreditam que seja como deveria, e seguro meu grito. Jen e Selenia estão sentadas em cima da cerca, mas eu só apoio o pé e a mão nela, não tento subir.

Eric, irmão da Bean, sai de dentro de casa quando os meninos começam a jogar gasolina no celeiro. Está com a boca aberta, mas não consigo ouvir o que diz por causa dos gritos, e quero berrar para ele voltar para dentro, para ficar longe, para se salvar, mas ele também não vai me ouvir.

Quantas vezes será que Caleb achou que estava protegendo o Eric ficando em silêncio?

Quando os meninos o veem, dois o agarram e seguram seus braços atrás das costas. Ele tenta se soltar, se contorce. Tem 15 anos, mas é pequeno.

Não é o Jay que faz as honras. T.J. acende um fósforo e o atira. Um, dois... Perco a conta de quantos fósforos ele vai acendendo e atirando em volta do celeiro.

A madeira seca pega fogo rápido. Adoro cheiro de madeira queimada, mas hoje ele está misturado com gasolina e algo pior. Consome meus pulmões.

Tropeço na estrada antes de me dar conta de que estou caminhando devagar de costas, observando o celeiro pegar fogo.

– Ele está falando... – Jen engole em seco. Sei que está sentindo gosto de fumaça e fico imaginando que gosto mais ela sente. Se é amargo e ácido como o que eu sinto. – ...que as vacas ainda estão lá dentro.

Cadê a Bean? Cadê seus pais? Espero que estejam bem longe.

Selena olha para o chão, ligando e desligando o telefone sem parar.

Jen só observa, as chamas refletidas nos seus olhos vidrados.

Eu... eu não sou como a Jen. Não consigo olhar.

E, ainda assim, sou uma dessas pessoas, e este é o meu lar, e sou cúmplice.

Eu me encaixo.

O celeiro crepita e estoura, mandando faíscas bem alto no céu. Alguns dos meninos chegam mais perto da cerca, mas outros ficam lá, prendendo o irmãozinho da Bean, que tenta segurar o choro na frente dos garotos mais velhos.

Minhas narinas estão cheias de fumaça. Os olhos da Selena brilham e têm uma expressão dura.

O cabelo da Jen está preso em um coque baixo. Ela parece enorme. Ou quem sabe, penso eu, é só minha impressão por causa do jeito intenso como ela me encara.

O impulso que tive de fugir para Kansas City depois do acidente não é nada perto da compulsão que tenho de sair correndo neste momento.

Não entendo como isso pode ter acontecido. Como uma noite pode ter acabado com todos nós. Quero poder voltar para minha melhor amiga do jeito que ela era. Para todos os meus amigos. Para a minha cidade tão perfeita. Para o lugar antes daquela festa.

O lugar que, agora sei, nunca foi daquele jeito.

Já tinha dado vários passos para trás.

– Onde você vai? – pergunta a Jen.

Balanço a cabeça e abraço meu próprio corpo.

– O cheiro está fazendo mal pra minha garganta.

– Você vai me deixar na mão...

A mesma desculpa. Simples assim. Como se nada tivesse acontecido.

Cerro os punhos.

– Como você pode fazer isso? Como você pode *saber* e simplesmente... estar aqui agora? Olhando eles fazerem isso?

Jen coloca as mãos na testa e acho que ela vai desmaiar, mas então sobe as mãos e começa a soltar o coque calmamente.

– Não estou fazendo nada – responde.

– Jen, pelo amor de Deus! Presta atenção no que você está dizendo.

– *Eu*, Kayla?

– Sim, você! Fingindo que não está participando só porque não acendeu o fósforo. Como se nada tivesse acontecido com uma das suas *melhores amigas*.

As sombras das chamas passam pelo rosto da Jen.

– Preciso estar aqui... preciso fazer isso. – Ela limpa a garganta e continua:

– Tenho que escolher entre a Bean e a minha família. Não tenho pra onde ir. Não tenho uma tia para me dar colinho. O que posso fazer? Como devo reagir quando uma noite foge do controle? Quando cada um diz uma coisa?

– Não foi só *aquela noite*, Jen. E a Bean é uma de nós! – grito.

Jen joga as mãos para o alto.

– *Nós*? O que isso significa? Porque, de manhã, esta cidade vai estar dividida em dois lados. O da Bean e o do Jay. – Ela deixa escapar um leve

suspiro de surpresa, e pronto: solta tudo o que sabe há meses e nunca falou. Essas coisas a fazem gritar: – Não pude escolher de que lado ficar!

– Não precisa ser...

Só que, para Jen, precisa. E é aí que olho para Selena. Para o jeito como ela cobre o rosto com as mãos, como seus ombros tremem.

Jen passa as costas da mão pelo rosto.

– Mas *você*... você pode escolher. Pode escolher ficar comigo, com a Selena e seus pais e seu irmão e aquele Noah. Ou você pode escolher contar. E ficar sem *nada*.

Respiro fundo e respondo:

– Eu vou ter...

– *Nada*! Porque posso te prometer que as pessoas vão ficar do lado do Jay. Pra elas, você não vai passar de uma mentirosa, vagabunda e sabe-se lá mais o quê. E quem quiser ver a cabeça do Jay numa bandeja de prata também não vai querer saber

da menina que guardou esse segredo por meses. Isso sem contar as pessoas que vão se dar conta de que o acidente não foi tão acidental quanto você as fez acreditar. Só tem um jeito de você se dar bem.

Fico olhando para Jen, boquiaberta, tão gelada por dentro quanto a minha pele. *Kayla Killer*.

Nós duas ficamos em silêncio por um minuto.

Pego meu celular e me afasto. Ligo para casa andando pela estrada, caminhando para longe do fogo que consome o celeiro da Bean. E das chamas que me queimam por dentro.

Começa a chover no caminho para casa, e espero que isso ajude a apagar o fogo em tempo de salvar as vacas. As gotas batem fazendo estrondo no para-brisa do carro da minha mãe, mas não ligo porque o barulho encobre o som das minhas pernas baten-

do contra o banco. Quero que o carro ande mais rápido, faça as curvas como um carro de corrida, passe reto pelas placas de “pare”. Quero chegar em casa.

Foi minha mãe que ligou para o corpo de bombeiros.

Prometi contar para ela exatamente o que aconteceu assim que os

bombeiros terminassem de apagar o fogo. A chuva continua caindo, e ouço as palavras da Jen várias e várias vezes.

O acidente não foi tão acidental quanto você as fez acreditar.

Será que vou conseguir cumprir minha promessa? Perdi a conta das promessas que fiz.

Fico deitada no tapete do meu quarto, olhando os raios de luz atravessarem a cortina. Quando fecho os olhos, aparecem cenas que não quero ver, então só fico piscando.

Ouçó passos subindo pela escada lentamente e viro de costas para a parede. Falei para os meus pais que logo ia descer. Agora só quero ficar sozinha.

A porta se abre, e espero ouvir a voz de um dos dois. O timbre grave e suave do meu pai ou as declarações confiantes da minha mãe, dizendo que, pelo menos, eu tinha ido embora para não participar do que estavam fazendo com a Bean. Pelo menos, tinha ligado para ela. Que era um começo.

Não é nenhum dos dois.

– Seus pais me falaram pra subir. Você está acordada?

Noah deve saber que estou, sim, pelo jeito que inspiro e seguro o ar, esperando. Continuo de costas para ele porque, se virar e olhar seu rosto e se sentir seu calor e falar com ele como costumamos falar, como eu posso falar, não sei se vou conseguir voltar a fingir.

Só que Noah entra no meu quarto e senta na cama. Com minha visão periférica, o vejo pegando meu velho coala de pelúcia, acariciando o tecido peludo das orelhas, passando o dedão pela barriga.

– Sei como é guardar um segredo – diz. – Pelo menos... – Ele põe o coala de volta no lugar com todo o cuidado, o leva meio centímetro mais para o lado, depois para o outro, procurando obsessivamente o meio da minha cama. – O que eu achei que poderia ser segredo. Nunca tive certeza. Tentei fazê-la procurar alguém. Ir até a delegacia. Mas a Bean nunca disse nada, então não sabia direito se o que eu pensava tinha mesmo acontecido. Se eu tivesse certeza...

– Porque foi você que a levou pra casa aquela noite – falo, baixinho. Tinha entendido isso há algum tempo, mas não conseguia admitir. – Foi por isso que você falou comigo no primeiro dia de aula? Porque... você suspeitava e

achava que eu sabia e...

E o quê? Devo ficar chateada?

Noah foi o amigo de que a Bean precisava o tempo todo, quando nós a deixamos na mão.

Sei que tenho razão porque o Noah não diz nada.

Jen também tem razão, e eu sempre soube. Se o Noah souber quem sou, os segredos que guardei, vai embora. Porque, se tivesse certeza, *ele* teria contado tudo.

Vai ficar enojado quando souber que perder sua amizade era um dos meus motivos para não contar. Que ele poderia ser o motivo para eu não fazer a coisa certa.

Noah coça a parte de cima da orelha, e alguns fios de cabelo caem nos seus olhos. Sua camisa está aberta na altura da clavícula. Quero tocar sua pele. Com meus dedos, com meus lábios.

Quando olha para mim, viro o rosto. Tenho certeza de que a verdade sombria transparece nos meus olhos.

Trago os joelhos para perto do peito e digo:

– Não posso.

E ele nem sabe do que estou falando.

Assente e fala:

– Ok.

Noah sai de cima da cama e senta perto de mim. Passa a mão no meu cabelo, uma vez só, e beija minha testa, uma vez só.

Seu toque e sua paciência quase me fazem fraquejar.

Deus, por que ele não grita e fica bravo e me força a tomar uma atitude? Mas não... Não, Noah não pode tomar essa decisão por mim ou me forçar a ser a pessoa boa que eu deveria ser.

Seguro minhas canelas e fico encolhida mesmo depois de ouvir o clique baixinho da porta fechando, anunciando sua partida.

PRIMAVERA

Naquela noite do mês de maio, joguei o carro na vala de propósito.

Porque eu queria escapar. Me salvar. E, depois, voltar para ajudar a Bean.

Talvez fosse mais fácil se todos nós tivéssemos morrido.

Mas não. Só um de nós morreu.

E não fui eu.

OUTONO

Pinto, pincelada após pincelada, sem parar, apesar dos meus olhos arderem por causa da tinta. É uma desculpa para as lágrimas.

Como meu pulso dói e meu antebraço está dormente, troco de mão e continuo pintando com a esquerda, borrando e manchando tudo, deixando a tinta escorrer pela lateral do barco que lixei com tanto cuidado.

Jogo o pincel na grama e deito de costas, olhando fixamente para o sol. Quando não vejo nada além de borrões pretos cercados por uma aura laranja meio amarelada, fecho os olhos e conto quantos segundos faltam para a formatura. Dias divididos por horas divididos por minutos divididos por segundos. E, mesmo assim, ainda parece que falta pouco, ainda parece que falta muito, os segundos chegando na casa dos milhões, um número muito grande para eu compreender.

Meu tornozelo está latejando, então tento não me mexer.

Passo tudo de novo na minha cabeça. Não consigo evitar.

A briga com a Jen, a longa caminhada para cruzar o pátio até encontrar Bean, Jay e Steven, a escuridão, os borrões. Estou no volante de um carro, com o Jay do meu lado e o Steven atrás. Indo para algum lugar, indo para lugar nenhum. Certa, naquele instante, de que eles poderiam fazer qualquer coisa comigo.

Certa, naquele instante, de que alguém acabaria se machucando. Morrendo, talvez. Eu, talvez.

Jay percebe.

Percebe o que eu estava prestes a fazer. A pessoa que acreditei que tinha forças para ser.

Não dizem que, em momentos de desespero como aquele, ficamos mais fortes do que nunca? Tão fortes que conseguimos levantar carros de cima de corpos, carregar pessoas até um lugar seguro? Prometer que vamos salvar alguém? Contar a verdade quando tudo termina?

Mas, uma hora ou outra, esse poder se esvai, e nos tornamos mortais de novo.

O barco que passei todos esses meses preparando para pôr na água é bonito, vermelho-escuro. Durante o verão em Kansas City, estava louca para voltar e terminá-lo. Para ter outra coisa que me conectasse a esta cidade. Uma coisa que Jen e eu encontramos. Uma coisa que meu pai e eu construímos juntos. E agora... estar conectada a esta cidade é perigoso.

Vou para o meu quarto e pego uma sacola de papel. Na garagem, pego suprimentos. O barco é pesado, mas consegui arrastá-lo até o trator do meu pai na exposição de cavalos que estava acontecendo, e agora consigo arrastá-lo do trator até o rio. A música da água é exuberante, cheia de umidade e peixes que pulam. Ainda não faz frio. A embarcação desliza suavemente. Me agarro nela com as palmas das mãos, e os pescadores ficam me olhando, intrigados.

Entro no barco e vou descendo a corrente, com a mão para fora, dentro da água, desejando que fosse possível se esquecer de verdade. Desejando nunca ter visto nada. Desejando que não houvesse nada para saber.

Encosto o nariz no ombro; o ar que solto acaricia meu rosto. O cabelo da minha nuca se arre pia.

Quando perco de vista todas as varas de pescar, jogo no chão o conteúdo da sacola que estava no meu armário e viro a lata de gasolina que trouxe comigo. Lantejoulas roxas escorregadias, olesosas.

Acendo um fósforo, saio do barco antes que as chamas tomem conta de mim e nado até a beira do rio.

Quando chego em casa, minha mãe diz que o delegado tinha passado lá enquanto eu estava fora, querendo fazer perguntas sobre aquela noite de maio do ano passado. Alguém... alguém disse que eu poderia saber de alguma coisa.

– Você está cheirando a gasolina – diz ela, com um tom estranho na voz, e me pergunto se ela está pensando no celeiro da Bean, em chamas. Se ela soubesse a verdade, me mandaria de volta para Kansas City ou mais longe, até. Há limites, acho, até para amor de mãe.

– É por causa do barco – respondo.

O que é verdade e mentira ao mesmo tempo.

– Você quer que eu converse com o delegado? Diga para ele que precisa de um tempo? Sei que isso é difícil para você. Ela é sua amiga. Posso te levar para visitar...

– Não – disparo, sem saber o que estou recusando.

– A Bean precisa muito de uma amiga neste momento. Saber que as pessoas ainda a amam. E quero que você escute uma coisa. – Seus olhos, de um castanho suave, são penetrantes, e fico imaginando se as mães sempre sabem de tudo. – Tem gente que te ama também. E que vai continuar te amando. Aconteça o que acontecer.

Acho que não sou quem as pessoas achavam que eu era, tenho vontade de dizer.

Mas a verdade é que quero muito ser aquela pessoa. A boa. A amiga. Tomo um banho para tirar o cheiro de gasolina.

E, quando a nuvem de vapor que embaçava o espelho se dissipa, não consigo olhar para mim mesma.

PRIMAVERA

Naquela noite de maio do ano passado, joguei o carro na vala de propósito.

Porque queria salvar alguém.

Não a mim mesma.

Não *apenas* a mim mesma.

OUTONO

Tomo refrigerante e fico olhando para a estrada até ver a picape do Noah levantando poeira na luz do crepúsculo.

Ele vê minha bicicleta jogada no chão perto da entrada e sobe os degraus da varanda lentamente. Está com uma expressão reservada, olhando em volta.

– Você está bem? – pergunta.

– As coisas vão mudar – respondo.

– Vão, sim.

Fico me perguntando por que me esforcei tanto nos últimos meses para segurar algo que escorreria pelos meus dedos de qualquer maneira.

– É um belo fim de tarde.

– É mesmo – diz ele. Conversa sobre o tempo, típica de cidade pequena.

– Você faria uma trilha comigo?

– Uma trilha? Agora?

– Até o pico Fellows.

– Nunca fui lá. – Ele olha para cima, como se sua resposta estivesse escrita no céu sem nuvens. Depois diz: – Ok.

Dou as direções até o pico Fellows enquanto ouvimos música do seu iPod, e o vento passa assoviando pelos vidros do carro.

No começo da trilha, paro por alguns minutos, fingindo amarrar os cadarços do tênis, observando a minha volta. Esta é a última vez que venho aqui, tenho certeza, por muito tempo. Decoro os tons das folhas, a ordem das pedras, o cheiro da terra.

Ando um pouco à frente do Noah, espremendo os olhos por conta dos últimos raios de sol. Meus dedos se enrolam, desesperados para coçar o suor que ameaça descer pelo meio das minhas costas. Quem sabe não é suor. Quem sabe só quero arrancar essa pele na esperança de encontrar uma Kayla diferente embaixo.

A paisagem mudou desde a última vez que estive aqui com o Caleb. Está

mais seca e mais exuberante ao mesmo tempo. O caminho está mais úmido, mas o rio está mais estreito.

Essa é uma das coisas que eu amo na minha cidade. O fato de ser tantas coisas ao mesmo tempo. Tem gente que poderia vê-la apenas como um lugar que se sobrevoa de avião, a caminho de outro. Mas eu conheço seus encantos.

Sei o que minha cidade é.

O que era. Quem eram meus amigos. Quem eu amava e quem me amava.

No topo do penhasco, sento com as pernas balançando. Noah fica parado um pouco mais atrás, e me pergunto se ele tem medo de altura. Mas os pensamentos que o envolvem – e quase tudo o mais – se dissipam quando tiro o celular do bolso.

Não é que eu não saiba. Tudo o que fiz em Kansas City no verão do ano passado foi ler estatísticas de estupro e esperar a Bean falar alguma coisa. *Queria* que ela falasse alguma coisa.

Só que ela não falou, e me permiti acreditar, de vez em quando, que eu estava enganada. Que minha amiga poderia estar ali porque queria. Que tinha falado para o Steven que ele podia gravar, claro.

Só que eu conheço as estatísticas. Sei bem o que significa “não registrado”.

Ensinam o medo a nós, meninas.

Mas, neste exato momento, escolho afastar esse medo de mim. Escolho ser dona das minhas atitudes e escolho abrir mão do lugar que tanto amo. Pela esperança de que vou conseguir amar e viver sem medo um dia.

Aperto os dedos em volta do celular e fico olhando para a paisagem, para o meu lar, até tudo virar um borrão de um único tom de cinza.

Meu Deus.

Por quê?

Por que esta cidade não pode ser o lugar que eu sempre quis que fosse?

Eu só queria voltar para casa, me encaixar aqui de novo. Mas vou fazer o que é certo. Vou ser a amiga da Bean que devia ter sido esse tempo todo.

Noah se agacha e me observa. Deve estar pensando no celular que estou segurando, que não é meu. Estica a mão, hesitante, e dobra os dedos sobre os meus.

Me inclino para a frente sem permitir que meus pensamentos ou meu

nervosismo atrapalhem o jeito como passo os lábios nos dele. Meu corpo canta com desejo e fome da sua boca e das suas mãos e da sua voz rouca e da música que ele toca com poucas cordas, mas me afasto e, por dentro, parece que sou feita de pedra de tanto peso.

– Foi por isso que você foi falar comigo no primeiro dia de aula – repito. Meus dedos brincam com os dele, apertando os seus dedos. Acariciando a palma da sua mão. – Para descobrir o que eu sabia.

Ele respira bem devagar e diz:

– Sim. A Bean sempre foi legal comigo. Queria dar um jeito de as coisas melhorarem para ela.

– A garota mais legal que já existiu – falo, com a voz fraca.

– Kayla... – Ele assume o controle das nossas mãos e passa os dedos nos meus. – Agora tudo é diferente. Me preocupo com você. Soube que não se lembra de nada, e eu... realmente gosto de estar com você. Quero ficar com você.

– Noah... – Engulo seu nome. Decoro seu rosto. Seu beijo, sua voz, sua bondade e paciência. – Não, não quer. Quero te contar uma coisa. Um monte de coisas. Mas, antes, quero que você saiba que não tive a intenção de matar o Steven McInnis.

E não tive mesmo. Queria fazê-lo parar. Fazer os dois pararem. Mas não daquele jeito.

– Eu sei que não – diz Noah.

Encosto as costas da sua mão nos meus lábios.

– Tem mais.

E conto tudo.

Seus dedos largam dos meus antes que eu termine. Ele se levanta quando estou quase acabando. Quando chego na parte em que Jay está apertando meu braço e eu penso que ele vai arrancar o músculo do meu osso, o rosto de Noah se retorce com um ar de dúvida, e uma leve luz de esperança se acende no meu coração. Mas logo ele olha para o chão de novo, com nojo.

Fico em silêncio porque estou chorando demais para conseguir continuar, e ele deve achar que já disse tudo o que tinha para dizer. Noah se afasta tanto

de mim pela trilha que não consegue mais me ouvir falando ou caminhando.

Entramos na sua picape. Me encolho contra a porta do passageiro e abro o vidro para o Noah não precisar respirar o mesmo ar que eu.

Nem consigo contar que estava tentando fazer a coisa certa aquela noite. E como tenho consciência, sempre tive, que acabei fazendo tudo errado.

Não posso dizer para o Noah o quanto foi importante para mim ele ter falado comigo no primeiro dia de aula. Como gosto de tê-lo na minha vida. Como já sinto sua falta.

Quando chego em casa, coloco o celular dentro de um envelope, procuro o nome e o telefone do novo promotor no computador, ligo e deixo uma mensagem. Ele deve encaminhar as ligações do escritório para seu telefone particular, porque retorna minha ligação em quinze minutos. Combinamos de nos encontrar na manhã seguinte, às oito. Ele diz que sou muito corajosa por me apresentar à Justiça. Como se entendesse muito mais sobre a nossa cidadezinha do que imaginamos.

Mais do que nunca, me sinto covarde.

Bean se apresentou à Justiça, apesar dos conselhos da família e da sua melhor amiga.

Como eu deveria ter feito há meses.

Paro no Toffee's antes de ir embora. Está vazio no meio da manhã de segunda-feira. As pessoas estão trabalhando, estão na aula. A família da Bean me mandou um torpedo dizendo que ela vai para a Califórnia amanhã.

A distância traz segurança.

Noah Michaelson não está mais atrás do balcão. Ele contou para o promotor que foi ele quem levou a Bean para casa naquela noite. Que viu como a Bean estava chateada. Perturbada. Que ela não falou nada sobre o que tinha acontecido, mas que ele imaginou e ficou preocupado. Teve certeza quando a Bean finalmente resolveu contar. Quando conversou comigo.

Dizem que Noah foi demitido porque errou o pedido de um cliente.

O cara novo está brincando com as tiras do avental que tem amarrado na cintura.

– Você sabe fazer um Vingança Maia? – pergunto.

Ele faz careta e responde:

– Fazer o quê?

Sacudo a cabeça.

– Deixa quieto. Vou querer um *capuccino* de baunilha.

O rapaz aperta o botão do moedor e bate o suporte do pó de café no balcão. Acho que esse foi o café mais barulhento da minha vida.

Quando põe o café pronto na minha frente, vejo o contorno de um unicórnio desenhado na espuma.

– Legal – digo, sem emoção, e passo uma nota para ele.

Ele sorri, satisfeito, e perfura um cartão-fidelidade, apesar de eu não ter pedido um.

– Tenho treinado.

Coloco um dólar do meu troco no vidro das gorjetas e pego o copo descartável, segurando com força o calor doloroso na palma da mão.

Minhas coisas já estão empacotadas no carro. Eu nunca terminei de desfazer a mala da minha última estada em Kansas City.

Meu pai dirige, e penso meus últimos pensamentos sobre a minha cidade: o marrom dourado dos campos de milho exauridos, o cheiro terroso de feno, a curva suave do rio e seus olhos brilhantes e sua covinha, o sol esquentando o cascalho entre a casa dele e a minha, o dourado da sua pele e o contorno do seu sorriso.

É estranho. Quando saí desta cidade em maio do ano passado, cortou meu coração cada dia que passei longe. Agora, sinto que essas feridas finalmente começaram a mudar. Ainda estão abertas, mas estão limpas, talvez até em processo de cicatrização.

Quando saímos do carro na frente da casa da minha tia, dou um abraço no meu pai.

Não há mais a sensação de desconforto entre nós. Não desde que me apresentei à Justiça.

Fico abraçada na minha mãe por um bom tempo. Sei que ela me ama, mesmo não conseguindo me olhar nos olhos direito neste momento. Acredito que, algum dia, vai conseguir.

E é isso. Não vou me formar com as meninas que chamei a vida inteira de “melhores amigas”. Não vou ter que dizer um adeus triste e esperançoso

quando nos separarmos. Não vou mais poder contar com a ajuda de Estrela de Caramelo para me manter forte, com os pés no chão.

Tudo parece mais leve, como uma risada contagiante.

Você fez bem de contar.

O torpedo chega quando estou parada na porta, observando meus pais irem embora.

De contar pra mim. Para todo mundo. Odeio que você não esteja aqui. Que tenha ido embora por causa disso tudo.

Eu também. É a minha resposta para o Noah Michaelson.

Posso ir te visitar no feriado de Ação de Graças?

Passo o dedo na tela. Mais leve ainda que o beijo que dei nele aquele dia, pouco tempo atrás.

Sei que vou ter que voltar para lá. Tem coisas que preciso dizer na frente de gente que não quer que eu as diga. Tem coisas que preciso dizer para a Bean, apesar de nada do que eu tenha para falar poder apagar o que fiz com ela.

Mas gosto da ideia de ver o Noah longe daquela cidade, daquela gente, e dos acontecimentos que moldaram nossa amizade até agora.

O que podemos ser, se é que podemos ser alguma coisa, em outro lugar.

Ok.

Penso em heróis. Nas pessoas que escolhemos para vestir com uma capa. Em astros como o Jay.

Em como nos permitimos depositar nelas algo mais importante do que acreditamos ter em nós mesmos e como, quando nos decepcionam, lutamos contra isso e escolhemos não acreditar na verdade sobre elas. Porque seus defeitos refletem em quem somos. Não é uma sensação boa perder a confiança em alguém.

Escrevo para o Noah: *Quem é seu herói?*

A resposta demora para chegar.

Os postes da rua se acendem, desafiando o crepúsculo com seu brilho suave.

Tia Bea me chama, e resmungo “sim?”, mas ela não diz mais nada, só queria se certificar de que ainda estou aqui.

Minha mãe, acho. Intervalo. E o seu?

Noah vem à minha cabeça naturalmente. Bean também. Mas, por algum motivo, sinto que ainda é cedo para admitir isso.

Então escrevo: *É, minha mãe também.*

Enfio o celular no bolso. Fecho a porta, seguro firme a alça da mala, vou cruzando o corredor que leva ao meu quarto e pensando sobre ter o coração partido. Sobre queimar.

Em como odeio as pessoas que roubaram meu lar de mim.

Em como espero, um dia, poder me odiar um pouco menos.

Porque lar não é um penhasco que tem uma vista de perder o fôlego nem cheiro de açúcar e canela no ar nem o barulho que os cascos de cavalo fazem quando batem na terra seca.

Lar é onde você pode viver em paz consigo mesmo.

NOTA DA AUTORA

Adeus, promessas é uma obra de ficção do começo ao fim.

No entanto, a história foi influenciada por fatos reais.

Eu não comecei escrevendo um livro sobre estupro. Mas, à medida em que via a cobertura que a imprensa fazia sobre casos de abusos sexuais abafados em uma cidade pequena – depois em outra, e mais uma – não parava de me perguntar: O que essas pessoas pensam? Como elas se sentem? Como todos os envolvidos veem a si mesmos? E eu realmente queria saber de *todos*. Dos agressores e dos sobreviventes, dos amigos, das famílias, dos moradores da cidade, que apoiam um lado ou o outro, das pessoas que expõem esses delitos e das que preferem que tudo continue escondido.

Quis explorar alguns desses pontos de vista em *Adeus, promessas*, ir mais fundo e descobrir qual era a motivação das pessoas – que podem ser transformadas em caricaturas pela mídia – e alcançar meu próprio entendimento e empatia. Não conseguia parar de pensar nos que viram ou suspeitaram de algo, mas acharam que não deviam – ou não conseguiam – denunciar.

E foi assim que a Kayla nasceu.

Caso você tenha sido vítima de abuso sexual ou se é parente ou amigo de alguém que foi abusado, seguem algumas dicas de como prestar o melhor apoio possível. Se alguém lhe contar que foi estupro ou se você conhecer alguma vítima de abuso sexual, siga essas sugestões da Rede Nacional de Assistência a Vítimas de Abuso e Incesto dos Estados Unidos (RAINN) e do Centro contra Abuso Sexual do Sul do Arizona:

Primeiro, antes de mais nada, acredite na vítima. Você pode ser a primeira e única pessoa que dirá a ela: “Eu acredito em você”.

Assegure-se de que a vítima saiba que não tem culpa de ter sido estuprada. Ela pode precisar ouvir que o que aconteceu foi um crime, não um ato sexual consensual.

Nunca se esqueça de que um estupro não é uma relação sexual. É um crime

de abuso de poder e um ataque violento.

Tenha consciência de que o estuprador escolheu cometer esse ato e é o único responsável. Não pergunte para a vítima o que foi que ela fez de “errado” nem fale que poderia ter feito alguma coisa diferente. Essas pessoas são vítimas de um crime.

Passe o telefone ou e-mail de algum serviço de proteção a vítimas de abuso sexual, caso a pessoa decida prestar queixa.* Empodere a vítima sendo compreensivo e a encorajando sem, contudo, pressioná-la para tomar uma atitude antes que esteja preparada para isso. Além da cultura do estupro e dos mitos sobre esse crime que desencorajam as denúncias em um nível social mais amplo, as vítimas de abuso podem ter que lidar com pressões culturais fortes (como a Bean enfrentou, por morar em uma cidade pequena) ou até sua própria dinâmica familiar. Aproximadamente, dois terços dos estupros são cometidos por um conhecido da vítima, e quase 35 por cento dos estupros de adolescentes são cometidos por algum integrante da família da vítima.

Cuide-se. Fale com alguém sobre o que você pode fazer para ajudar, sobre seus sentimentos, como suportar a dor, e sobre as maneiras de lidar com isso de forma saudável.

De todo modo, seja o melhor amigo que puder.

Vítimas de abuso sexual precisam de amigos.

Com amor e amizade,

Kristin.

* No Brasil, o abuso contra crianças e adolescentes pode ser denunciado discando 100 ou mandando e-mail para disquedenuncia@sdh.gov.br. A Secretaria de Direitos Humanos da Previdência da República também elaborou uma cartilha de prevenção, que pode ser acessada [no endereço: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/sedh/cartilha_educativa.pdf>](http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/sedh/cartilha_educativa.pdf). Além disso, a denúncia de violência doméstica pode ser feita em qualquer delegacia, com o registro de um boletim de ocorrência, ou pela Central de Atendimento à Mulher (Ligue 180), serviço da Secretaria de Políticas para as Mulheres. A denúncia é anônima e gratuita, disponível 24 horas, em »

todo o país. Para proteger e ajudar as mulheres a entenderem quais são seus direitos, em 2014, a Secretaria lançou um aplicativo para celular (Clique 180) que traz diversas

informações importantes, como os tópicos da Lei Maria da Penha. (N.T.).